

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

CARLA ANDRÉA MAZZOCHIN

ENXUGAMENTO DAS REDAÇÕES DE TELEJORNALISMO NO INTERIOR DO  
PARANÁ: ABORDAGEM SOBRE UMA REDAÇÃO DO PRINCIPAL  
CONGLOMERADO REGIONAL – RPC/REDE GLOBO

PONTA GROSSA  
2023

CARLA ANDRÉA MAZZOCHIN

ENXUGAMENTO DAS REDAÇÕES DE TELEJORNALISMO NO INTERIOR DO  
PARANÁ: ABORDAGEM SOBRE UMA REDAÇÃO DO PRINCIPAL CONGLOMERADO  
REGIONAL – RPC/REDE GLOBO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Jornalismo, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Linha de Pesquisa: Processos Jornalísticos e Práticas Sociais, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Jornalismo.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Hebe Maria Gonçalves de Oliveira.

**PONTA GROSSA  
2023**

M477

Mazzochin, Carla Andréa

Enxugamento das redações de telejornalismo no interior do Paraná: abordagem sobre uma redação do principal conglomerado regional - RPC/Rede Globo / Carla Andréa Mazzochin. Ponta Grossa, 2023.

104 f.

Dissertação (Mestrado em Jornalismo - Área de Concentração: Processos Jornalísticos), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Hebe Maria Gonçalves de Oliveira.

1. Jornalismo. 2. Telejornalismo. 3. Trabalho - demissões. 4. Trabalho - enxugamento. 5. Rpc. I. Oliveira, Hebe Maria Gonçalves de. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Processos Jornalísticos. III.T.

CDD: 079.81

ENXUGAMENTO DAS REDAÇÕES DE TELEJORNALISMO NO INTERIOR DO  
PARANÁ: ABORDAGEM SOBRE UMA REDAÇÃO DO PRINCIPAL  
CONGLOMERADO REGIONAL – RPC/REDE GLOBO

Dissertação entregue como requisito final para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Jornalismo de Ponta Grossa, setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa, 17 de novembro de 2023.



---

Orientadora Dra. Hebe Maria Gonçalves de  
Oliveira Doutora em Ciência da  
Comunicação  
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Documento assinado digitalmente  
 PAULA MELANI ROCHA  
Data: 01/02/2024 19:24:39-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Professora Dra. Paula Melani  
Rocha Doutora em Ciências  
Sociais  
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)



---

Professora Dra. Elaine Javorski  
Doutora em Sociologia da Comunicação e dos  
Media Universidade Federal do Maranhão  
(UFMA)

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
APLICADAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

TERMO DE RESPONSABILIDADE

**Declaração de Compromisso Ético com a Originalidade Científico-Intelectual**

Eu, Carla Andréa Mazzochin, responsabilizo-me pela redação do trabalho intitulado “ENXUGAMENTO DAS REDAÇÕES DE TELEJORNALISMO NO INTERIOR DO PARANÁ: ABORDAGEM SOBRE UMA REDAÇÃO DO PRINCIPAL CONGLOMERADO REGIONAL – RPC/REDE GLOBO, e atesto que todos os trechos que tenham sido transcritos de outros documentos (publicados ou não) e que não sejam de minha exclusiva autoria estão citados entre aspas, com a devida indicação da fonte (autor e data) e a página de que foram extraídos (se transcritos literalmente), ou somente indicados autor e data (se utilizada a ideia do autor citado), conforme normas e padrões da ABNT vigentes. Declaro, ainda, ter pleno conhecimento de que posso ser responsabilizada legalmente caso infrinja tais disposições.

Ponta Grossa, 20 de novembro de 2023



Carla Andréa Mazzochin  
R.A 3100121007018

## AGRADECIMENTOS

Somente quando aprendemos a sermos gratos pelos ensinamentos da vida é que compreendemos o quanto somos um ser inacabado e em constante aprendizagem. Muito do que sabemos só nos é permitido por meio da convivência e troca de experiência com as pessoas. Sendo assim, não poderia finalizar essa dissertação sem antes reconhecer que não a fiz sozinha. Várias pessoas fizeram parte dessa caminhada e me auxiliaram no processo de construção e realização desse trabalho.

Agradeço primeiramente à **Deus**, por me permitir chegar até aqui, me fortalecendo nos momentos difíceis, sendo meu escudo e minha fortaleza.

Ao meu irmão, **Emilio Izidoro Mazzochin**, pelo carinho, apoio emocional e aporte financeiro sem o qual não teria condições de concluir as disciplinas.

Ao meu companheiro, **Luiz Adriano Bida**, por me fazer acreditar que tudo daria certo, e principalmente pela paciência em continuar ao meu lado, mesmo em dias que nem eu mesma conseguia estar.

À minha orientadora **Hebe Gonçalves de Oliveira**, que esteve ao meu lado esclarecendo minhas dúvidas com paciência e sabedoria, a cada fase desta pesquisa.

As professoras Doutoras **Paula Melani Rocha** e **Elaine Javorski**, por aceitarem o convite de compor a banca da defesa, e colaborar com o aprimoramento desse estudo, me proporcionando novos saberes.

Agradeço em especial à minha amiga **Karina Fioravante**, pelo incentivo e por responder prontamente a cada pedido de socorro estudando comigo e não deixando com que o cansaço ou o desespero me impedissem de prosseguir. Aos demais amigos que estiveram ao meu lado me incentivando e auxiliando de alguma forma.

Agradeço aos **Professores e colegas de turma**, pelos momentos de debates e discussões, que foram importantes e constituíram esta pesquisadora com a troca enriquecedora de ideias.

Minha gratidão eterna aos meus pais **Izrael Mazzochin e Clecires Maria Turra Mazzochin** (*in memoriam*) que sempre me incentivaram e me mostraram o valor da educação. Seus ensinamentos baseados na retidão de caráter, na honestidade e na dignidade são o meu norte e sempre serão. À eles meu reconhecimento por todo o esforço que fizeram para que eu hoje pudesse estar realizando um sonho profissional e pessoal.

## RESUMO

A cada ano, o mercado de trabalho jornalístico formal mostra-se cada vez mais tímido frente à redução de postos de trabalho e reestruturação de equipes. Os profissionais que conseguem se manter nas redações convivem com uma estrutura enxuta, salários defasados e acúmulo de funções. Nos últimos anos, exercer a profissão no telejornalismo, com o aumento do número de demissões, tornou-se um grande desafio. A redução de gastos com folha de pagamento e o uso de novas tecnologias são apontados como os principais motivos para os desligamentos e fechamentos de postos. Esta pesquisa trata sobre a redução no número de jornalistas nas redações do telejornalismo no interior do Paraná, nos últimos 20 anos, tendo como referência as emissoras do principal grupo de mídia do Estado, a Rede Paranaense de Comunicação (RPC), retransmissora da Rede Globo. A pesquisa tem como referencial teórico a questão da relação entre capital e trabalho a partir de Marx, com suporte de autores como Harvey (1980), que estuda as alterações no modo de produção e nas relações de trabalho, e Alves (2011), que discute as mudanças na organização do trabalho. Outra referência a se destacar para esta pesquisa é Pavlik (2000), com a abordagem sobre os novos rumos traçados pelo jornalismo e o papel do profissional diante das transformações tecnológicas. E por fim, sobre as mudanças tecnológicas e as novas formas de produzir e consumir conteúdo que provocaram transformações no trabalho jornalístico, Castells (2010) que colabora significativamente no norteamento deste estudo. Como instrumento de coleta de dados, a pesquisa de caráter qualitativo trabalha com entrevistas (Poupart, 2010; Duarte, 2010). Quanto a pesquisa de campo além de entrevistar profissionais que atuam/atuaram na RPC, também foi observada durante o período de uma semana a edição do Meio Dia do telejornal de Ponta Grossa. A pesquisa revelou as mudanças no telejornalismo no interior do Paraná, impactadas pelas transformações tecnológicas, bem como o enxugamento de profissionais nas redações, com demissões de pessoal e extinção de funções. Conseqüentemente também apontou a desvalorização do jornalista de televisão com a precarização do trabalho, da informação e da redução de salários.

**Palavras- chave:** Demissões; Enxugamento; Trabalho; Jornalismo; RPC; Telejornalismo.

## ABSTRACT

Every year, the formal journalistic job market appears increasingly timid in the face of job cuts and team restructuring. Professionals who manage to stay in newsrooms live with a lean structure, outdated salaries and an accumulation of functions. In recent years, working in television journalism, with the increase in the number of layoffs, has become a major challenge. The reduction in payroll expenses and the use of new technologies are cited as the main reasons for layoffs and job closures. This research deals with the reduction in the number of journalists in television newsrooms in the interior of Paraná, in the last 20 years, taking as a reference the stations of the main media group in the State, Rede Paranaense de Comunicação (RPC), retransmitter of Rede Globo. The research has as its theoretical reference the issue of the relationship between capital and labor based on Marx, with support from authors such as Harvey (1980), who studies changes in the mode of production and labor relations, and Alves (2011), who discusses changes in work organization. Another reference to stand out for this research is Pavlik (2000), with his approach to the new directions outlined by journalism and the role of the professional in the face of technological transformations. And finally, regarding technological changes and new ways of producing and consuming content that have caused transformations in journalistic work, Castells (2010) helps guide the direction of this study. As a data collection instrument, qualitative research uses in-depth interviews (Poupart, 2010; Duarte, 2010). As for field research, in addition to interviewing professionals who work/worked in the PRC, the Meio Dia edition of the Ponta Grossa television news program was also observed over a period of one week. The research revealed the changes in television journalism in the interior of Paraná, impacted by technological transformations, as well as the downsizing of professionals in the newsrooms, with staff layoffs and the elimination of functions. Consequently, he also pointed out the devaluation of television journalists with the precariousness of work, information and reduced salaries.

**Keywords- Layoffs:** Downsizing; Labor Relations; Journalism; RPC; Television journalism.

*Não vês que somos viajantes?  
E tu me perguntas: Que é viajar?  
Eu respondo com uma palavra: é avançar!  
Experimentais isto em ti  
Que nunca te satisfaças com aquilo que és  
Para que sejas um dia aquilo que ainda não  
és.  
Avança sempre!  
Não fiques parado no caminho.  
(Santo Agostinho)*

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Número de empregos formais no Paraná onde a RPC tem emissora.....	15
<b>Gráfico 2:</b> Evolução do número de demissões de jornalistas.....	54
<b>Gráfico 3:</b> Perfil dos entrevistados - Idade.....	75
<b>Gráfico 4:</b> Perfil dos entrevistados - Tempo de serviço.....	76
<b>Gráfico 5:</b> Perfil dos entrevistados - Escolaridade.....	77

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Trajetória no setor televisivo do Grupo RPC .....	46
<b>Quadro 2:</b> Roteiro de entrevista .....	51
<b>Quadro 3:</b> Configuração da Redação da RPC em Ponta Grossa em 2019/2020 .....	57
<b>Quadro 4:</b> Configuração da Redação da RPC no interior do Paraná em agosto/2023 .....	59
<b>Quadro 5:</b> Principais mudanças na rotina produtiva da RPC Ponta Grossa .....	62
<b>Quadro 6:</b> Produção Meio Dia Paraná dia 27/03/2023 .....	64
<b>Quadro 7:</b> Produção Meio Dia Paraná dia 28/03/2023 .....	66
<b>Quadro 8:</b> Produção Meio Dia Paraná dia 29/08/2023 .....	68
<b>Quadro 9:</b> Produção Meio Dia Paraná dia 30/03/2023 .....	70
<b>Quadro 10:</b> Produção Meio Dia Paraná dia 31/03/2023 .....	72
<b>Quadro 11:</b> Perfil dos Entrevistados – Ocupação .....	77
<b>Quadro 12:</b> Perfil dos entrevistados – Características Gerais .....	78

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Evolução do Emprego Formal e remuneração média dos Profissionais de jornalismo, na RMC, Paraná e Brasil – 2006 a 2021 .....	17
--	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1 O TRABALHO COMO CATEGORIA EXPLICATIVA: VALOR, ALIENAÇÃO E BEM IMATERIAL.....</b>	<b>22</b>
1.1 TRABALHO A PARTIR DA PERSPECTIVA MARXISTA: VALOR E ALIENAÇÃO .....	22
1.2 TRABALHO NA PERSPECTIVA DO TOYOTISMO .....	29
1.3 TRABALHO COMO BEM IMATERIAL .....	30
1.4 TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÕES DO TRABALHO NO TELEJORNALISMO.....	32
<b>2 NARRATIVAS SOBRE A TV NO PARANÁ E OS PERCURSOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>38</b>
2.1 TELEVISÃO NO BRASIL: DO MODELO RADIOFÔNICO A CONSOLIDAÇÃO DA REDE GLOBO .....	38
2.2 A TELEVISÃO NO PARANÁ E A SUPREMACIA DO GRUPO RPC.....	40
2.3 A DIGITALIZAÇÃO E AS MUDANÇAS NA ROTINA DO TELEJORNALISMO .....	46
2.4 ENTREVISTA COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO .....	48
<b>3 A PRECARIZAÇÃO NO SERVIÇO JORNALÍSTICO.....</b>	<b>53</b>
3.1 DEMISSÕES NO TELEJORNALISMO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE DADOS DO SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS DO PARANÁ .....	53
3.2 A PANDEMIA E A PRECARIZAÇÃO NA PRÁTICA JORNALÍSTICA .....	60
3.2.1 Mudanças na redação da TV Esplanada em Ponta Grossa.....	61
3.2.2 Observação do Telejornal da emissora de Ponta Grossa.....	62
3.2.2.1 Primeiro dia da observação.....	62
3.2.2.2 Segundo dia da observação.....	64
3.2.2.3 Terceiro dia da observação .....	66
3.2.2.4 Quarto dia da observação .....	69
3.2.2.5 Quinto dia da observação .....	70
<b>4 ENXUGANDO AS REDAÇÕES: TELEJORNALISMO EM PERSPECTIVA .....</b>	<b>74</b>
4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE OS DADOS.....	74
4.2 ALTERAÇÕES ESTRUTURAIS DA REDAÇÃO .....	79
4.3 DO ANALÓGICO AO DIGITAL.....	81
4.4 MUDANÇAS NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS.....	85

4.5 ENXUGANDO AS REDAÇÕES.....	86
4.6 O FUTURO DA PROFISSÃO DE JORNALISTA.....	89
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>96</b>
<b>APÊNDICE A – ENTREVISTA COM CÉLIO MARTINS PRESIDENTE DO SINDIJOR/PR CONCEDIDA EM 09 DE JUNHO DE 2023.....</b>	<b>100</b>

## INTRODUÇÃO

O setor jornalístico passou por várias transformações nas últimas décadas, influenciadas principalmente pelo avanço da tecnologia e mudanças no comportamento do consumo de notícias. Muitas organizações de mídia enfrentaram desafios financeiros e precisaram tomar medidas, como demissões, para se adaptarem a esse cenário. Com o aumento do consumo de notícias online, várias organizações de mídia tiveram que se ajustar e investir em suas plataformas digitais. Autores como Pavlik (2000) e Castells (2010) discutem os rumos traçados pelo jornalismo e o papel do profissional diante das transformações, bem como as mudanças tecnológicas que alteraram a forma de produzir e consumir conteúdo e que continuam provocando transformações no trabalho jornalístico.

Uma profissão acostumada a debater e trabalhar com informações sobre demissões não vê sua realidade divulgada para a sociedade e os assuntos que dizem respeito ao jornalismo quando publicados são direcionados apenas aos profissionais da área.

Uma pesquisa do Programa de Pós Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (2022), “*Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho*”, realizada entre 16 de agosto e 1º de outubro de 2021, com 7.029 jornalistas de todo o Brasil, mostra a redução e a precarização do trabalho. Os dados apontam para as mudanças nas rotinas profissionais ocorridas nos últimos 20 anos que não só promoveram o enxugamento das redações, como também afetaram a saúde dos profissionais.

Alterações estas que foram motivadas, segundo os números da pesquisa, pelas transformações estruturais do capitalismo e da política de expansão de cursos superiores, além da redemocratização do país e as mudanças na regulamentação profissional. A combinação desses fatores, de acordo com os pesquisadores, ocasionou uma reconfiguração na atuação do jornalista passando a exigir desses profissionais outras habilidades.

A pesquisa *Perfil do jornalista brasileiro 2021* mostra que, entre 2012 e agosto de 2018, pelo menos 2.327 jornalistas brasileiros foram demitidos<sup>1</sup>. O tipo de contratação também teve variação com a redução de vínculos trabalhistas. Do total de pesquisados, 24% disseram ser freelancers, prestadores de serviços Pessoa Jurídica (PJ) ou Microempreendedor Individual (MEI).

Outro dado da pesquisa *Perfil do Jornalista brasileiro 2021* (2022) é quanto à jornada

---

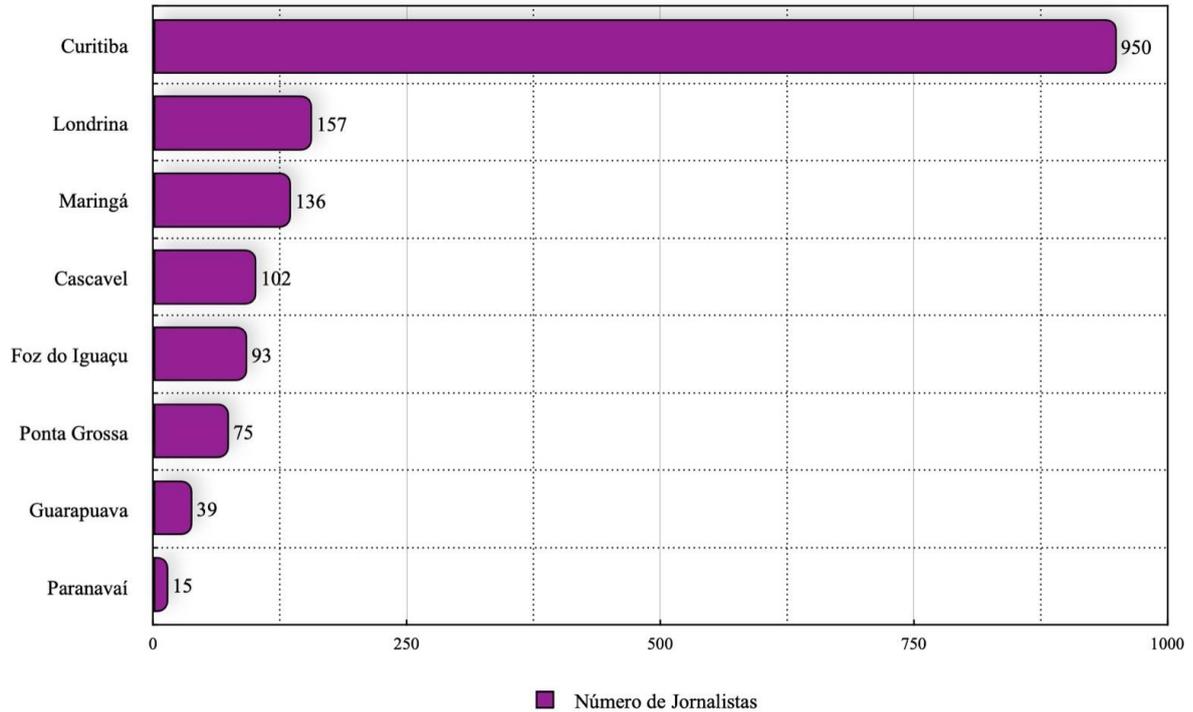
<sup>1</sup> Pesquisa realizada pelo Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro/UFSC) e pela Rede de Estudos sobre Trabalho e Profissão (RETIJ), da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Disponível: <https://perfildojornalista.ufsc.br>.

de trabalho: o percentual de jornalistas com carga diária superior a 8h é elevado com 42,2% dos entrevistados. E, ao considerar que 60% dos jornalistas brasileiros têm menos de 40 anos, os dados da amostragem apontam para um problema futuro sobre a saúde laboral dos jornalistas, uma vez que os indicadores de saúde confirmam a deterioração das condições de trabalho, que produzem efeitos nocivos aos trabalhadores do jornalismo como: 66,2% declararam se sentir estressados/as no trabalho; 31,4% disseram receber indicação para tomar antidepressivos; 20% revelaram ter diagnósticos de Lesões por Esforços Repetitivos (LER) e/ou Distúrbios Osteomusculares relacionados ao Trabalho/DORT; e ainda 40% dos/as profissionais afirmaram já ter sofrido assédio moral. No que se refere à renda mensal, 60% dos jornalistas disseram receber menos de R\$ 5,5 mil por mês e apenas 12% recebem acima de R\$ 11 mil.

Dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), elaborado em 2021 e divulgado pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos SocioEconômico (DIEESE), apontam que foram perdidos 13.333 postos de trabalho em cinco anos no setor jornalístico no país. No período de 2014 a 2016 foram demitidos 6.749 jornalistas (-14,04%). Já de 2018 a 2021 o número de demissões chegou a 6.584 (-15,60%). Quanto a remuneração média em 2021 foi de R\$ 5.846,75, índice 135,86% maior que a remuneração média de 2006 quando o salário do jornalista chegou a R\$ 2.478,86.

Ainda de acordo com os dados da pesquisa citada no parágrafo anterior, o número de empregos no Paraná aumentou em 20,83% no período que compreende os anos de 2006 a 2021. Entretanto de 2014 a 2020 o número de demissões se mostrou significativo com 599 empregos perdidos, um índice negativo de 24,05%. Dos estados brasileiros que concentram o maior número de profissionais do Jornalismo, o Paraná ocupava a sétima colocação com 4,9% do total de empregos ofertados pelo setor.

Regionalmente, verificou-se que os empregos estavam distribuídos principalmente na Capital do Estado: Curitiba com 950 (49,5%), seguido de Londrina, com 157 (8,2%), Maringá com 136 (7,1%), Cascavel com 102 (5,3%), Foz do Iguaçu com 93 empregos (4,85%) e Ponta Grossa com 75 empregos (3,9%). Totalizando 78,8% dos empregos gerados no Estado no setor do jornalismo.

**Gráfico 1** - Número de Empregos Formais no Paraná onde a RPC tem Emissora

**FONTE:** Dieese - Pesquisa Perfil do Jornalista brasileiro (2021).

Com relação às ocupações, observou-se que em 2021 os Profissionais de Jornalismo estavam distribuídos da seguinte forma: Editor (29,0%), Jornalista (26,3%), Assessor de imprensa (14,9%), Repórter (14,2%); Revisor de texto (10,7%), Produtor de texto (2,8%), Diretor de redação (1,1%) e Arquivista pesquisador (1,0%).

Conforme ainda este estudo, a televisão aberta foi o setor que mais empregou no Paraná em 2021 com 394 empregos formais (20,5%), acompanhado de outras atividades como administração pública em geral com 243 (12,7%), jornais impressos com 144 (7,5%), e rádio com 72 (3,8%).

Quanto ao perfil do jornalista paranaense nesse período, o mercado englobava 991 mulheres (51,6%), enquanto o número de homens chegava a 929 (48,4%). Mesmo sendo maioria, as mulheres receberam um salário de quase 1% menor em relação a remuneração paga aos profissionais do sexo masculino (0,65%). Na questão da idade, a faixa com maior participação no mercado ficou entre os jornalistas de 30 a 39 anos, sendo um total de 733 jornalistas (38,2%), e os 24 profissionais com 65 anos ou mais foram os que receberam salários mais altos tendo em média uma remuneração de R\$ 8.685,68.

Do total de trabalhadores, 1.333 (69,4%) possuíam ensino superior completo; 1295 (67,4%) trabalhavam em empresas privadas; (67,2%) 717 profissionais recebiam até cinco

salários mínimos (R\$ 5.500,00); 636 jornalistas (33,1%) possuíam contrato de 21 a 30 horas semanais e 393 estavam no emprego há 10 anos ou mais (20,5%).

No tocante as horas contratuais: 90,5% dos trabalhadores estavam contratados para três faixas: 21 a 30 horas semanais (33,1%), 41 a 44 horas semanais (31,65) e 31 a 40 horas (25,8%). A maior remuneração média foi percebida pelos trabalhadores com contrato de 31 a 40 horas no valor de R\$ 6.561,88). Outro apontamento feito pela pesquisa é que mais de dois terços dos trabalhadores (67,4%) estavam empregados em Entidades empresariais privadas, seguido de 14,6% em Entidades sem fins lucrativos e 11,4% no Setor Público Municipal, somando 93,5% do total.

Referente a rendimentos em dezembro de 2021, as maiores participações estavam nas faixas de três a cinco salários mínimos (37,3%), até três salários mínimos (29,8%) e de cinco a sete salários mínimos (15,8%). Juntas estas três faixas concentravam 8,30% dos trabalhadores. Mais de dois terços (67,2%) dos trabalhadores recebiam até cinco salários mínimos em 2021.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Valor do Salário Mínimo em 2021 era de R\$ 1.100,00.

**Tabela 1** – Evolução do Emprego Formal e remuneração média dos Profissionais de Jornalismo, na RMC, Paraná e Brasil – 2006 a 2021

Período	RMC			Paraná			Brasil		
	Emprego	Var. (%)	Rem. Média	Emprego	Var. (%)	Rem. Média	Emprego	Var. (%)	Rem. Média
2006	796	-	2.964,15	1.589	-	2.310,09	33.864	-	2.478,86
2007	833	4,65%	3.150,77	1.728	8,75%	2.410,22	37.200	9,85%	2.513,54
2008	988	18,61%	3.337,49	1.941	12,33%	2.624,81	37.870	1,80%	2.749,77
2009	1.131	14,47%	3.503,46	2.241	15,46%	2.805,91	39.720	4,89%	2.862,93
2010	1.165	3,01%	3.749,41	2.319	3,48%	2.995,94	42.442	6,85%	3.103,14
2011	1.152	-1,12%	4.115,06	2.359	1,72%	3.274,00	45.954	8,27%	3.360,66
2012	1.144	-0,69%	4.558,96	2.331	-1,19%	3.652,37	44.915	-2,26%	3.713,02
2013	1.209	5,68%	5.011,93	2.491	6,86%	4.050,53	48.077	7,04%	3.853,15
2014	1.180	-2,40%	5.356,96	2.487	-0,16%	4.278,22	47.637	-0,92%	4.190,16
2015	1.088	-7,80%	5.719,43	2.296	-7,86%	4.757,80	45.818	-3,82%	4.595,78
2016	1.038	-4,60%	6.203,65	2.107	-8,23%	5.140,82	41.328	-9,80%	5.234,62
2017	1.008	-2,89%	6.060,47	2.106	-0,05%	5.118,93	42.197	2,10%	5.159,82
2018	1.031	2,28%	6.189,84	2.084	-1,04%	5.238,26	39.865	-5,53%	5.419,27
2019	998	-3,20%	6.053,48	2.041	-2,06%	5.177,25	39.463	-1,01%	5.317,33
2020	989	-0,90%	6.128,35	1.892	-7,30%	5.377,38	35.613	-9,76%	5.865,21
2021	952	-3,74%	6.031,36	1.920	1,48%	5.288,57	38,926	9,30%	5.846,75
Var. (%) 2013/2006	51,88%	-	69,08%	56,77%	-	75,34%	41,97%	-	55,44%
Var. (%) 2021/2013	-21,26%	-	20,34%	-22,92%	-	30,56%	-19,03%	-	51,74%
Var. (%) 2021/2006	19,60%	-	103,48%	20,83%	-	128,93%	14,95%	-	135,86%

FONTE: Dieese (2006-2021)

Outra pesquisa divulgada em maio de 2023 pelo Sindicato de Profissionais Jornalistas do Paraná (Sindijor-Pr) aponta que o número de demissões no Estado no período que compreende 2011 a 2015 foi de 487 jornalistas pelas empresas de rádio, TVe jornal impresso. Só no setor televisivo nesses quatro anos foram cerca de 279 demissões. Já entre julho de 2020 a julho de 2021 o número de jornalistas demitidos no Estado chegou a 58. Destes, 52 eram de Tv; um de rádio; quatro de jornais impressos e um de assessoria de imprensa.

Na RPC conforme dados do Dieese e do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná (Sindijor-Pr), a demissão no quadro de funcionários, nos últimos 20 anos foi de 177 jornalistas. Sendo assim um estudo qualitativo e quantitativo, de caráter descritivo, a partir de entrevistas com cerca de 10% destes profissionais do jornalismo, que atuaram e ainda atuam nas redações da empresa validam que o cenário voltado ao setor jornalístico vem passando não só por uma transformação estrutural, mas também de produção e do perfil dos profissionais. Dessa forma, pretende-se apresentar nesta pesquisa um conjunto de dados e análises que remetem à preocupação inicial que é o enxugamento das redações do telejornalismo a partir de uma abordagem de uma emissora da RPC, no interior do Estado.

Nesse sentido, a pesquisa permite conhecer melhor não só a questão do enxugamento no grupo, como também pode vir a contribuir em futuros estudos, que mostrem o que os conglomerados representam para o desenvolvimento da mídia no Estado e a oferta de empregos no setor de comunicação.

Em busca de maior entendimento no que se refere ao enxugamento das redações jornalísticas e com base nas mudanças que apontam para uma precarização no trabalho jornalístico, esta pesquisa buscou verificar a evolução da redução do número de demitidos na RPC, por tratar-se do maior conglomerado de empresas de comunicação no Paraná.

A pesquisa partiu dos dados do Dieese e do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná (Sindijor-Pr), que apontam a demissão de 177 jornalistas do seu quadro de funcionários, nos últimos 20 anos, além de um estudo qualitativo e quantitativo, de caráter descritivo, a partir de entrevistas com cerca de 10% destes profissionais do jornalismo, que atuaram e ainda atuam nas redações da empresa. Para a consulta foram seguidos os preceitos éticos em pesquisa, aprovados pelo Comitê de Ética na Pesquisa, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), inscrito na Plataforma Brasil, conforme as recomendações do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Autorização para Utilização de Uso de Transcrição Textual de Entrevista Escrita ou Gravada, documentos aprovados pelo Comitê de Ética na Pesquisa da UEPG.

Este estudo procura observar o enxugamento das redações buscando traçar parâmetros de como se deu esse fenômeno, além de discutir a maneira que vem se concretizando todo o processo de demissão dentro das redações do telejornalismo no interior do Estado. De forma mais abrangente, a intenção é evidenciar as reduções de postos de trabalho para jornalistas, tendo como referência a RPC considerada como a maior emissora de canal aberto no Estado. O grupo, com sede em Curitiba, está presente em diferentes regiões do Paraná com afiliadas em

Cascavel, Foz do Iguaçu, Guarapuava, Londrina, Maringá, Paranavaí e Ponta Grossa.

Entre os objetivos específicos dessa pesquisa estão:

- a) compreender o cenário atual de demissões em telejornalismo;
- b) identificar a frequência com que ocorreram as demissões no período proposto pela pesquisa;
- c) Constatar as mudanças na redação de um telejornal a partir da redução no número de jornalistas.

Esta pesquisa em princípio se correlaciona a questões pessoais, uma vez que esta pesquisadora exerceu a profissão por 26 anos e passou por várias experiências em diferentes redações de jornal impresso semanal como a Gazeta Regional, diário como Jornal da Manhã e Diário dos Campos, onde exerceu a função de repórter e editora de economia, além de ter atuado por 17 anos em TV, onde ocupou respectivamente as funções de produtora e editora de um dos jornais regionais da RPC, em Ponta Grossa. Nesse período na empresa, esta autora vivenciou mudanças na estrutura organizacional, o que possibilitou acompanhar implantações de novos equipamentos tecnológicos, criação de novos formatos jornalísticos, junções de equipes, demissões, entre outras medidas, que exigiram rápida adaptação por parte dos profissionais. Também presenciou contratos mais flexíveis, com acúmulos de funções para as novas admissões, assim como ocorreu para profissionais com mais tempo de casa. As observações resultantes da vivência empírica por esta pesquisadora no cotidiano de trabalho da redação foram provocativas para esta investigação científica sobre o atual cenário de enxugamento nas empresas jornalísticas, especificamente no telejornalismo.

A primeira aproximação do campo de pesquisa consistiu no levantamento de dados do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná, (Sindijor-Pr) que aponta um número considerável de demissões nos últimos 20 anos. Os dados obtidos até aqui balizaram alguns questionamentos com relação as mudanças ocorridas no setor jornalístico nesse período.

Foi realizada uma pesquisa nos principais motores de busca disponibilizados na internet, como Portal do Scielo, Portal de Periódicos da Capes, utilizando palavras-chave como “enxugamento no jornalismo”, “demissões no jornalismo”, “jornalistas demitidos” e “demissões”. A busca online foi realizada de forma manual e considerou todos os resultados que continham os termos de busca no título, resumo ou palavras-chave, sem delimitador de tempo e a partir desse levantamento foram apontados um total de 15 trabalhos, onde se pode verificar que a discussão sobre o tema ainda é escassa.

No catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foram encontrados trabalhos que muito contribuíram para este

estudo como a dissertação de mestrado “*Mudar ou partir: O impacto da era de demissões da imprensa sobre jornalistas*”, de autoria de Liana Haygert Pithan, concluída em 2018, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que trata sobre o êxodo nas redações com alterações na produção e no consumo de notícias e das mudanças que impactaram os jornalistas em relação à profissão, trabalho e planos para continuar na atividade.

A pesquisa de Sérgio Magalhães Garchagen, em sua obra “*Cemitério dos elefantes – a exclusão de jornalistas veteranos nas redações do Distrito Federal*”, concluída em 2007, também trouxe uma abordagem importante da realidade do profissional e a extinção dos profissionais antigos, propondo a soma do entusiasmo da juventude com a experiência da maturidade para um jornalismo melhor. No Caderno da Escola Brasileira de Administração Pública de Empresas (EBAPE), da Fundação Getúlio Vargas, o artigo: “*Carreiras vulneráveis: uma análise das demissões da mídia como um ponto de inflexão para jornalistas,*” publicado em 2020, se aproximou um pouco do tema em estudo. Nesse trabalho, as autoras Liana Haygert Hithan, Marcia Cristiane Vaclavik e Andrea Poletto Oltramari, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), discutem a demissão no setor jornalístico como um fenômeno que afeta a perspectiva do sujeito e da força do trabalhador, além de fazer uma reflexão sobre permanecer ou não na carreira após uma demissão.

Também foram feitas buscas nas bibliotecas digitais nas Universidades Federais como do Rio de Janeiro (UFRJ), de Minas Gerais (UFMG), do Paraná (UFPR) e São Paulo (USP), além das Universidades Estaduais como Ponta Grossa (UEPG), Maringá (UEM), Londrina (UEL), e a Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), porém não se identificou pesquisas que retratem o cenário de demissão no Estado. A escassez de pesquisas na temática que perpassa o objeto desta investigação confirmou a importância de se dedicar ao tema.

Foi feita ainda uma análise documental e a observação de um dos telejornais regionais, além da realização de entrevistas com os profissionais que atuam ou já atuaram na emissora em diferentes funções, o que possibilitou tratar do fenômeno da demissão no telejornalismo no interior do Paraná. A entrevista individual possibilitou ouvir funcionários, ex- funcionários e dirigentes que se desligaram ou foram demitidos, que vivenciaram ou presenciaram o processo de enxugamento na empresa.

Já havia uma inclinação ao tema, na medida em que esta pesquisadora, como jornalista, se deparou com situações de redução de equipe. E como já conhecia as dificuldades mais comuns enfrentadas pelos jornalistas no exercício da profissão, em especial nas funções exercidas por esta autora na cidade de Ponta Grossa, tornou-se mais fácil conseguir abertura para o diálogo investigativo entre os grupos de jornalistas. O primeiro campo exploratório,

realizado em julho de 2021, consistiu em uma conversa informal com um integrante do Sindicato dos Jornalistas do Paraná. Na ocasião, o mote foi quantificar o número de jornalistas demitidos em um espaço de tempo e dessa forma alguns aspectos se sobressaíram, como a demissão de 52 jornalistas da área de televisão.

Para referenciar este estudo, a dissertação se estrutura a partir de quatro capítulos. O primeiro deles tem como objetivo trazer reflexões teóricas sobre o fenômeno de enxugamento das redações no jornalismo. O referencial teórico parte da questão do trabalho sob a perspectiva de Marx (1982); Harvey (2005); Saad Filho (2003), bem como as modificações e transformações a partir do toyotismo Alves (2011); Amorin (2014); Bauman (2008) e das constantes alterações trazidas pelo desenvolvimento tecnológico Rosa e Toniazzo (2010); Salaverría (2015) e Castells (2010).

O segundo capítulo tem como foco a TV Paranaense sua criação e os modelos seguidos com algumas referências em autores como Jambeyro (2002); Dalpícolo (2010) e Baracho (2006). No terceiro capítulo a abordagem é sobre as demissões e a precarização do trabalho no telejornalismo ilustrados por meio de números, gráficos e quadros, elaborados a partir dos números obtidos junto a Sindicatos, Departamentos de Estatísticas Socioeconômicos além de entrevistas e observações de telejornais. E por fim, o quarto e último capítulo apresenta os resultados desta pesquisa, a partir das entrevistas realizadas com profissionais que atuaram ou que ainda atuam no telejornalismo. O relato dos entrevistados jornalistas confirmam uma triste realidade que são as redações cada vez mais enxutas, munidas de profissionais com sobrecarga de trabalho e uma precarização da profissão, sob os impactos das mudanças tecnológicas no telejornalismo e desvalorização da profissão.

## 1 O TRABALHO COMO CATEGORIA EXPLICATIVA: VALOR, ALIENAÇÃO E BEM IMATERIAL

Esse primeiro capítulo tem como objetivo discutir principalmente as proposições teóricas para esta pesquisa e trazer reflexões teóricas sobre o fenômeno de enxugamento das redações no telejornalismo. Discute ainda a questão do trabalho perpassando pela perspectiva marxista, o valor e alienação do trabalho. São apresentados também alguns aspectos acerca do toyotismo, do trabalho como bem imaterial e, por fim, sobre as transformações trazidas pelas mudanças e inovações tecnológicas implantadas ao longo dos últimos anos no telejornalismo.

### 1.1 TRABALHO A PARTIR DA PERSPECTIVA MARXISTA: VALOR E ALIENAÇÃO

Não são raros os trabalhos e estudos que se amparam nas discussões acerca do conceito de trabalho e das múltiplas ramificações que essa categoria pode apresentar. A categoria trabalho possui uma importância central na teoria marxista. A partir da correlação entre trabalho, modo de produção e valor, Karl Marx apresenta a sua teoria sobre trabalho que para ele é toda e qualquer atividade de transformação da natureza. Isso significa compreender que, quando observado fora de uma estrutura social e política particular, a noção tem pouco potencial explicativo. Discutindo a concepção de trabalho, Marx (1982) afirma que:

O trabalho parece ser uma categoria muito simples. E também a representação do trabalho nesse sentido geral – como trabalho em geral – é muito antiga. Entretanto, concebido economicamente nessa simplicidade, o “trabalho” é uma categoria tão moderna como o são as relações que engendram essa abstração. Por exemplo, o sistema monetário situa a riqueza de forma ainda mais objetiva, como coisa exterior a si, no dinheiro. Desse ponto de vista, houve um grande progresso quando o sistema manufatureiro ou comercial colocou a fonte da riqueza não nesse objeto, mas na atividade subjetiva. [...] Nesse caso o trabalho se converteu não só como categoria, mas na efetividade em um meio de produzir riqueza em geral, deixando, como determinação, de se confundir com indivíduo em sua particularidade. Esse estado de coisas se encontra mais desenvolvido na forma de existência mais moderna da sociedade burguesa (MARX,1982, p 16-17).

Em sua obra mais clássica, *O Capital*, escrita em 1867, Marx caracteriza o trabalho como uma interação do homem com o mundo natural, de tal modo que os elementos deste último são conscientemente modificados para alcançar um determinado propósito. O trabalho é a forma pela qual o homem se apropria da natureza a fim de satisfazer suas necessidades. No processo de trabalho a atividade humana é materializada ou objetivada em valores de uso. “O processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas.” (Marx,1982 p.153).

Ao discutir sobre a categoria de trabalho, Marx (1982, p.165) acrescenta a ideia de que

o trabalho possuiu um valor e que este nada mais é que o da força de trabalho, medido pelos valores das mercadorias necessárias à sua manutenção. Sendo assim, o autor utiliza a noção de valor de trabalho como sinônimo de “valor de força de trabalho”. De acordo com Marx (2004, p. 80):

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a *valorização* do mundo das coisas (*Sachenwelt*) aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens (*Menschenwelt*). O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral. Este fato nada mais exprime, senão: o objeto (*Gegenstand*) que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta como um *ser estranho*, como um *poder independente* do produzir. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisa (*Sachlich*), é a *objetivação* (*Vergegständlichung*) do trabalho. A efetivação (*Verwirklichung*) do trabalho é a sua objetivação. Esta efetivação do trabalho aparece ao estado nacional-econômico como *desejetivação* (*Entwirklichung*) do trabalhador, a objetivação como *perda do objeto* e *servidão ao objeto*, a apropriação como *estranhamento* (*Entfremdung*), como alienação (*Entäusserung*).

Em linhas gerais, Marx (1982, 1996) está interessado em compreender a construção de um sistema que se pauta na separação do trabalhador dos meios de produção, gerando, conseqüentemente, um estranhamento – ou alienação – a sua própria condição, bem como, ao produto do seu trabalho. A partir do desenvolvimento de técnicas específicas, bem como, do aprimoramento delas, o homem acaba por estabelecer uma nova relação com ele mesmo e com a natureza. E nesse processo entre homem e natureza é que a categoria trabalho adquire um valor indispensável e passa a integrar uma estrutura social, política e econômica que o associa a práticas de dominação e alienação, uma vez que surge como um meio de satisfazer as necessidades ligadas à sobrevivência humana. Desta forma para o autor, o capitalismo pode ser compreendido enquanto um processo de reconfiguração das relações de produção nas quais novos elementos passam a condicionar a estrutura social, política, econômica e cultural da sociedade.

Entretanto, autores que também estudaram Marx, como o britânico David Harvey (2005) concentra seus esforços na reflexão acerca desse modo de produção. O autor aponta que a noção de circulação de capital é o elemento mais basilar para pensarmos sobre o surgimento, desenvolvimento e consolidação do modo capitalista de produção. Para ele, nossa vida cotidiana depende “[...] das mercadorias produzidas mediante o sistema de circulação do capital, que tem busca do lucro como seu objetivo direto e socialmente aceito.” (Harvey, 2005, p.127).

Harvey acredita que as alterações no modo de produção levaram, arbitrariamente, a modificações nas formas de relações de trabalho. Isso significa que, de acordo com o processo econômico e político vigente, a maneira a partir da qual a prática de trabalho é significada ela

se altera (Harvey, 1980). Ainda de acordo com Harvey (1980), esse conceito não é fácil de entender uma vez que não se encontra totalmente explícito no pensamento marxista. Sendo assim, o autor aponta que uma alternativa é concentrar em seu significado, afirmando que:

O modo de produção refere-se àqueles elementos, atividades e relações sociais que são necessários para produzir e reproduzir a vida real (material). Há três elementos básicos, e eles permanecem constantes de sociedade para sociedade. Eles são: O objeto do trabalho (as matérias-primas existentes na natureza); Os meios de trabalho (as ferramentas, o equipamento, o capital fixo etc., construídos por trabalho anterior) e Força de trabalho. Esses três elementos devem ser tomados juntos em um padrão de atividade que molda os produtos e serviços necessários para produzir e reproduzir a vida real na sociedade. (Harvey, 1980, p.170).

Nesse sentido, é interessante apontar que o conceito de modo de produção não se correlaciona, arbitrariamente, ao capitalismo. Ao contrário, essa noção pode ser considerada como prévia ao capitalismo na medida em que faz referência aos elementos que são essenciais para a reprodução da vida cotidiana, sejam elas de qual natureza forem. A título de definição, Harvey propõe que o modo de produção pode ser compreendido como a junção “[...] de elementos, uma mistura particular de atividades e um padrão particular de relações sociais”. (Harvey, 1980, p. 171).

Quando Harvey aponta as principais características da circulação do capital, discute que esta tem na base a exploração do trabalho, bem como, a relação entre as classes. De acordo com o autor:

A circulação de capital impõe a compra e venda da força de trabalho como mercadoria. A separação entre compradores e vendedores suscita uma relação de classe entre eles. Aqueles que compram direitos relativos à força de trabalho para obtenção de lucro (os capitalistas) e aqueles que vendem direitos relativos à força de trabalho para viver (os trabalhadores) existem em lados opostos concernente a essa divisão entre comprador e vendedor. (...) A compra e venda da força de trabalho também não estão exclusivamente limitadas ao domínio da circulação de capital. No entanto, sem a relação entre capital e trabalho, expressa por meio da compra e venda da força de trabalho, não poderia haver exploração, nem lucro e nem circulação de capital. (Harvey, 2005, p. 129)

Ao defender que, sem a relação de compra e venda da força de trabalho e as contradições resultantes dela, não haveria formas por intermédio das quais o sistema capitalista poderia se expandir e se perpetuar, Harvey destaca que essa forma de relação é tão importante para a trama da sociedade burguesa que, sem ela, o sistema colapsaria. Nesse sentido, vale a pena comentar que as relações de classe estão embebidas de relações ambíguas que levam a criação de oposições e de lutas. Esses antagonismos são tão relevantes que fazem referência ao próprio momento de surgimento do sistema capitalista, conjuntura na qual ocorre o que é conhecido como acumulação original, “[...] a expropriação violenta dos meios de produção,

que punha excedentes de capital na mão de poucos, enquanto a maioria era forçada a se tornar trabalhador assalariado para viver.” (Harvey, 2016, p.132). Nesse sentido o autor explica a alienação do trabalho:

A consequência é que o trabalho social - trabalho que fazemos para os outros - é transformado em trabalho social *alienado*. Trabalho e mão-de-obra são organizados exclusivamente em torno da produção de valores de troca de mercadorias que geram o retorno monetário sobre o qual o capital constrói seus poderes sociais de dominação de classe. Os trabalhadores, em suma, são colocados numa posição em que não podem fazer nada, exceto reproduzir pelo trabalho as condições de sua própria dominação. Para eles, esse é o espírito da liberdade sob o domínio do capital. Embora a relação entre trabalhador e capitalista seja sempre uma relação contratual individual (em virtude do caráter de propriedade privada da força de trabalho), não é difícil entender que, tanto no mercado de trabalho quanto no processo de trabalho, haverá uma relação geral de classes entre o capital e o trabalho [...]. (Harvey, 2016, p. 68-69)

Por certo, já está fortemente naturalizada a ideia de que é preciso trabalhar para sobreviver. Entretanto, é importante a capacidade de compreender que essa necessidade foi construída a partir de inúmeras estratégias específicas desenvolvidas por uma classe também específica. Ainda segundo Harvey (2016), a demanda para que se venda a força de trabalho foi social e politicamente instituída. Existe um outro elemento que é interessante ser discutido e diz respeito à necessidade do sistema capitalista de se manter tecnologicamente dinâmico. Esse dinamismo gera uma instigante contradição no modo de produção capitalista que se caracteriza da seguinte forma: na mesma medida em que o sistema pode alterar drasticamente a oferta de trabalho a partir do desenvolvimento de tecnologias particulares, ele também precisa investir em mão de obra para que essas revoluções tecnológicas possam ganhar vida (Harvey, 2016).

Para Harvey (2016), as contradições do sistema, bem como os impactos que as transformações geram na relação do capital com a força de trabalho como no período identificado como Fordista nas décadas de 1920 e 1970 e caracterizado tanto pela produção quanto pelo consumo em massa, transformaram as complexas formas de produzir, e também reestruturaram as relações sociais revolucionando o modelo de reduzir custos, prática vigente até os dias atuais.

De acordo com Harvey, o propósito de Henry Ford correlacionava-se com a crença na possibilidade de criar uma sociedade a partir da aplicação de um poder corporativo. Segundo o autor, o “[...] propósito do dia de oito horas e o pagamento de 5 dólares em parte era obrigar o trabalhador a adquirir disciplina necessária à operação do sistema de linha de montagem de alta produtividade”. Ford acreditava, no propósito de “[...] dar aos trabalhadores renda e tempo de lazer suficientes para que consumissem os produtos produzidos em massa que as

corporações estavam fabricando em quantidades cada vez maiores.” (Harvey, 1992, p. 122).

Conforme o autor, o consumo é inerente à manutenção do sistema, e a força de trabalho tem participação essencial nessa dinâmica. Longe de se configurar enquanto uma política de benefícios para os trabalhadores, a instituição da jornada de trabalho – reduzida em comparação com à jornada realizada durante o período da Revolução Industrial, por exemplo – tem na sua base o imperativo de expandir e perpetuar o acúmulo e a circulação de capital. (Harvey, 1992).

A partir dos anos 1970, profundas mudanças marcaram a vida social e acarretaram um processo de reestruturação das relações econômicas e políticas que acabaram por colocar em xeque as premissas do modelo fordista de produção. O autor identifica esse período a partir do termo “acumulação flexível” que, em linhas gerais, representa um embate profundo com a rigidez do sistema fordista. De acordo com ele, as características desse novo momento são: uma flexibilização intensa dos “[...] processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo”, bem como, pela criação de “[...] setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional” (Harvey, 1992, p. 140).

Certamente, são inúmeros os elementos que podem ser discutidos quanto a essa fase de acumulação do capital. Entretanto, limitam-se nesta reflexão as alterações impostas à mão-de-obra e ao mercado de trabalho. A flexibilização econômica, por certo, impactou profundamente as relações de trabalho. Como aponta Harvey (1992):

O mercado de trabalho, por exemplo, passou por uma radical reestruturação. Diante da forte volatilidade do mercado, do aumento da competição e do estreitamento das margens de lucro, os patrões tiraram proveito muito do enfraquecimento do poder sindical e da grande quantidade de mão-de-obra excedente (desempregados ou subempregados) para impor regimes e contratos de trabalho mais flexíveis. É difícil esboçar um quadro geral claro, visto que o propósito dessa flexibilidade é satisfazer as necessidades com frequência muito específicas de cada empresa. Mesmo para os empregados regulares, sistemas como “nove dias corridos” ou jornadas de trabalho que têm em média quarenta horas semanais ao longo do ano, mas obrigam o empregado a trabalhar bem mais em períodos de pico de demanda, compensando com menos horas em períodos de redução da demanda, vêm se tornando muito mais comuns. Mais importante do que isso é a aparente redução do emprego regular em favor do crescente uso do trabalho em termo parcial, temporário ou subcontratado. (Harvey, 1992, p. 143).

Segundo o autor, a flexibilização econômica resultou em uma precarização extrema das formas de trabalho, representada pela demanda de aumento de produtividade — e consequentemente do lucro do capitalista — e por um agravamento da divisão social do trabalho entre aqueles que estão no centro e os que se encontram na periferia. De forma complementar,

também se colocou aos trabalhadores a necessidade de lidar, de forma compulsória, com um sistema de contradição no qual o desenvolvimento de novas tecnologias ameaça até mesmo as formas de trabalho que ainda permanecem, em maior ou menor grau, estáveis.

Como dito anteriormente, o sistema capitalista tem na sua base a premissa da constância da inovação tecnológica. Por mais que mudanças tecnológicas exijam dos capitalistas investimentos de capital, elas ainda são um excelente meio a partir do qual essa classe pode alcançar uma taxa de lucros cada vez maior (Harvey 2013). Para o mercado de trabalho, essas renovações de tecnologias representam um maior controle dos trabalhadores, ao que o autor ao citar Marx destaca:

O que Marx busca é um entendimento do que os trabalhadores estão sendo obrigados a lidar *com* e a se defender *contra*; para chegar a um acordo com as forças manifestas que lhes são impingidas a cada passo. Por que os trabalhadores têm de enfrentar novas tecnologias, acelerações, dispensas, “desqualificação das habilidades” e autoritarismos no local de trabalho, e inflação no mercado? Entender tudo isso requer que construamos uma teoria materialista do modo de produção capitalista, da circulação e acumulação do capital mediante a produção de mercadorias. E a teoria mostra que, do ponto de vista do capital, os trabalhadores são na verdade objetos, um mero “fator” de produção — a *forma variável* do capital — para a criação de mais valor. A teoria exhibe para os trabalhadores, como em um espelho, as condições objetivas de seu próprio estranhamento, e expõe as formas que dominam sua existência social e sua história. (Harvey, 2013, p. 175).

A necessidade de criar e manter um excedente de trabalhadores é vital para a acumulação do capital e, sendo assim, será colocada em prática a todo e qualquer custo pelos capitalistas. A partir do controle da oferta de trabalho, do controle direto sobre organizações de trabalhadores que buscam por mais direitos, do controle corporal do trabalhador, esse essencial excedente de proletariado será preservado.

Nesse sentido, o cerne da luta de classes, característica das sociedades capitalistas, encontra-se nessa dinâmica:

Quanto mais bem sucedida for a luta do capital contra o trabalho, maiores serão seus lucros. Quanto maior for o êxito dos trabalhadores, maiores serão o seu padrão de vida e suas opções no mercado de trabalho. Estabelecendo um paralelo, podemos dizer que o capitalista luta em geral para aumentar a intensidade, a produtividade e/ ou o tempo de trabalho dedicado ao processo de trabalho, enquanto os trabalhadores lutam para diminuir tanto as horas e a intensidade da atividade laboral quanto os dados físicos nela implícitos (Harvey, 2016, p. 69).

A alternativa não parece ser outra além do desenvolvimento de estratégias de resistência as quais, darão conta de impedir profundas e drásticas alterações que venham a prejudicar, ainda mais, a classe trabalhadora. Entretanto, finaliza-se essa seção apontando que o próprio reconhecimento de que a transformação do trabalho em mercadoria não é algo natural configurando-se uma importante forma de resistência às mazelas que o capitalismo já

impôs e vem impondo à vida social.

Na medida em que se desenvolve uma perspectiva crítica com relação à acumulação e circulação do capital, aos efeitos que isso trouxe à vida dos trabalhadores em geral, bem como, compreender a ideia de que esse modo de produção é passível de ser derrubado ou mesmo modificado, visto que não é natural e sim construído, caminha-se em direção à construção de uma sociedade possivelmente mais igualitária e justa, mesmo que em passos lentos.

É importante compreender que, no modo de produção capitalista, a força de trabalho é vista como mercadoria. A partir do conceito de valor de uso e valor de troca construído por Marx como parte da sua teoria crítica da economia capitalista, o valor de uso é uma característica intrínseca das mercadorias e não depende do sistema econômico em que estão inseridas. Enquanto o valor de troca é influenciado pelo tempo de trabalho, socialmente necessário para produzi-la. O que significa que o valor de troca está ligado à quantidade de trabalho envolvida na fabricação de um produto.

Para Marx, a tensão entre esses dois conceitos é uma das principais contradições do sistema capitalista. Segundo ele, o capitalismo transforma as mercadorias em “*commodities*” cujo valor de troca é enfatizado em detrimento de seu valor de uso. O que por sua vez, leva a alienação dos trabalhadores, pois seu trabalho é explorado para gerar lucro, em vez de atender às suas próprias necessidades.

Diversos valores de uso são além disso produtos de atividade de indivíduos distintos, portanto resultado de trabalhos individualmente diferentes. Mas, como valores de troca apresentam trabalho igual, sem diferenças, isto é, trabalho em que a individualidade dos trabalhadores se extinguiu. Trabalho que põe valor de troca é, por isso, trabalho abstratamente geral. (Karl Marx, 1982,p.32)

Desta forma, para Marx, as mercadorias são bens e serviços produzidos para a venda, ao invés do consumo direto de seus produtores. O valor de troca para ele é uma relação entre pessoas. No caso de dois valores de uso de mercadorias que contenham o mesmo tempo de trabalho, de acordo com o autor, possuem o mesmo valor de troca:

Como valor de uso, a mercadoria tem uma atuação causal. Trigo, por exemplo, atua como alimento. Uma máquina substitui trabalho em determinadas proporções. Esse efeito da mercadoria que provém dela unicamente enquanto valor de uso, objeto de consumo, pode ser denominado serviço que ela presta, como valor de uso. Contudo, como valor de troca, a mercadoria é sempre considerada sob o ponto de vista do resultado. Trata-se aqui não do serviço que ela presta, mas sim do serviço que foi dedicado a ela na sua produção. De modo que o valor de troca de uma máquina não é determinado pela quantia de tempo de trabalho que ela substitui, mas sim pela quantia de tempo de trabalho que foi empregado para a sua própria produção e, por conseguinte, o tempo de trabalho que se requer para a produção de uma nova máquina do mesmo tipo. (Marx, 1982 p.37)

Sendo assim na concepção de Marx, na medida em que o trabalho torna-se uma

mercadoria, fica sujeito às mesmas lógicas de mercado que promovem inúmeros e contínuos problemas sociais.

## 1.2 TRABALHO NA PERSPECTIVA DO TOYOTISMO

No campo da teoria social, Alves (2011) aponta para algumas mudanças que ocorreram em relação ao capital e que produziram um conjunto de novos valores e normas no campo do trabalho. Ao abordar o Toyotismo, como forma de organização do trabalho que nasceu na Toyota, no Japão no pós-1945, e que rapidamente se propagou para as grandes companhias daquele país, o autor traz um novo conceito de organização do trabalho e da produção capitalista que permeia a reestruturação produtiva do capital. Ao discutir as inovações organizacionais do capital, o autor alerta para um novo modelo de gestão e novos métodos industriais, que buscam tratar os operários ou empregados como “colaboradores” que executam um trabalho em equipe.

Esse recurso possibilitou uma ampla reestruturação da gestão do processo produtivo, das formas de emprego, das técnicas e da exploração da força de trabalho. Conforme Alves (2011), o principal modo de desvalorização do trabalho vivo é produzi-lo em excesso:

A busca pelo fluxo regular de produção quantitativa foi estendida também à qualidade (GOLLAC, 2005), sendo criada uma ampla gama de normas a serem seguidas pelos trabalhadores, visando à redução dos defeitos e, conseqüentemente, do retrabalho. Dessa forma, controla-se não apenas o tempo de produção, mas também como é produzido e quem produz, gerando extrema tensão e medo por parte dos trabalhadores. (Alves 2011).

Para que os trabalhadores passem a aceitar ou resistir o menos possível a essas mudanças, os capitalistas buscaram novas formas de gerenciá-los. “ O toyotismo seria um taylorismo às avessas,” isto é, se com Taylor o gesto físico mecanizou-se, deixando o cérebro "livre", o Toyotismo cria uma unidade “ orgânica entre ação e pensamento no local de trabalho” (Alves, 2011, p. 62).

O ajuste de metas, juntamente com o trabalho em equipe, passou a incentivar não só a competição entre os trabalhadores como levou a um maior controle. De acordo com Alves (2011), com o incentivo à competição entre os operários, cada um tende a se tornar supervisor do outro. Sob a ótica do Toyotismo, o lema do trabalho em equipe é que “somos todos chefes”. A extrema intensificação do tempo de trabalho deve-se ao fato de o trabalhador tornar-se "seu próprio carrasco" (Alves, 2011, p. 125). Isso porque, na gestão por metas, altera-se as formas de subordinação do trabalho ao capital, uma vez que se desloca a vigilância realizada pelas hierarquias e os controles de tempo, para um controle baseado em metas e no trabalho em grupo.

Nas hipóteses levantadas por Alves (2011), há uma ligação entre o acúmulo por “espoliação” e as novas práticas empresariais de “captura” da subjetividade e da força de trabalho, enfatizando uma série de mecanismos organizacionais que incentivam os operários a participarem e se envolverem na solução de problemas no ambiente de trabalho.

A Terceira Revolução Tecnológica, caracterizada pela revolução informática, das novas máquinas automatizadas com microprocessadores, destruiu as formas anteriores de relações contratuais, ao que ele chama de a “Quarta Revolução Tecnológica”. A revolução das redes informacionais e das tecnologias de informação e comunicação construiu a nova precariedade salarial articulada, de forma orgânica, com as técnicas de gestão toyotista. (Alves, 2011, p.127).

Alves (2011) aponta que no decorrer da década de 1980-90, período histórico de desenvolvimento da nova base técnico-informacional do capital, os grandes grupos industriais experimentaram um crescimento sustentado, com a informatização. Mesmo com a implantação de novas máquinas de informação e comunicação, o capital, conforme destaca Alves (2011), continua dependendo, mais do que nunca, da destreza manual e da subjetividade do coletivo humano.

### 1.3 TRABALHO COMO BEM IMATERIAL

Ao fazer observações sobre as diferentes formas com que o fim da história tem sido imaginado desde Hegel e tecendo críticas às ideias do filósofo, Francis Fukuyama (1992) justifica que “a ciência elevou os padrões de vida a níveis antes inimagináveis” e cria “uma economia industrial madura”, selecionando o capitalismo como o único sistema eficiente para elevar a produtividade dentro de uma divisão global de trabalho.

Para entender essas propostas citadas pelos teóricos, é necessário compreender também as funções do trabalhador como um alicerce não apenas nas tarefas repetitivas, cada vez menos utilizadas, mas principalmente como um “capital humano”, capaz de contribuir por meio de ações de cunho intelectual. Para Grisci (2008), o trabalho imaterial é aquele que envolve um conjunto de atividades que se estende desde atividades corporais até atividades comunicativas e criativas do trabalhador e são valorizadas e demandadas para o processo de produção na economia moderna. E esse novo trabalhador, agora munido de ferramentas resultantes do avanço da informatização, tem as condições necessárias de trabalhar de forma polivalente, conhecendo não só todo o processo de produção, como tendo a “liberdade” para melhorá-lo. Analisando as discussões sobre trabalho imaterial a partir da perspectiva marxista, Amorim (2014) aponta que:

O trabalho imaterial é apresentado como um trabalho sem substância física e que tem

sua fonte predominante em trabalhos intelectuais que podem estar relacionados à prestação de serviços, à administração, à gerência e ao controle dos processos de trabalho, ou mesmo a atividades produtivas que têm como fundamento o conhecimento e a informação utilizados dentro dos processos de trabalho. A informação e o conhecimento são, assim, considerados o núcleo duro do trabalho imaterial (Amorin, 2014, p. 34).

Em linhas gerais, o trabalho imaterial refere-se, essencialmente, à produção de ideias de conhecimentos e tem a criatividade como seu elemento basilar. Entretanto, isso gera uma forte contradição uma vez que essa produção torna-se difícil de ser medida, ou seja, a atribuição de valor ao trabalho imaterial torna-se uma condição problemática para o capitalismo (Amorin, 2014).

Em razão das transformações sociais, laborais e econômicas, as relações de trabalho se consolidaram e introduziram um novo modelo de gestão caracterizado por aspectos que mudam as construções e concepções acerca do mundo, seja pela necessidade de mudanças na formação educacional do trabalhador exigidas pelo mercado, por uma maior individualização, ou ainda, um novo perfil de trabalhador, com maior empregabilidade não por suas qualificações, mas pelas suas competências (Amorin, 2014).

Essas transformações são visíveis quanto aos critérios de mobilidade, hierarquização, definição dos cargos, admissão, avaliação quanto ao desempenho, e contínua formação e desenvolvimento (Bauman, 2008). Passando desta forma a ser empreendedor, ávido por desenvolvimento profissional, com capacidade de entrega e pronto para aceitar as mudanças impostas pela organização (Bauman, 2008). Os novos processos produtivos e a reorganização do trabalho imaterial, trouxe mudanças também na sociedade. Quem quiser ser bem sucedido no ambiente de trabalho deve revelar sua capacidade de comunicação, convivência em grupo e curiosidade. (Bauman, 2010).

Neste sentido, pode-se afirmar que houve uma intensificação do trabalho a partir do início da produção com base nos ensinamentos advindos do toyotismo aplicado no Japão. Enquanto no processo de produção fordista havia uma hierarquia bem demarcada e horários fixos para a jornada de trabalho, na produção flexível há uma horizontalização quanto às diferentes funções que ocasionam maiores controles e maiores responsabilidades para os trabalhadores. Se antes o trabalhador podia encerrar seu expediente conforme indica o relógio ponto, hoje ele continua a serviço do capital em qualquer lugar e por qualquer período. (Bauman, 2010).

Essa nova fase relativa à produção de bens enriquecidos pelo trabalho imaterial chamamos de “capital humano” que nada mais é do que encobrir o verdadeiro motivo pelo qual o trabalhador deverá se sujeitar, onde cada segundo deve ser dedicado ao trabalho, uma vez

que devido ao medo de perder o emprego, o trabalhador se dedica totalmente a empresa.

A informatização que se acelerou a partir do século XX como resultado da necessidade de adaptação às demandas de mercado, se estendeu a todos os processos organizacionais, tornando-se imprescindível para a manutenção da competitividade. O tempo agora passa a ser mais acelerado, e as decisões são tomadas instantaneamente, o que afeta todos os envolvidos, que precisam se adaptar para sobreviver do seu trabalho (Bauman, 2010).

#### 1.4 TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÕES DO TRABALHO NO TELEJORNALISMO

Com as mudanças da economia global, é essencial reconhecer o valor do trabalho imaterial, conforme exposto anteriormente (Bauman, 2010). As transformações sociais, políticas, econômicas e tecnológicas afetaram várias profissões. As mudanças tecnológicas alteraram a forma de produzir conteúdo jornalístico e de consumi-los, exigindo dos veículos e profissionais da comunicação uma rápida adaptação. As tecnologias passaram a afetar de forma direta os métodos de trabalho. Quando as organizações enxugam sua estrutura para atender às demandas do mercado, o ambiente do trabalho e as habilidades do trabalhador também se modificam ( Figaro, 2014).

A mudança tecnológica a partir da internet como a compreendemos hoje, teve origem no trabalho da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) do Departamento de Pesquisa dos EUA. Criada em 1958, primeiramente era utilizada apenas pelas forças armadas e por instituições científicas dos Estados Unidos:

Com base na tecnologia de comunicação da troca de pacotes, o sistema tornava a rede independente de centros de comando e controle, para que a mensagem procurasse suas próprias rotas ao longo da rede, sendo remontada para voltar a ter sentido coerente em qualquer ponto da rede. Quando, mais tarde, a tecnologia digital permitiu o empacotamento de todos os tipos de mensagens, inclusive de som, imagens e dados, criou-se uma rede que era capaz de comunicar seus nós sem usar centro de controle. A universalidade da linguagem digital e a pura lógica das redes do sistema de comunicação geraram as condições tecnológicas para a comunicação global horizontal. (Castells, 2010, p.82)

Ainda segundo Castells (2010), por trás do desenvolvimento da internet havia redes científicas, institucionais e pessoais que transcendiam o Departamento de Defesa americano. Paralelamente ao trabalho do Pentágono e dos cientistas, conforme esclarece o autor, surgiu nos Estados Unidos uma contracultura de crescimento descontrolada no uso da tecnologia. E no fim da década de 1980, milhões de usuários de computador já estavam fazendo uso das comunicações via computador.

O poder da comunicação por meio da internet, juntamente com os novos progressos em telecomunicações e computação, provocaram mais uma grande mudança tecnológica, com a criação de uma rede de alcance mundial a – *World Wide Web*. Essa revolução fundou um novo paradigma tecnológico que se alastrou pelo mundo e abriu caminho, para o que Castells (2010) define como era da informação, sociedade informacional ou sociedade em rede.

A emergência de um novo paradigma tecnológico organizado em torno de novas tecnologias da informação, mais flexíveis e poderosas, possibilita que a própria informação se torne o produto do processo produtivo. Sendo mais preciso: os produtos das novas indústrias de tecnologia da informação são dispositivos de processamento de informações ou o próprio processamento das informações. (Castells, 2010, p. 119-120).

Segundo Castells (2010), na década de 1990, vários fatores aceleraram a transformação do processo de trabalho: a tecnologia de computação, as tecnologias de rede, a internet e suas aplicações, que progredindo a passos largos tornaram-se cada vez menos dispendiosas e melhores, o que possibilitou a aquisição e utilização em larga escala, promovendo uma corrida tecnológica e administrativa entre empresas em todo o mundo.

A nova tecnologia da informação está redefinindo os processos de trabalho e os trabalhadores e, portanto, o emprego e a estrutura ocupacional. Embora o número substancial de empregos esteja melhorando de nível em relação a qualificações e, às vezes, a salários e condições de trabalho nos setores mais dinâmicos, muitos empregos estão sendo eliminados gradualmente pela automação da indústria e de serviços. (Castells, 2010, p.315).

Na área da comunicação, as transformações no jornalismo se intensificaram com a invenção da rede mundial de computadores, afetando as empresas de jornalismo fomentadas pela publicidade. A audiência como consumidora de informação, conforme ressalta Castells (2015), prefere o “*Infotainment*”, que mistura informação com entretenimento. Medida que influencia a rotina jornalística e as decisões editoriais quando passa a destacar muito mais a relevância e o desempenho de uma notícia do que propriamente a importância de seu conteúdo.

As redações jornalísticas (jornais, revistas, rádios e televisões) foram transformadas pela digitalização do sistema de produção e difusão das notícias. As empresas economizam capital com a convergência digital e aceleração da produção, tirando proveito da capacidade das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) sob a forma de equipamentos fáceis de usar, conexão à internet sem cabo e smartphones De Oliveira (2016).

As tecnologias digitais sem dúvida impactaram os ambientes de trabalho, submetidos à redução da mão de obra, fenômeno ocorrido nas décadas de 1980 e 1990 no Brasil, como retratado pela pesquisadora Isabel Travancas, no livro *O mundo dos jornalistas* (1993). Para a autora, a informatização mudou o comportamento dos consumidores de notícias, que foram

atraídos por uma informação mais imediata e abundante. Travancas (1993) justifica que as demissões nas redações passaram a ocorrer de forma mais frequente e em maior número. Primeiro, porque as tecnologias permitiram produzir conteúdo jornalístico rápido com menos trabalhadores; e, segundo, porque exigiram maior habilidade nas questões tecnológicas. Essa análise também foi feita no livro *Cemitério dos elefantes: exclusão de jornalistas veteranos das redações*, de Sergio Garschagen (2012), sobre o aumento de trabalho e exigências no desempenho de tarefas nas redações:

Ciro Marcondes Filho chama a atenção para outro problema relevante, que é a informalidade, já bastante evidente na profissão: [...] o fato é que a vida dos jornalistas tem se tornado cada vez mais difícil. O trabalho aumentou, o contingente ficou reduzido, as responsabilidades, se tornaram mais individuais. Chantageados pelo desemprego, os jornalistas de posição intermediária e os precários (freelancers, repórteres) perdem o fascínio da profissão. Mesmo tarimbados, jornalistas reconhecem o recuo de seu prestígio. (Garschagen, (2012,p. 128).

O autor complementa ainda que essas modificações no cenário midiático ocorrem cotidianamente e de forma bastante veloz. Toda essa alteração na rotina do jornalismo diário pode ser comprovada, uma vez que antes um local movimentado, com conversas paralelas, reunião de pautas, intervalo para o café, passou a ser mais silencioso. Diariamente, os jornalistas utilizam nas redações procedimentos de trabalhos que buscam garantir rapidez e qualidade no processo.

Quem assiste a um telejornal, seguramente, não faz ideia de todo o processo pelo qual a informação passa até o conteúdo ir ao ar. Mas de um modo geral, as redações possuem uma rotina semelhante, passando por três importantes fases da notícia antes que chegue ao público, conforme definição de Wolf (1999). De acordo com o autor, a primeira fase se dá com a coleta de informações recolhidas de fontes confiáveis, sobretudo de fontes oficiais (como institucionais e agências). Em seguida, a escolha e a decisão de como as notícias serão produzidas para serem levadas ao público, até o último passo que é a exibição do conteúdo. Contudo, recentemente, uma nova rotina passou a fazer parte do telejornalismo que se transformou e vem sendo produzido de forma muito mais acelerada, graças à fusão dos mercados que utilizam tecnologias portáteis e interativas.

Ao inovar no campo do jornalismo com o uso da tecnologia, as empresas modificam não só as rotinas, os produtos e as práticas de seus profissionais, como também a forma como se dá a relação com o público. Estudos sobre convergência midiática explicam esse processo que vem transformando os meios de comunicação, com uma cultura da convergência que “é onde as velhas e as novas mídias colidem, onde a mídia corporativa e a mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras

imprevisíveis” (Jenkins, 2009, p.29).

Sendo a convergência midiática um processo inevitável e que supostamente atende a uma demanda social por informações em diferentes suportes digitais, a figura de um jornalista com anotações em uma pequena agenda já não cabe mais dentro de um ambiente de notícias instantâneo. Considerações como esta, são importantes para situar este estudo, uma vez que a organização do trabalho jornalístico vem se modificando e, com tantas transformações, o que se percebe é um profissional mais aberto à inovação e muito mais à vontade com o uso de dispositivos tecnológicos:

Apesar dos valores tradicionais do jornalismo não mudarem, mudam os métodos, que se tornam mais técnicos, complementados com uma postura polivalente, com novos hábitos, e onde se requer o domínio de outras ferramentas e outros conhecimentos. Uma verdadeira destreza profissional. (Silva, 2013,p.08).

As mudanças nos sistemas de informação nos últimos anos criaram demandas novas aos jornalistas e na forma de exercitar a profissão, o que leva a reflexão de Garschagen (2012), quando ele defende que:

Em meio às turbulências do mercado e à vertiginosa expansão da tecnologia digital, um novo jornalista entrou em cena. Ele tem disposição, apetite e traquejo para absorver e incorporar ao seu cotidiano as ininterruptas inovações que chegam ao mercado em intervalos de tempo cada vez menores. (Garschagen, 2012 p.17).

Garschagen (2012) destaca ainda o uso de ferramentas por parte dos jornalistas como um dispositivo que parece ter se transformado numa ferramenta indispensável para a atual prática jornalística e para o que Castells chama de era da intercomunicação com a explosão do *Mass Media Communications* (a intercomunicação individual), que encontra-se cada vez mais presente por meio da internet e dos telefones celulares.

É fato que todas as mudanças tecnológicas até agora trouxeram uma nova realidade para o setor jornalístico, com vários desafios aos modelos tradicionais. A inovação que modifica as rotinas e os processos de trabalho do jornalista também interfere no perfil e na qualidade do produto jornalístico desconfigurando muitas redações, seja em termos de horário, de jornada de trabalho ou de vínculo empregatício (como empregos temporários, contratos precários ou trabalho autônomo). “O ritmo de trabalho, os desafios trazidos pelas novas plataformas e linguagens aumentam a tensão do profissional”. (Figaro, 2014, p.10).O modo como as redações passaram a ser vistas mudou nos últimos anos. Desde os meados do século XIX, as redações eram o lugar do jornalista.

Nerone e Barnhurst (2003) sustentam que as máquinas de escrever foram fundamentais na institucionalização da redação como local de trabalho dos jornalistas,

pois eram as tecnologias para ancorá-los a uma mesa. Nesse sentido, esses espaços são desde sua origem espaços heterônomos onde se tenta controlar verticalmente a produção jornalística. Durante a maior parte do século XX, o jornalista foi representado como um trabalhador em tempo integral que desempenhava as funções de editor, repórter ou fotógrafo em uma organização jornalística consolidada. (Reyna, 2021, p. 127)

Em outras palavras, Reyna (2021) destaca que os jornalistas não se apresentam mais apenas como trabalhadores de uma determinada redação/organização, porque suas identidades e trajetórias profissionais estão cada vez menos vinculadas a esse tipo de local de trabalho. O que pode ser assinalado como o desgaste do caráter identitário das redações e como divergência do binômio jornalista/organização, uma vez que os jornalistas deixaram de ocupar e depender de uma redação para realizar seu trabalho.

Não há mais uma identidade com a mídia ou com as redações, como você quiser chamar, porque [as organizações jornalísticas] são muito [abusivas], elas te mantêm numa posição precária de... não há contratos...! Então, [ao invés de parte de uma redação], bem, você se sente como um repórter, em vez disso, de seus tópicos, seus projetos ou suas reportagens, e é disso que você sai defendendo e se gabando. Como você vai se sentir parte de um meio de comunicação, de uma redação, se eles não te dão segurança social, se não te dão [nada]? (Reyna, 2021, p.131).

Conforme aborda Reyna (2021), a combinação de deficit de padronização, individualização e controle do trabalho, bem como uma cultura de medo e códigos rígidos de conduta, além de manuais de estilo, tornaram as redações em espaços prescritivos, proibitivos e informativos:

Neles, os jornalistas têm pouca ou nenhuma capacidade de influenciar a tomada de decisões e são frequentemente lembrados de que são dispensáveis para a organização por meio do discurso ‘Com você e sem você, o jornal continuará saindo. (Reyna, 2021, p.133).

De acordo com o autor, tanto o deslocamento da identidade com a redação/organização, quanto à concepção do jornalismo como emprego temporário provocaram um esvaziamento nas redações. Roseli Figaro (2014) defende que a profissionalização do setor se estabeleceu como um novo campo de negócio e o jornalismo ainda vive um discurso romantizado. Ao analisar as novas tendências com o uso dos dispositivos móveis, como o celular, Figaro (2014) destaca que, “cada leitor pode ter um retrato do mundo ao seu gosto”. Isso, conforme seu entendimento, pode fazer com que o jornalismo perca seu papel de mediador da esfera pública com uma agenda de discussão que paute o cidadão, passando a consolidar-se apenas como um oferecedor de informações conforme o perfil do consumidor, alterando seu valor de uso, embora o jornalismo continue sendo, na visão da autora, uma atividade eminentemente política, sem privar-se nunca do seu papel de neutralidade e “vigilante sacerdotal do esclarecimento”.

Neste século XXI, o caráter comercial do jornalismo tende a se aprofundar para atender não mais a média idealizada de um público alvo, leitor, cidadão; e sim voltar-se a capturar o leitor-consumidor personalizado com produtos customizados. Esse processo está em sintonia com a ordem econômico-política hegemônica. Essa ordem converte os novos artefatos tecnológicos em instrumentos que potencializam a lucratividade dos grandes grupos econômicos globais e o controle que eles exercem sobre as populações. (Figaro , 2014, p. 27)

O modo como o jornalista faz seu trabalho, o conteúdo das notícias, a estrutura da redação e a produção em escala industrial, bem como as relações entre empresas de comunicação e o seu público, está em transformação. “Voltar no tempo não é uma opção, não temos uma máquina do tempo que pode nos levar de volta para um mundo mais simples, em que não existam coisas como computadores ou telecomunicações” Pavlik (2000). As funções do jornalismo de acordo ainda com o autor, são mais importantes do que nunca, porque vivemos em um oceano de informações e o profissional precisa ampliar seu papel não só como aquele que escreve e noticia com mais rapidez, como também um colaborador na construção do sentido dos acontecimentos.

## 2 NARRATIVAS SOBRE A TV NO PARANÁ E OS PERCURSOS METODOLÓGICOS

Na primeira parte deste capítulo, descrevemos a história da TV brasileira e como se deu a implantação de todo esse movimento até chegar no Estado do Paraná. A segunda parte dedica-se a explicitar o processo de digitalização e as mudanças provocadas no telejornalismo, bem como também trazemos a entrevista utilizada como escolha metodológica para os procedimentos de coleta e tratamento do material obtido para esse estudo.

### 2.1 TELEVISÃO NO BRASIL: DO MODELO RADIOFÔNICO A CONSOLIDAÇÃO DA REDE GLOBO

A história da televisão nos remete a 1950 quando, o jornalista e empresário do ramo da comunicação, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, inaugurou em São Paulo a primeira estação de televisão da América Latina – a TV Tupi –, após importar equipamentos para esta que seria a transmissão inédita. (Baracho, 2006).

Enquanto nos Estados Unidos, a indústria televisiva se apoiava no cinema, no Brasil havia uma forte e grande influência do rádio, inclusive utilizando-se de seu formato e estrutura. (Baracho, 2006). De posse dos Diários e Emissoras Associados, de propriedade de Chateaubriand, que na época possuía grande cadeia de jornais, revistas e rádios, a emissora foi ao ar pela primeira vez em São Paulo, no dia 18 de setembro de 1950, às 17 horas.

A TV Tupi-Difusora começou transmitindo imagens para apenas cerca de 500 aparelhos receptores na cidade de São Paulo, mas três meses depois havia já 2 mil aparelhos funcionando ali. O Brasil foi o primeiro país da América Latina a ter uma emissora de televisão e o sexto no mundo, perdendo apenas para Inglaterra, Estados Unidos, França, Alemanha e Holanda (Jambeiro, 2002, p. 51).

E esse início aconteceu, em um momento de crescimento industrial do país, que se dava em conjunto com a urbanização e o crescimento econômico. No início dos anos 1960, havia 15 emissoras de televisão operando nas principais cidades do país, segundo Mattos (2010). No entanto, o desenvolvimento da televisão como um negócio lucrativo se deu somente com o aprofundamento do capitalismo industrial, que aumentou o consumo de produtos industrializados e resultou em competição por receitas publicitárias.

“A programação televisiva foi afetada por esses movimentos, já que a televisão passou a direcionar seus programas para atrair grandes audiências, visando assim aumentar seus lucros” (MATTOS, 2010, p. 31). Durante a primeira fase de desenvolvimento, que ocorreu entre 1950 e 1964, de acordo com a análise histórica de Mattos (2010), a produção televisiva era caracterizada por improvisações técnicas, falta de recursos e de profissionais qualificados. A

posse de aparelhos de televisão era restrita às elites, tornando essa fase do desenvolvimento da televisão brasileira conhecida pelo autor como "fase elitista". Mesmo com recursos e alcance limitados, durante esse período surgiram produtos que são considerados marcos na história do telejornalismo, como o Repórter Esso, na TV Tupi, e o Jornal de Vanguarda, na TV Excelsior. A TV Excelsior, fundada em 1959 e cassada em 1970, foi inovadora ao ser administrada com práticas empresariais. A fase seguinte do desenvolvimento da televisão no Brasil, entre 1964 e 1975, foi caracterizada por dois aspectos que influenciaram diretamente o campo televisivo no país: as medidas políticas e econômicas adotadas pelo regime militar e a inauguração e consolidação da TV Globo. O regime militar utilizou os meios de comunicação de massa para persuadir, impor e difundir suas ideologias, além de manter o *status quo* após o golpe. A televisão, por sua capacidade de mobilização, foi mais amplamente utilizada pelo regime e também se beneficiou da infraestrutura criada para as telecomunicações. (MATTOS, 2010, p. 39).

O canal 4 da TV Globo do Rio de Janeiro foi fundado em 1965 por iniciativa do empresário Roberto Marinho, que já era proprietário de uma emissora de rádio e do jornal O Globo, ambos no Rio de Janeiro. O surgimento da emissora ocorreu durante a "fase populista" da televisão brasileira, em que foram adotados padrões de administração norte-americanos, profissionalizando cada vez mais o setor. A TV Globo contou com o apoio financeiro e técnico do grupo norte-americano Time-Life, o que possibilitou a construção de uma sede própria, algo incomum naquela época, a aquisição de equipamentos modernos e consultoria em aspectos comerciais e programação. No entanto, a participação estrangeira nas empresas brasileiras era proibida na época e o contrato entre as empresas foi alvo de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) na Câmara dos Deputados. O envolvimento dos americanos na TV Globo foi eventualmente eliminado posteriormente, mas só após a emissora ter desfrutado dos benefícios dos recursos financeiros em dólares e da experiência gerencial estrangeira.

No final da década de 1960, a emissora já possuía um grande número de espectadores, o que o autor credits ao fato de ter direcionado sua programação para atingir diferentes segmentos do público, com uma grade composta por telenovelas, programas de concursos e filmes importados dos Estados Unidos. A partir de 1969, começou a expandir sua atuação como uma rede de televisão, transmitindo programas simultaneamente em diversas cidades através de micro-ondas. Em 1971, de acordo com o relato de Mattos (2010), foi implementado um departamento de pesquisa e análise, que passou a fornecer informações para a criação de programas e a elaboração de estratégias publicitárias, desenvolvendo abordagens inovadoras para o mercado da época.

Esses movimentos representam um modelo de negócio introduzido e consolidado pela TV Globo no Brasil e posteriormente adotado por outras emissoras. Esse modelo é orientado pelos interesses do mercado, direcionando os investimentos e a programação. O sucesso desse empreendimento comercial está associado a vários fatores, como uma grade de programação segmentada para diferentes públicos ao longo do dia, estratégias de expansão para o interior do país, gestão voltada para atrair recursos publicitários e uma dimensão tecnológica desenvolvida em busca do que ficou conhecido como "padrão Globo de qualidade", a partir dos anos 70.

Desta forma, dotada de recursos financeiros, condições tecnológicas e relações de proximidade com o governo militar, a Rede Globo estabeleceu, ao longo das décadas, um modelo de telejornalismo que associa qualidade técnica ao efeito de onipresença gerado pelas imagens de todo o Brasil.

## 2.2 A TELEVISÃO NO PARANÁ E A SUPREMACIA DO GRUPO RPC

A televisão que era considerada elitista devido ao alto custo do aparelho e fazia parte somente do eixo Rio-São Paulo, chegou ao Paraná três anos depois, pelas mãos de Nagibe Chede. O empresário que mantinha uma paixão pelo rádio e pela comunicação, idealizou a criação de uma emissora de televisão na capital do Estado, a exemplo do que já vinha sendo feito em São Paulo e no Rio de Janeiro em 1953. (Dalpícolo, 2010, p. 27).

Nagibe Chede, que contava na época com o apoio do então governador Moysés Lupion, que intercedeu junto ao presidente da República, Juscelino Kubitschek, finalmente conseguiu a concessão da primeira TV do Paraná. Depois disso, começaram os trabalhos para a compra de equipamentos, sede adequada, preparação de estúdios, treinamento de equipes de trabalho e a organização de programação, iniciando então a emissora de sua propriedade, que passou a funcionar bem no centro de Curitiba, no Edifício Marisa, junto ao auditório da Rádio Emissora Paranaense.

Impossibilitado de importar os caríssimos equipamentos necessários para a montagem de um estúdio, Chede tratou de conseguir, junto às emissoras nacionais que já atuavam havia alguns anos, aparelhagem que se achava em desuso. A complexidade dessa tarefa exigiu a assessoria técnica de um engenheiro eletrônico, Olavo Bastos, de Minas Gerais, que realizara a primeira transmissão aberta de televisão no país. Assim surgiu o primeiro estúdio, ainda improvisado, à espera de equipamentos, instalado junto ao auditório da Rádio Emissora Paranaense, localizado no Edifício Marisa, na Rua Senador Alencar Guimarães, no centro da cidade. As primeiras transmissões abertas, sem som, captadas pelos televisores da vitrine das Lojas Tarobá e por um ou outro aparelho de particulares, ocorreram desse auditório de cem lugares, recém-concluído. Nessa fase, foram bastante utilizados filmes reproduzidos por um projetor, cujas imagens eram captadas pela câmera e colocados no ar por um transmissor simples, pertencente a Olavo Bastos. (Baracho, 2006, p.368).

Em maio de 1959, o empreendimento mudou de endereço e foi para o alto do Edifício Tijuca, na Avenida Luís Xavier, também no centro de Curitiba. O prédio residencial de 21 andares era novo e um dos mais altos da capital. Ali, numa kitnet, a emissora foi instalada. Faziam parte das dependências da TV Paranaense um estúdio para programas ao vivo, espaços para a direção e controles de som e de vídeo, além de uma cabine de locução. Embora pequeno para uma emissora, o apartamento oferecia espaço para abrigar os diferentes setores e suas equipes.

Reconhecida como a primeira emissora do Estado, a TV Paranaense – Canal 12 foi inaugurada em 29 de outubro de 1960 com uma equipe de profissionais que atuavam no rádio, de propriedade de Nagib. Como tinham grande conhecimento técnico sobre equipamentos de radiofonia, produção e apresentação de programas, além de prática administrativa e comercial, os funcionários foram disponibilizados para as novas tarefas. Dessa forma, a exemplo do que acontecia na TV Tupi e em tantas outras estações de TV, a ONC-TV (Organização Nagibe Chede-TV) deu início a um longo trabalho, porém, com poucos recursos. E mais tarde, com a necessidade de ampliar as acomodações da emissora, foram adquiridos outros imóveis no 20º andar do Edifício Tijuca, imediatamente adaptados como extensão do estúdio localizado no andar superior. (Baracho, 2006).

Elon Garcia, radialista das emissoras ONC, convocado para atuar como apresentador dessas primeiras transmissões, foi um dos primeiros rostos da TV Paranaense. Recorda-se ele: ... o estúdio da televisão era num auditório pequeno, no primeiro andar [do edifício Marisa]; engatava o som da rádio e se fazia a transmissão para os poucos telespectadores de Curitiba, com equipamentos importados. E essa transmissão era feita tipo sete horas da noite até dez horas, mais ou menos, e nesse momento eu era o apresentador, fazia o cenário, preparava os noticiários, inventava coisas para manter a televisão no ar. E aí, eu fui a primeira imagem, já nesse momento [...] então, nos testes do próprio acerto do equipamento, [fui] eu que apareci... (Baracho, 2006, p.370).

Dois anos depois da inauguração, a TV Paranaense exibiu sua primeira transmissão com imagens feitas fora dos estúdios, dando início à chamada “externa”, feita na época com uma lente teleobjetiva. O que permitiu ao telespectador ver, pela primeira vez, do alto o centro de Curitiba, ao vivo, pela TV. Fato que abriu as portas para novas experiências e criações. “Dois anos depois de ser inaugurada, a TV Paranaense já tinha uma programação intensa, o que tornava quase insano o trabalho no pequeno estúdio do Edifício Tijuca”. (Dalpícolo, 2010, p. 64).

Por iniciativa dos Diários e Emissores Associados, de propriedade de Assis Chateaubriand, em 19 de dezembro de 1960, entrou no ar a segunda emissora no Estado, a TV Paraná Canal 6 da Rede Tupi. Sob a responsabilidade do diretor do Jornal Diário do Paraná,

Adherbal Stresser, a nova emissora não passou por tantos erros técnicos como a TV Paranaense e tinha ainda a vantagem de usufruir de equipamentos modernos e de boa qualidade que vinham da TV Tupi de São Paulo, além de contar com a retransmissão de alguns de seus programas. (Dalpícolo, 2010, p. 64).

As duas emissoras passaram então a disputar audiência apostando em programações diferenciadas, concursos e sorteios. Com o processo eleitoral para a sucessão de Ney Braga, em 1965, no governo do Estado, começou uma disputa ainda maior. O Canal 12 apoiava Paulo Pimentel, ex-secretário de Agricultura do então governador Ney Braga, e o Canal 6 confirmava apoio a Bento Munhoz da Rocha, amigo pessoal de Adherbal Stresser. De lados opostos na política paranaense, um dos episódios que ficou marcado na disputa entre o Canal 12 e Canal 6 envolveu um anúncio do resultado do Ibope.

Um dos episódios mais indigestos da briga pela audiência entre o 12 e o 6 foi uma criação da S. J. de Mello, a agência de propaganda que atendia os Diários Associados. Ronald Stresser, então diretor do Canal 6, lembra que, por causa do anúncio, publicado no Diário do Paraná, quase perdeu a amizade de Nagibe Chede. “Seu Nagibe não gostou que nós fizemos um anúncio de uma página no Diário do Paraná, quando saiu o Ibope. O Ibope demorava para sair. E quando saiu deu, assim, uma diferença arrasadora a nosso favor. E o anúncio, a chamada em cima da página dizia assim: “quantas emissoras de TV existem em Curitiba? Elá embaixo: “Só uma. Segundo o Ibope, etc. e tal...”. Ai, quase que a nossa amizade foi pro brejo. Dr. Nagibe ficou muito triste, muito chateado. Depois a gente soube suplantar. Mas, em parte, era gozação, também”. (Dalpícolo, 2010, p.67).

Paulo Pimentel venceu a eleição para Governo e, em 1967, já então como governador do Paraná e proprietário de jornais e rádios pelo Estado inaugurou a terceira emissora, chamada TV Iguazu. Travando inúmeras batalhas e buscando maior expressividade junto ao público, as emissoras buscaram alternativas para se manter no mercado, mas acabaram mais tarde sendo comercializadas e indo parar nas mãos de outros grupos empresariais. E somente no final de 1968, os problemas financeiros e administrativos, levaram à negociação da TV Paranaense. Mas, a oficialização ocorreu somente em janeiro de 1969, por dois milhões de cruzeiros novos, numa época em que o salário mínimo valia 120 cruzeiros novos:

Os equipamentos estavam amarrados com barbante. Tinha muitas ações trabalhistas. Não tinha folha de pagamento. O Nagibe pagava vales, tinha um livro lá e as pessoas recebiam com vales. Só foram conhecer folha de pagamento quando nós entramos. Nós organizamos os vales, colocando na folha, na quinzena. (Dalpícolo, 2010, p.107).

Tão logo assumiu a direção da TV Paranaense, Francisco Cunha Pereira Filho contratou uma pesquisa de opinião com o propósito de melhorar a imagem junto aos telespectadores e anunciantes e corrigir os pontos fracos da programação. E ciente de que era preciso trabalhar em equipe, o empresário deu continuidade ao propósito inicial, mas não

sem antes enfrentar algumas dificuldades. A empresa que tinha um contrato com a RedeGlobo, que na época já buscava qualidade da imagem, começou a ter problemas com a questão de retransmissão. As sombras e os chuviscos faziam com que a TV Paranaense oferecesse uma qualidade inferior ao que a TV Globo exigia. E apesar dos esforços de negociação, o contrato foi cancelado em 1971 (Dalpícolo, 2010).

Com o fim do contrato, a nova parceira da Rede Globo no Paraná passou a ser a TV Iguaçu. Como a Globo seguia o modelo de comercialização onde as afiliadas partilhavam uma fatia do que era comercializado nacionalmente, isso não só deu um fôlego extra, como também contribuiu para que a emissora conquistasse a liderança no Estado passando a ser uma forte concorrente do Canal 12, que passou a negociar com a Record (Dalpícolo, 2010).

Em março de 1973, a TV Paranaense instalou-se no famoso “Castelo do Batel”. Uma imponente réplica dos castelos franceses, com imensos salões e cristais nas janelas, além de vitrais com mosaicos coloridos. De propriedade do ex-governador do Paraná, Moisés Lupion, a imponente construção estava vazia e era alvo de uma disputa judicial em virtude de uma dívida. Em posse de credores, a locação se tornava um obstáculo. (Dalpícolo, 2010).

A amizade entre Francisco Pereira Cunha e a família Lupion facilitou o aluguel do prédio e possibilitou que ali fosse a nova sede da TV Paranaense. A mudança foi feita aos poucos, começando pelo setor administrativo, que ocupou as salas e os quartos do térreo e do primeiro andar.

A casa dos empregados foi adaptada para receber os equipamentos, o departamento de engenharia e o setor de produção. Nos fundos do Castelo, atrás da piscina, foram construídos barracões para receber os novos estúdios e o departamento de jornalismo. A antena e o transmissor continuaram no Edifício Tijuca, no centro da cidade, por um ano, e o bom e velho link de microondas fazia com que as imagens geradas no Batel chegassem até lá. (Dalpícolo, 2010, p.123)

Mais tarde, quando o imóvel voltou às mãos da família Lupion, foi firmado um novo contrato de locação que perdurou por longos anos. Apesar do desejo em adquirir o imóvel, os sócios desistiram da ideia quando a construção foi tombada pelo patrimônio histórico do Paraná, o que tornava inviável futuros projetos de ampliações ou reformas (Dalpícolo, 2010). Por outro lado, sem mandato e com algumas desavenças no meio político, o empresário Paulo Pimentel vinha enfrentando algumas dificuldades e acabou perdendo o direito de retransmitir a programação da Rede Globo, que voltou a ser retransmitida pelo Canal 12.

Jamur Júnior, na época apresentador do Canal 4, lembra que, numa noite de abril de 1976, os telespectadores de Curitiba que acompanhavam Pecado Capital pela TV Iguaçu, ligaram a televisão e, no lugar da novela, passava o desenho animado *Tom e Jerry*. A novela que tinha Francisco Cuoco, no papel principal, interpretando o taxista Carlão, havia mudado de canal, sem que ninguém fosse avisado e estava sendo

exibido pelo Canal 12. A TV Paranaense era de novo, a parceira da Rede Globo no Paraná. (Dalpícolo, 2010, p. 129)

Essa reaproximação entre a Rede Globo e a TV Paranaense possibilitou investimentos em novos equipamentos e o início de uma fase de expansão do setor de jornalismo. Juntas, as empresas adquiriram várias emissoras pelo Estado. Em 1979, foi adquirida a TV Cultura, Canal 8 de Maringá que chega hoje em cerca de 69 municípios e a 1,1 milhão de telespectadores. Um ano depois em janeiro de 1980 os empresários compraram a TV Coroados de Londrina que transmite sua programação a 52 cidades da região do norte do Paraná. A expansão seguiu para a região Oeste e, em julho de 1988, a TV Cataratas passou a integrar as emissoras do Grupo. Seu sinal chega a atingir algumas cidades que fazem fronteira com o Paraguai e Argentina. (Dalpícolo, 2010).

A partir de 1990, passaram a fazer parte da Rede Paranaense de Televisão outras quatro novas emissoras. A TV Esplanada, de Ponta Grossa adquirida em 1993 pelo Grupo, se configura como uma das mais antigas emissoras de televisão do Estado, e sua área de cobertura chega a cerca de 38 municípios, entre estes, todos os que compõem os Campos Gerais. Já em 1996 incorpora-se ao restante das emissoras do interior, a TV Guairacá de Guarapuava com retransmissão da programação da TV Esplanada até 2000. (Dalpícolo, 2010)

Em 1997 houve a aquisição da TV Imagem de Paranaíba que hoje cobre 71 municípios, mantendo sucursais nas cidades de Cianorte e Umuarama. E no ano de 2000, a TV Oeste de Cascavel passa a fazer parte do Grupo RPC. Em 1998, os filhos dos empresários Cunha Pereira e Lemanski passaram a acompanhar de perto as atividades e assumir a responsabilidade de transformar e modernizar as empresas. Uma das inovações foi a unificação do jornal e da TV, enxugando os setores de administração, marketing e recursos humanos. (Dalpícolo, 2010).

O grupo paranaense também investiu em novos profissionais e ampliou o telejornal do meio dia, inclusive das emissoras do interior. Para isso, contratou mais jornalistas e incorporou à equipe profissionais de outras áreas como um professor de português e uma fonoaudióloga para cuidar dos textos e das vozes de repórteres e apresentadores. Também criou um grupo de treinamento dirigido a jornalistas recém-formados para revelar novos talentos. (Dalpícolo, 2010).

Em 2002, a RPC comprou ações da Rede Globo, avaliadas na época em 80 milhões de reais. Investimento que exigiu restrições e empréstimos bancários. Houve corte em vários departamentos e conseqüentemente demissões, além da aposentadoria de muitos funcionários. Outras medidas de economia foram tomadas pelo Grupo de Comunicação como a saída do emblemático Castelo do Batel, cujo aluguel chegava a R\$ 211 mil por mês. (Dalpícolo, 2010).

Alguns fatos também marcaram mudanças significativas na empresa, como a morte do empresário Francisco Cunha Pereira, aos 82 anos, vítima de parada cardiorrespiratória, em 18 de março de 2009. E do seu sócio Edmundo Lemanski, apenas um ano e cinco meses depois, no dia 21 de agosto de 2010, aos 83 anos, vítima de câncer. Com a perda dos dois patriarcas, os herdeiros que já estavam agindo administrativamente há três anos passaram definitivamente a frente dos negócios. (Dalpícolo, 2010).

Em 2007, começou uma das mais significativas transformações pela qual a empresa passou, que foi a implantação do sinal digital. O uso de câmeras modernas que gravavam imagens em discos de mídia digital, muito parecidos com DVDs, trouxe mudanças significativas para o setor do jornalismo. Também foram substituídas as ilhas de edição de videoteipes por novos e modernos computadores. (Dalpícolo, 2010).

Mesmo digitalizando seus conteúdos, embora os telejornais fossem montados a partir da transferência de arquivos de um computador para outro, a transmissão ainda continuava analógica. Mas em menos de um ano a TV digital foi ao ar para Curitiba e Região Metropolitana, tornando a TV Paranaense a primeira emissora do sul do país a transmitir pelo novo sistema. (Dalpícolo, 2010).

**Quadro 1** – Trajetória no setor televisivo do Grupo RPC

ANO	Aquisições
1969	TV Paranaense é adquirida por Francisco Cunha Pereira Filho e Edmundo Lemanski.
1976	Canal 12 é afiliada da Rede Globo e passa a retransmitir a programação da emissora.
1979	Aquisição da TV Cultura em Maringá.
1980	TV Coroados em Londrina é adquirida pelos empresários.
1988	Implantação da TV Cataratas em Foz do Iguaçu. Sucursal de Cascavel passa a fazer parte da regional de Foz.
1993	TV Esplanada, em Ponta Grossa, é adquirida e passa a transmitir a programação da Rede Globo.
1996	TV Independência, é comprada em Guarapuava e passa a se chamar TV Guairacá com retransmissão do sinal da TV Esplanada de Ponta Grossa.
1997	Aquisição da TV Imagem de Paranaíba.
2000	Lançamento da marca corporativa RPC. Aquisição da TV Oeste, em Cascavel Aquisição da TV Guairacá, em Guarapuava.
2001	Lançada a Fundação do Instituto RPC. Atual (GRPCOM).
2003	RPC muda do Castelo do Batel para sede própria.
2009	Emissoras passam a ter seu próprio portal de conteúdo.

**FONTE:** A autora, adaptado de Dalpícolo (2010).

### 2.3 A DIGITALIZAÇÃO E AS MUDANÇAS NA ROTINA DO TELEJORNALISMO

A escolha pelo sistema de TV digital no Brasil ocorreu por uma batalha econômica entre governo e empresas. Depois de uma longa disputa por qual modelo adotar, entre os padrões americano, europeu, japonês e o genuinamente nacional, o Brasil optou pelo sistema digital nipônico, a partir do qual desenvolveu-se o modelo híbrido nipo-brasileiro (Rosa e Toniazzi, 2010).

Essa nova tecnologia abriu possibilidade para acesso à internet via televisão, interatividade entre transmissor de conteúdo e receptor (telespectador) por meio de um canal de retorno, multiplicidade de canais, além da convergência de diversos meios de comunicação eletrônicos, como a telefonia fixa e móvel. (Rosa e Toniazzi, 2010).

Determinado pelo Governo Federal, a digitalização na televisão brasileira começou em 2007 com uma transmissão oficial do sinal na cidade de São Paulo. Já a partir de 2008, foram realizadas inúmeras campanhas para popularizar a transmissão que oferecia um recurso

de alta definição e cuja transmissão histórica foi realizada pelo canal da Câmara dos Deputados em São Paulo, em parceria com a Assembleia Legislativa e o Laboratório de Pesquisas em TV Digital da Universidade Mackenzie. (Rosa e Toniazzo 2010).

O desligamento do sinal analógico em todo o Brasil obedeceu a um cronograma para todos os municípios, iniciado em 29 de novembro de 2015 a 25 de novembro de 2018, conforme o Decreto Federal nº 5.820 de 29 de Junho de 2006.

Esse desligamento seria permitido em cada município desde que 93% dos domicílios tivessem acesso aberto e gratuito ao sinal. Para estimular e atingir esse percentual, o Governo determinou por meio da Portaria Nº 378, de 22 de janeiro de 2016, que os beneficiários do programa Bolsa Família recebessem, de forma gratuita, um conversor digital com interatividade e antena para recepção, além de garantir que medidas fossem tomadas para solucionar eventuais problemas de interferência da telefonia móvel na televisão digital. Após ajustes, o cronograma foi revisto e o prazo foi estendido até 2023, segundo a mesma portaria citada anteriormente.

A convergência tecnológica no setor televisivo, para Ramón Salaverría (2015), provocou rachaduras nos negócios tradicionais da mídia, como a internacionalização dos mercados da comunicação; o aumento na oferta informativa; a ruptura no ciclo editorial e do monopólio da informação, além de um novo modelo de negócio. Mas, segundo Salaverría (2015), não foi só o modo de produzir a notícia que sofreu mudanças. O acesso à informação também mudou. Ainda que o jornalista siga com a função de trazer à luz assuntos desconhecidos, o profissional precisa ser antes de tudo um intérprete, tornando a informação mais relevante e inteligível. Outro ponto destacado pelo autor é quanto à habilidade dos jornalistas em saber trafegar pelos variados e diferentes meios e linguagens, proporcionados pelas redes digitais, que trouxeram à luz um jornalismo com fundamentos e gêneros específicos. “Da mesma forma que não é concebível que cirurgiões ou arquitetos trabalhem durante anos utilizando as mesmas ferramentas, não é aceitável que um jornalista também o faça”. (Salaverría, 2015 p. 23).

A digitalização no setor televisivo impactou sobremaneira as emissoras. No caso da Rede Paranaense de Comunicação (RPC), a transmissão oficial se deu às 20h25 em 22 de outubro de 2008 para Curitiba e partes das cidades da região metropolitana. O termo de concessão do sinal digital foi assinado pelo ministro das Comunicações, Hélio Costa. Com isso, de acordo com a Gazeta do Povo, jornal do Grupo RPC, edição de 22 de outubro de 2008, a capital paranaense passou a ser a quinta capital brasileira e a primeira do Sul do país a oferecer o sinal de TV digital. A cerimônia que marcou o começo das transmissões digitais no Paraná foi na sede da Rede Paranaense de Comunicação (RPC), no bairro Mercês, depois de dois anos

de trabalho do setor de engenharia em parceria com técnicos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e da Rede Globo (RPC, 2023), conforme informações divulgadas pela Gazeta do Povo.

## 2.4 ENTREVISTA COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO

A entrevista é uma técnica utilizada em diversos campos do conhecimento como um método de coleta de dados e informações. Seu propósito metodológico está em obter respostas diretas e pessoais dos entrevistados, baseando-se na compreensão de suas percepções, opiniões e experiências. Com base nas respostas, esta ferramenta permite analisar e interpretar os dados contribuindo para a construção do conhecimento científico.

Poupart (2010) define a entrevista como um dos recursos metodológicos que buscam recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte selecionada por deter informações sobre algo que deseja conhecer. A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil tanto para entender a realidade do entrevistado, quanto para descrever processos complexos nos quais o sujeito está ou esteve envolvido (Poupart 2010).

A entrevista deve permitir que o pesquisado forneça uma história verdadeira, com uma reconstrução autêntica da sua realidade, conforme defende o teórico. Em torno do objetivo de que o outro fale, há um conjunto de medidas, apontado pelo autor em questão:

Deixar o entrevistado à vontade; propiciar um ambiente favorável para que ele sintase seguro ao falar; fazer uso de poucos recursos ou instrumentos que possam vir a inibir o indivíduo, como o uso de equipamentos de sons e vídeos; interferir o mínimo possível no diálogo; amenizar as diferenças sociais que possam ocorrer; usar uma linguagem formal, porém simples que ele possa reconhecer; a demonstrar interesse pelo que está sendo dito, jamais interromper, julgar ou contestar o entrevistado; além de garantir o anonimato e mostrar-se neutro diante do assunto a ser pesquisado. Com base nessas estratégias o pesquisador consegue não só ganhar a confiança do entrevistado como o convence de que sua intenção é boa, culminando num melhor resultado para sua investigação (Poupart, 2010, p.228-229).

Para alcançar semelhanças às situações naturais, os depoimentos colhidos devem se aproximar da fala espontânea e das conversas comuns, na visão de Jean Poupart (2010). Os atores envolvidos, segundo ele, ao tomarem consciência dos interesses do pesquisador, devem aceitar fazer sua colaboração de forma natural. Entretanto, o pesquisador deve atentar-se para alguns riscos surgidos durante a pesquisa, que possam comprometer o andamento, como por exemplo, o excesso de confiança na investigação; influenciar o observador sobre o objeto de estudo; deixar de observar diferentes enfoques; ou ainda pensar que domina com profundidade seu objeto de estudo. Nesse contexto, o autor sugere que os discursos produzidos pela entrevista sejam analisados tanto sob a luz dos entrevistados, quanto à luz dos pesquisadores. (Poupart,

2010).

Como a entrevista permite explorar as condições de vida dos atores, ela deve servir também de mecanismos para denunciar preconceitos, exclusão e desigualdades de certos grupos que possam vir a ser considerados como diferentes, na visão de Poupart (2010). No pensamento do autor, o recurso da entrevista permite não só que se evidencie o que as pessoas vivem em seu cotidiano, como também lhes possibilite falar.

Porém, mesmo que esse método se mostre eficaz e verdadeiro, o teórico sugere que a forma como o pesquisador orienta sua pesquisa e identifica as causas do entrevistado, pode fazer com que ele, de maneira consciente ou não, exerça certo controle sobre o seu pesquisado. Além do envolvimento, há que se pensar também, no modo como o pesquisador deve proceder para evitar abraçar uma causa ou opinião diferente da pessoa ou do grupo a ser entrevistado. Para tanto, é preciso que se utilize de todos os pontos de vistas contrários para que se evite uma avaliação discriminatória ao objeto de estudo, já que o pesquisador e a maneira de fazer a pesquisa podem influenciar na produção dos dados. (Poupart, 2010).

No texto “Compreender”, em sua obra “A miséria do mundo”, Bourdieu (1997), considera a entrevista como um processo metodológico da pesquisa, já que no ato da entrevista deve-se levar em consideração a relação entre o pesquisador e o pesquisado, de forma que fique bastante claro o posicionamento de quem está fazendo o questionamento, para que servem as perguntas e quais são os objetivos da entrevista.

Para melhor conduzir esse procedimento, Bourdieu (1997) enfatiza que, mesmo se esforçando para entrar no universo imaginário do entrevistado, o entrevistador jamais poderá se apoderar de seus sentidos, mesmo que tenha compreensão ou consiga interpretar seu discurso. Dando continuidade ao pensamento do autor, é preciso entender que a relação pode estar carregada de sentidos e intenções tanto da parte de um quanto de outro. Para perceber essa sutil diferença, é fundamental compreender que:

Embora o pesquisador se esforce ao entrar no universo simbólico e/ou imaginário do entrevistado, nunca poderá se apropriar dos sentidos de quem fala, embora possa (e seja seu dever) compreender e/ou interpretar o seu discurso a partir de uma série de procedimentos inerentes à pesquisa. A ideia central do autor é de que entrevistar não é se colocar no lugar do outro, mas dar compreensão à sua fala. (BOURDIEU, 1997, p.700).

Poupart (2010) e Bourdieu (1997) reconhecem que o sucesso do método depende muito mais da qualidade e habilidade do entrevistador do que da técnica, o que faz com que todos os itens da entrevista antes da escolha final, devam ser avaliados.

Outro teórico que discute com propriedade a questão da entrevista em profundidade é

Jorge Duarte (2010). O autor reconhece o método de entrevistar como um recurso que busca respostas a partir das experiências subjetivas de sua fonte. Para o autor, os dados coletados são também interpretados e podem vir a ser reconstruídos por meio de um diálogo inteligente e crítico. Em suas palavras:

Seu objetivo está relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema. Deste modo, como nos estudos qualitativos em geral, o objetivo muitas vezes está mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas. (DUARTE, 20010, p.63).

Independentemente de como é feita, a entrevista sempre foi considerada uma forma adequada de fazer com que uma pessoa fale o que pensa, descreva sua experiência ou o fato que tenha presenciado. As entrevistas, embora sejam de diferentes tipos, partem da caracterização de três elementos fundamentais que são: as entrevistas abertas, propostas a partir de um tema central; as semiabertas, que precisam de um roteiro base; e as fechadas. No caso das abertas e semiabertas, a característica principal é a flexibilidade e a possibilidade de explorar ao máximo um determinado tema. (Duarte, 2010).

Para esta pesquisa a amostra foi constituída de 10% do número total de demitidos no período de 20 anos na Rede Paranaense de Comunicação. Profissionais jornalistas de ambos os sexos, com tempo de serviço na empresa de pelo menos cinco anos e que tenham vivenciado ao menos um processo de demissão na emissora. Esse critério foi estabelecido a fim de contemplar os possíveis impactos nas atividades profissionais do telejornalismo. Foi realizada ainda entrevista com a direção do Sindicato dos Jornalistas do Paraná (Sindijor-Pr), para compreender como a questão das demissões nas redações tem sido acompanhadas pelo setor sindical.

O roteiro de entrevista continha perguntas pertinentes à compreensão acerca do enxugamento das redações. A primeira parte do roteiro da entrevista buscou identificar o perfil dos entrevistados; e a segunda foi composta por questões que visavam identificar diversos aspectos relacionados à demissão e ao consequente processo de enxugamento das redações (Quadro 2). O objetivo foi criar um instrumento de análise que possibilitasse a exploração de elementos variados, os quais garantissem uma visão ampla sobre a questão.

**Quadro 2 - Roteiro de Entrevista**

<b>Roteiro de Entrevista</b>	
<b>Caracterização do Perfil</b>	
1	Nome (esta pesquisa preserva o anonimato dos entrevistados)
2	Sexo
3	Idade
4	Escolaridade
5	Tempo de carreira
6	Cargo que ocupou na RPC
7	Tempo de trabalho na empresa
8	Tempo que exerceu sua última função na empresa
9	Ganhava o piso da categoria?
10	Salário
<b>Sobre o enxugamento nas redações</b>	
11	Em termos de estrutura organizacional, qual era a estrutura de pessoal (quantos repórteres, apresentadores, cinegrafistas etc..) que trabalhava na redação quando você entrou na empresa? Houve alguma mudança no número de jornalistas durante sua permanência?
12	Quanto ao conteúdo como era feita a seleção de notícias? Como elas chegavam e de que maneira eram elaboradas as pautas? Teve mudanças ao longo do período em que você trabalhou na empresa?
13	No que se refere à captação de imagens como era quando começou a trabalhar? Presenciou alguma mudança no modo de captar ou na implantação de novos equipamentos?
14	Você presenciou a mudança do sinal analógico para o digital? Quais mudanças você lembra de terem ocorrido na redação no tocante a contratações e funções para os jornalistas?
15	Caso você tenha sido demitido da empresa, qual foi a causa/o motivo alegado para sua demissão? E qual é sua opinião acerca dessa justificativa apresentada por seu superior imediato?
16	Se o seu caso não foi de demissão, por qual motivo você se desligou da empresa?
17	Você está recolocado no mercado de trabalho?
18	Como você avalia seu processo de busca por uma recolocação no mercado de trabalho? Houve mudanças na forma de contratação e na carga horária?

**FONTE:** A autora.

Em um primeiro momento, foram feitos contatos diretos com 20 profissionais, a respeito da participação na pesquisa, sendo três a mais, que a margem de 10% do total de

demitidos ao longo dos 20 anos na Rede Paranaense de Comunicação. Dos 20 contatados, apenas 15 deles confirmaram positivamente. É importante considerar que o método da entrevista geralmente é realizado a partir de dinâmicas presenciais entre o entrevistador e o entrevistado. Entretanto, três entrevistados preferiram responder as perguntas por video chamadas, devido a distância espacial, quatro por vídeos de whatsapp, dois solicitaram responder via e-mail , e os outros seis foram de forma presencial.

Para a análise das entrevistas, foram seguidas etapas como a delimitação dos principais temas que confirmaram a unidade das narrativas individuais; e a identificação das particularidades, semelhanças e diferenças de cada depoimento. Com a análise do conjunto de depoimentos dos jornalistas, buscou-se identificar referências comuns na possível motivação de enxugamento das redações. Pela condição de preservar a identidade dos jornalistas entrevistados, optou-se pela referência de códigos.

Essa pesquisa apresentou alguns contratemplos, como a redução no número da amostragem, já que cinco profissionais não enviaram seus questionários e a falta de dados no número de demissões de jornalistas por parte do Sindicato do Norte do Paraná, que alegou não ter um levantamento dos números, já que desde 2017 após a Reforma Trabalhista, as rescisões dos contratos de trabalho não precisam mais ser homologadas perante os Sindicatos. Outro contratempo alegado pelo Sindinorte foi a Lei nº 13.709/2018 que protege os direitos fundamentais de liberdade e privacidade de dados em vigor desde 2020, que não permite a divulgação sem autorização.

A falta de elementos oficiais por parte da Rede Paranaense de Comunicação, mesmo tendo sido realizados insistentes contatos com a direção do Departamento de Jornalismo e de Recursos Humanos na sede em Curitiba, também trouxe impacto aos resultados da pesquisa. Os dirigentes contatados alegaram que os dados de demissão são sigilosos.

### **3 A PRECARIZAÇÃO NO SERVIÇO JORNALÍSTICO**

No capítulo anterior foram discutidas as proposições teóricas e as reflexões sobre o enxugamento das redações no telejornalismo, além de trazer discussão a cerca das transformações ocasionadas pelas mudanças tecnológicas.

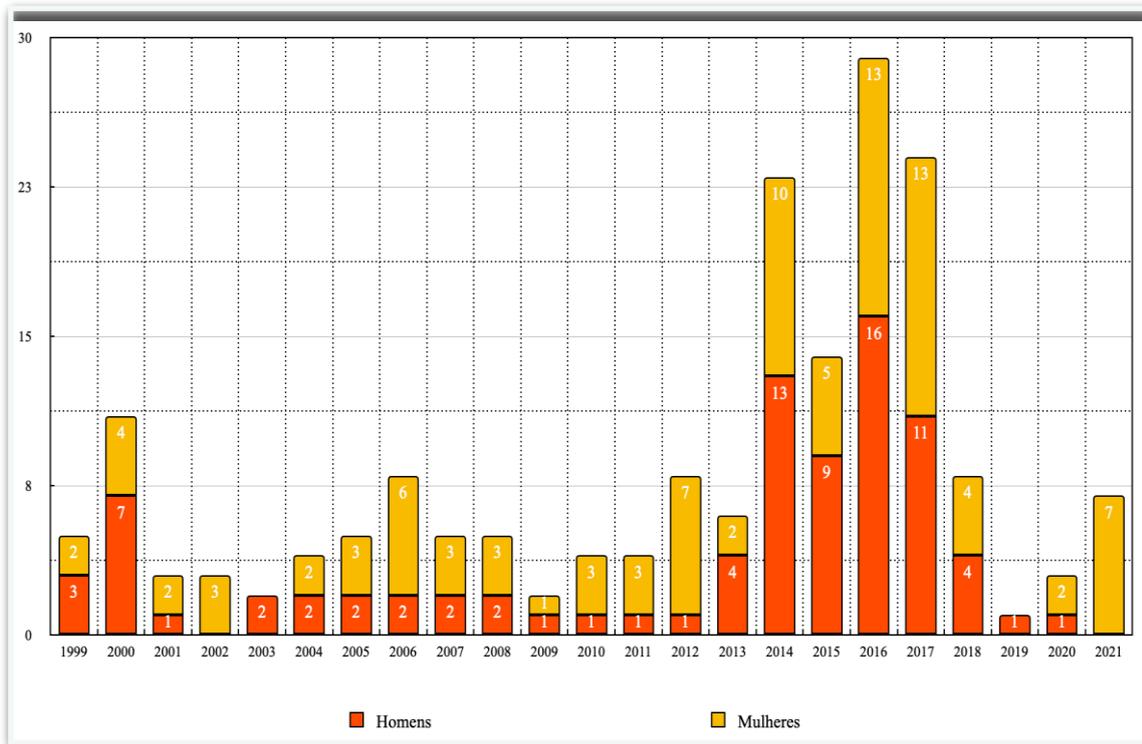
Já neste capítulo, serão apresentadas considerações a partir dos dados oficiais de demissões de jornalistas, nos últimos 20 anos fornecidos pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná (Sindijor-Pr). Em seguida, serão tratados aspectos da pandemia e da precarização do trabalho jornalístico, bem como as demissões que serão ilustradas por meio de números, gráficos e quadros elaborados a partir dos números obtidos junto ao Sindicato da categoria, Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos, bem como números obtidos junto a pesquisas feita pela autora.

Além de entrevistas com profissionais jornalistas também foi registrada a observação de um telejornal regional no período de uma semana como forma de acompanhar as principais mudanças estruturais.

#### **3.1 DEMISSÕES NO TELEJORNALISMO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE DADOS DO SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS DO PARANÁ**

De acordo com levantamento do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná (Sindijor-Pr), quase 180 jornalistas que trabalhavam em redações com carteira assinada na base do Sindicato, foram desligados nos últimos 20 anos. De acordo com o diagnóstico levantado pelo Sindicato para esta pesquisa, no período de 1999 a 2021 só na Rede Paranaense de Comunicação foram 177 demissões homologadas, sendo 54 só nas cidades do interior do Estado. E desse número total de demissões, 141 delas foram sem justa causa.

O gráfico a seguir demonstra esse processo de demissões e a evolução no número de profissionais jornalistas demitidos no principal conglomerado de comunicação do Estado.

**Gráfico 2** - Evolução do número de demissões de jornalistas na RPC

**FONTE:** A autora adaptado de dados do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná.

Entre os números que chamam a atenção está o fato de que a maioria das demissões foram de mulheres, chegando a 96 (54,2%) enquanto o número de homens ficou abaixo com 81 demitidos (45,8%). No período que compreende a pesquisa, os anos com maior registro de demissões foram 2016, com o desligamento de 29 profissionais, seguido de 2014, com 23 demitidos.

Em 1999, cinco jornalistas foram demitidos, dos quais apenas um sendo de Foz do Iguaçu e quatro da capital. Já em 2000, o número de demitidos chegou a 11, porém com apenas um em Foz do Iguaçu e os outros 10 na capital do Estado. No ano seguinte, em 2001, as demissões foram menores com apenas três desligamentos, sendo novamente um em Foz do Iguaçu. Em 2002, também foram registradas três demissões na cidade de Guarapuava. E em 2003, ocorreu uma demissão na capital paranaense.

Outros quatro desligamentos foram registrados em 2004, porém nenhum deles no interior do Estado. No ano seguinte, em 2005, novamente ocorreram cinco demissões sem atingir o interior. Em 2006, foram oito jornalistas demitidos, dos quais apenas um em Ponta Grossa e o restante na Capital do Estado.

Em 2007, novamente foram demitidos cinco profissionais da capital e outras cinco demissões foram registradas em 2008, das quais duas foram no interior do Estado na cidade de

Ponta Grossa. Em 2009, ocorreram duas demissões, sendo uma delas na capital e outra em Foz do Iguaçu. Já em 2010, das quatro demissões registradas pelo Sindicato, apenas uma foi em Foz do Iguaçu e as outras três em Curitiba. Em 2011, houve uma demissão em Ponta Grossa e outras três na Capital. O número aumentou em 2012, com oito demissões na capital.

Em 2013, foram seis demissões, sendo uma em Paranavaí e cinco na capital. Em 2014, as demissões deram um salto chegando a um total de 23. Desse total, 18 eram da capital, dois de Ponta Grossa e um nas cidades de Maringá, Guarapuava e Foz do Iguaçu. No ano seguinte em 2015, o número de demitidos foi de 14, dos quais apenas um era do interior da cidade de Foz do Iguaçu. Em 2016, registrou-se um número considerado alarmante de demissões na empresa, com 29 profissionais jornalistas desligados. Destes, 20 eram da capital, sete em Foz do Iguaçu e um em Guarapuava e outro em Ponta Grossa. O ano de 2017, embora tenha havido uma pequena redução de dispensas em comparação ao anterior, também apresentou um número considerável de demitidos, totalizando 17. E pela primeira vez, o interior do Estado foi o mais atingido. Foram seis demissões em Ponta Grossa, cinco em Foz do Iguaçu, uma em Cascavel, uma em Paranavaí e quatro na capital.

Em 2018, foram registrados no Sindijor-PR, oito demissões, mas apenas uma delas ocorreu no interior do Estado. Em 2019, ocorreu apenas uma demissão na capital e em 2020 foram três. Já em 2021, foram sete demitidos, dos quais cinco na capital e dois em Ponta Grossa.

Esses números, de acordo com o Sindijor-PR, podem ser ainda maiores, uma vez que, a partir de 2017, as empresas ficaram desobrigadas a homologar as rescisões de contratos no Sindicato da categoria, de acordo com a Lei Federal 13.467/2017. E conforme o presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná, Célio Martins, em entrevista concedida para esta pesquisa (em 09 de junho de 2023) duas questões foram relevantes na questão das demissões: a redução do número de jornalistas nas redações e a substituição de profissionais mais experientes, com salários maiores, por profissionais em início de carreira, com salários menores.

Na opinião de Martins (2023), a redução no número de jornalistas se deu por vários fatores, mas é possível destacar as medidas das empresas para redução de gastos com a folha de pagamento, acúmulo de função e as mudanças tecnológicas. No primeiro caso, de acordo com Martins, além da troca de profissionais com maiores salários por contratados com salário mais baixo, as empresas procuraram “enxugar” seus quadros para reduzir custos. “Muitas empresas entendem a contratação como um gasto, e não como investimento, o que é um erro”, disse Martins (2023). No segundo caso, o presidente do Sindijor-PR acrescenta que muitas funções que eram distintas passaram a ser exercidas por um único jornalista. “Um

exemplo é o caso das TVs que colocam os repórteres cinematográficos como motoristas da equipe. Essa prática vem se tornando comum” (Martins, 2023).

Outro fator considerado pelo presidente do Sindijor no Paraná é que, com o uso de novas tecnologias, várias funções foram extintas. “Até os anos 2000, muitas equipes de reportagem eram formadas por um repórter, um repórter cinematográfico, um motorista e um operador de VT, que também fazia o trabalho de iluminador. Hoje, há exemplos de que o repórter sozinho representa toda a equipe: ele dirige o carro, grava as imagens, entra ao vivo, faz entrevistas”. (Martins, 2023).

O presidente do Sindijor destaca ainda como fator determinante para as empresas o alto custo da produção jornalística. “Para fazer um telejornal local, com reportagens de rua, uma empresa precisa investir uma quantidade razoável de recursos”. Segundo Martins (2023), com a redução de receita oriunda de publicidade – grande parte do bolo publicitário foi para a internet e a saída encontrada por muitas emissoras foi reduzir a produção de jornalismo local, preenchendo o espaço com produção nacional, seja de jornalismo ou de entretenimento. “Isso é ruim para as comunidades locais, que, muitas vezes, são obrigadas a buscar informações nas redes sociais e acabam consumindo fake News”, destaca. Martins defende que, o jornalismo profissional, ético e de interesse público precisa ocupar espaços na web. As ferramentas de divulgação da rede, a facilidade de fazer as informações chegarem em tempo real, em qualquer lugar, pode sim ser um aliado do jornalismo, na opinião de Martins (2023). “Mas, é preciso levar em consideração que, em muitas situações, o jornalismo profissional requer tempo de apuração, verificação de dados, o que garante confiabilidade. E esse é um diferencial determinante”.

Quanto à remuneração do profissional do setor jornalístico no Paraná, para Martins (2023), os salários dos jornalistas chegaram à defasagem de 10,77% no primeiro semestre de 2023, comparados aos registrados antes da pandemia de Covid-19. Essas perdas foram acumuladas nos anos de 2020, 2021 e 2022. “Agora em 2023, as empresas aceitaram repor 100% da inflação, com base no INPC, dos últimos 12 meses, mas se recusaram a repor as perdas dos anos anteriores”. (Martins, 2023).

O piso salarial dos jornalistas no Estado em 2023 está fixado em R\$ 4.233,60. Se fosse corrigido com as perdas dos três anos anteriores, segundo o presidente do Sindicato, chegaria a cerca de R\$ 4.689,56. “Essas perdas ocorreram em todos os Estados, alguns com percentuais maiores. Outro dado é que o piso do Paraná é o maior do País, o que mostra a precarização da profissão. Há Estado em que o piso não chega a R\$ 2 mil”.

Entre as preocupações sobre o futuro do jornalismo está a decisão do Supremo

Tribunal Federal (STF), que retirou a exigência do diploma para o exercício da profissão de jornalista, com prejuízos não só para a profissão, mas para toda sociedade. A exigência da formação superior em jornalismo para o exercício da profissão foi derrubada em 17 de junho de 2009 pelo Supremo Tribunal Federal (STF), que considerou a norma incompatível com a liberdade de expressão prevista na Constituição Brasileira. Para Martins (2023), “a população perdeu a referência, não sabe mais se determinada informação é confiável. Isso se dá porque toda pessoa pode se identificar como jornalista. É preciso dar condições para que as pessoas possam verificar se determinado conteúdo foi ou não produzido com os requisitos do jornalismo profissional, se quem produziu tem as qualificações técnicas para oferecer informação segura”.

As grandes mudanças pelas quais passou a Rede Paranaense de Comunicação repercutiram no quadro de funcionários que também sofreu alteração. De acordo com dados do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná, de janeiro de 2020 a dezembro de 2021, foram demitidos 105 jornalistas na emissora. Desse total, 68 foram dispensados em 2020 e 37 em 2021, dos quais a maioria atuava na área de televisão. Só na emissora de Ponta Grossa, uma das sete afiliadas do grupo, no interior do Estado, no prazo de apenas um ano o número de jornalistas diminuiu de 17 para 11. Os quadros a seguir mostram a mudança na estrutura organizacional da emissora.

**Quadro 3** - Configuração da Redação da RPC em Ponta Grossa 2019/2020

ANO 2019		ANO 2020	
Função	Quantidade	Função	Quantidade
Repórter	04	Repórter	03
Repórter cinematográfico	04	Repórter cinematográfico	02
Auxiliar – motorista	01	Auxiliar – motorista	01
Editor Apresentador	02	Editor Apresentador	01
Editor Executivo	02	Editor Executivo	02
Editor	02	Editor	01
Produtor	02	Produtor/Editor	01

**FONTE:** A autora, adaptado com dados do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná.

O levantamento feito por esta pesquisa junto ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná (Sindijor-PR), exposto no quadro abaixo, mostra a redução do número de repórteres, repórteres cinematográficos, auxiliares, editores executivos, editores e produtores no período

de um ano. Apenas a função de repórter não apresentou cortes de 50%, as demais caíram pela metade. Os números demonstram que o processo de enxugamento das redações é um fenômeno grave que deve ser analisado. De acordo com a página oficial da Rede Paranaense na internet, a empresa atualmente é a maior rede de televisão do Paraná chegando diariamente a mais de 10,8 milhões de telespectadores e é formada por oito emissoras, das quais sete estão no interior do Estado. Estima-se que as sete emissoras do interior do estado conte com cerca de 92 jornalistas, conforme o cruzamento de informações feito por esta autora em julho de 2023.

A cidade do interior do Paraná com mais profissionais da área é Londrina com 19 jornalistas, seguida de Foz do Iguaçu com 16 e Maringá com 15. A emissora de Paranaíba tem 13 jornalistas, Cascavel 12, Ponta Grossa com 11 e Guarapuava com seis. E entre as funções o que chama a atenção é o cargo de Apoio que só estão presentes nas cidades de Cascavel, Londrina, Foz do Iguaçu e Maringá. O número de repórteres também difere nas emissoras. Enquanto Foz do Iguaçu, Londrina e Paranaíba contam com quatro profissionais, nas cidades de Ponta Grossa e Cascavel são três e Guarapuava apenas um. Da mesma forma a quantidade de repórteres cinematográficos também se altera, sendo em número maior somente na emissora de Londrina que conta com quatro profissionais. Já no restante do Estado o número de jornalistas para esta função varia entre três e dois profissionais.

Observa-se que a função como a de editor de imagem não aparece nas emissoras das cidades de Paranaíba e nem de Ponta Grossa. Ponta Grossa inclusive também deixou de ter a função de Apoio e de produtor de jornalismo, ficando o editor com esta obrigação ainda de elaborar as pautas. Outra ressalva que não pode deixar de ser feita e descoberta durante esta pesquisa é quanto ao fato do apresentador acumular também a função de editor.

O quadro abaixo serve para ilustrar o número de profissionais que trabalham na redação nas diferentes emissoras da Rede Paranaense de Comunicação e a diferença no número de empregos oferecidos em cidades do interior quase com o mesmo porte como é o caso de Cascavel e Ponta Grossa ou ainda Maringá.

**Quadro 4** – Configuração da Redação da RPC no interior do Paraná em agosto/2023

<b>Cidade</b>	<b>Cargo</b>	<b>Número</b>
<b>Cascavel</b>	Produtor	2
	Repórter	3
	Apresentador	1
	Cinegrafista	2
	Editor Executivo	1
	*Apoio	1
	Editor de Imagem	1
	Chefe de Jornalismo	1
<b>Total</b>	<b>12</b>	
<b>Guarapuava</b>	Repórter	2
	Cinegrafista	2
	Editor Executivo	1
	Editor de Imagem	1
<b>Total</b>	<b>6</b>	
<b>Ponta Grossa</b>	Produtor/Editor	1
	Editor	2
	Repórter	3
	Apresentador	1
	Cinegrafista	2
	Editor Executivo	1
	Chefe de Jornalismo	1
<b>Total</b>	<b>11</b>	
<b>Londrina</b>	Repórter	4
	Repórter Cinematográfico	4
	Editor	4
	Produtoras	2
	Editor Executivo	1
	Editor executivo/ Apresentador	1
	Editor de Imagem	1
	*Apoio	1
Chefe de Jornalismo	1	
<b>Total</b>	<b>19</b>	
<b>Paranavaí</b>	Repórter	4
	Repórter Cinematográfico	3
	Apresentador/Editor	1
	Editor	2
	Editor Executivo	1
	Produtor	1
	Chefe de Jornalismo	1
<b>Total</b>	<b>13</b>	
<b>Foz do Iguaçu</b>	Repórter	4
	Repórter Cinematográfico	3
	Editor Executivo	1
	Editor	3
	Apoio	1
	Editor de Imagem	3
	Produtor	1
<b>Total</b>	<b>16</b>	
<b>Maringá</b>	Repórter	3
	Apresentador	2
	Repórter Cinematográfico	2
	Editor Executivo	1
	Editor	2
	Apoio	1
	Editor de Imagem	1
	Produtor	2
Diretor de Imagem	1	
<b>Total</b>	<b>15</b>	

**FONTE:** A autora

(\*) Apoio é como são chamados os estudantes de jornalismo em treinamento que auxiliam na redação. Em algumas praças esta função já foi extinta.

### 3.2 A PANDEMIA E A PRECARIZAÇÃO NA PRÁTICA JORNALÍSTICA

A doença que surgiu na Província de Hubei, na República Popular da China, e que foi reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como pandemia em março de 2020, ceifou milhões de vidas ao redor do mundo. Só no Brasil, de acordo com o Ministério da Saúde, até março de 2023 morreram vitimadas pela Covid-19 aproximadamente 750 mil pessoas. Não cabe neste estudo discutir sobre os problemas da crise sanitária que assolou o país e exigiu várias medidas de segurança, inclusive levando diversos setores da economia a pararem suas produções. A intenção neste estudo é abordar como a pandemia afetou o setor do jornalismo, especificamente na questão das demissões. O fechamento temporário de negócios são algumas das justificativas apontadas pelos empresários do setor de comunicação, que alegam estes motivos para cortes de funções e demissões em algumas empresas, conforme levantamento feito pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ, 2022).

O estudo da Fenaj apontou que 3.930 profissionais jornalistas que trabalhavam em redações com carteira assinada, nas bases de 16 Sindicatos do País, tiveram redução de salário e jornada durante a pandemia. Outros 81 jornalistas tiveram seus contratos de trabalho suspensos e 205 foram demitidos. Essa análise foi feita pelo Departamento de Mobilização, Negociação Salarial e Direito Autoral da FENAJ, com informações levantadas pelos Sindicatos, a partir dos acordos individuais e coletivos possibilitados pela Medida Provisória 936/2020, mais tarde convertida em Lei 14.020/2020, que criou o Programa Emergencial de Emprego e Renda pelo Governo Federal. De acordo com este levantamento, foram assinados acordos em 110 empresas do país, no período já mencionado acima.

Uma pesquisa do Programa de Pós Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina sobre dados sociodemográfico já mencionados anteriormente, neste estudo, ouviu mais de sete mil profissionais em todo o Brasil. De acordo com os dados, no setor de comunicação no País as contratações pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) diminuíram em 24%, enquanto o percentual de jornalistas que trabalhavam mais de 8 horas por dia, aumentou em 42,2%, no período pandêmico no país.

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná (Sindijor-PR) também fez uma sondagem sobre o assunto, e revelou que 61 jornalistas foram demitidos só em 2020 no Paraná. Sendo o maior número de demissões pelo Grupo Paranaense de Comunicação. Só na cidade de Ponta Grossa, de acordo com o levantamento, a redução chegou a 31% no quadro de jornalistas, sendo seis demissões e duas transferências, uma delas sem substituição, num período de seis meses no ano de 2020. Em 17 de maio de 2021, foram dispensados quatro profissionais, sendo

uma apresentadora, uma produtora, um editor de imagem e um repórter cinematográfico, com 27 anos de empresa. Restando, portanto, um número menor de profissionais, para o mesmo contingente de trabalho.

A Rede Paranaense de Comunicação também alterou sua rotina de produção jornalística, separando equipes, dispensando produtores para trabalhar em *home office* e escalando repórteres e repórter cinematográfico, em equipes fixas. Os recursos proporcionados pelo celular e internet para comunicação instantânea, em tempo real, também passaram a ser utilizados pela emissora na produção de conteúdo, com entrevistas feitas por videoconferência. Passou a ser comum também as fontes gravarem as próprias entrevistas ou imagens, para as reportagens, colocando de lado a qualidade da produção. Dados, gráficos, mapas entre outros recursos visuais passaram a ser usuais nos noticiários diários dando suporte a falta de imagens.

Outra mudança durante a pandemia foi a ampliação no tempo do jornal “Meio Dia Paraná”, que passou de 50 minutos de produção para 1 hora e 20 minutos, o que exigiu uma produção bem maior com menos profissionais nas sete emissoras regionais da RPC.

### 3.2.1 Mudanças na redação da TV Esplanada em Ponta Grossa

Das sete emissoras da Rede Paranaense de Comunicação instaladas no interior do Estado, foi observada durante o período de uma semana apenas a TV Esplanada (afiliada à Rede Globo) que opera no canal 7 e tem sua programação levada a pelo menos 35 cidades da região dos Campos Gerais. Esta opção se deve ao fato da autora já ter trabalhado na emissora e ter conhecimento de que o modo de produção e funcionamento da empresa é igual. Ou seja, todas as emissoras regionais seguem o mesmo padrão estipulado pela empresa.

Conforme relatos dos entrevistados para este estudo, a emissora que contava com 17 jornalistas em seu quadro de funcionários, acabou com um número reduzido de profissionais no período de janeiro de 2020 a dezembro de 2021, passando para apenas 11 profissionais. Número que confirmado também pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná, que fez um alerta sobre as demissões e extinção de postos que levaram a deterioração das condições de trabalho com acúmulo de tarefas no período pandêmico.

Entre as principais mudanças na rotina da RPC de Ponta Grossa, observadas durante o estudo, estão além da redução no número de jornalistas na redação da emissora, o aumento no tempo de produção do bloco regional que passou de 50 minutos para quase uma hora e meia. Podem ser apontadas ainda alterações no padrão técnico da emissora com a utilização frequente de imagens de telespectadores. Mudanças demonstradas no quadro abaixo tendo como base o

que foi apurado durante as entrevistas e observação do Jornal:

**Quadro 5** – Principais mudanças na rotina produtiva da RPC Ponta Grossa

JORNAL ANTES DA PANDEMIA	JORNAL PÓS-PANDEMIA
Jornal com 50 minutos	Jornal com 80 minutos
Jornais: Meio Dia Paraná e Boa Noite Paraná	Jornal: Meio Dia Paraná
Imagens de profissionais	Imagens de telespectadores
Links com pouca oscilação devido ao uso de equipamentos e carros do setor de engenharia	Queda de sinais frequentes pelo uso do sinal via internet
Variação de repórteres e de assuntos nos links	Mesmo repórter para diferentes assuntos
No máximo 02 links por repórter	Até 03 links por repórter

**FONTE:** A autora.

### 3.2.2 Observação do Telejornal da emissora de Ponta Grossa

Da observação do conteúdo do telejornal *Meio Dia Paraná* que foi ao ar nos dias 27 a 31 de março de 2023 realizada para esta pesquisa, foram constatadas as alterações da produção. E como forma de preservar o nome dos repórteres, optou-se por denominá-los Repórter Um, Repórter Dois, Repórter Três e Repórter do G1 (Portal de Notícias da Globo). No total, foram cinco dias de observação onde se pôde explorar a rotina dos jornalistas conforme descrição abaixo.

#### 3.2.2.1 Primeiro dia da observação

No primeiro dia de observação (27 de março de 2023), o telejornal teve 1 hora, 16 minutos e 30 segundos de duração (considerando os intervalos comerciais), com uma produção de 59 minutos e 48 segundos. O início do telejornal ocorreu às 11h48 e finalizou às 13h04. O primeiro bloco, destinado à apresentação dos assuntos, durou dois minutos e 22 segundos.

O segundo bloco teve uma duração de 33 minutos e 20 segundos, com assuntos diversos e intensa atuação dos repórteres com chamadas ao vivo, os quais participaram mais de uma vez durante a edição com assuntos variados e em pontos diferentes da cidade. Somando o

total de produção, apenas com participações de links (termo usado para definir a entrada ao vivo de fora do estúdio, com informações adicionais para a reportagem), o tempo chega a 27 minutos. Desse total, o Repórter Um participou da edição com três assuntos diferentes, ficando no ar por nove minutos e 57 segundos. O primeiro assunto abordado foi sobre vagas na Universidade Estadual de Ponta Grossa, que ocupou dois minutos e cinco segundos. Já na segunda participação ao vivo deste repórter, o assunto foi sobre um incêndio na cidade de Carambeí, com apoio de imagens, durante quase cinco minutos e meio. E sua terceira e última participação durou quase três minutos, com o assunto sobre a internet 5G.

Já o Repórter Dois ficou no ar por 10 minutos e 30 segundos. Na primeira entrada, foram quase cinco minutos, com o assunto sobre o prazo para o vencimento do IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano). Na sua segunda participação, que durou pouco mais de quatro minutos e meio, o assunto foi sobre Racismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Já o Repórter Três trouxe a interação com telespectadores sobre um determinado bairro da cidade, somando quatro minutos e 30 segundos do tempo total do jornal. Na edição, houve ainda a colaboração do Repórter do G1 , que é o portal de notícias da emissora, onde ele participou com pouco mais de dois minutos e fez a abordagem sobre o vestibular na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Além do desempenho dos repórteres locais, o jornal também contou com a participação de reportagens enviadas por outras filiais do grupo, das cidades de Curitiba, Maringá, Guarapuava. Ao todo foram quatro reportagens gravadas que ocuparam aproximadamente 22 minutos e 30 segundos da produção no total. Também fizeram parte da produção local a previsão do tempo, que durante três minutos foi o assunto comentado pelo apresentador.

O restante do tempo ficou dividido entre o texto do apresentador que fez as chamadas das reportagens que viriam em seguida e a interação com os repórteres, em uma conversa que se prolongou por alguns minutos auxiliando sobremaneira a produção e o preenchimento do total de produção do telejornalismo regional.

**Quadro 6** - Produção Meio Dia Paraná dia 27/03/23

DIA	27/03	REPÓRTER	ASSUNTO	TEMPO	TOTAL
INÍCIO	11:48:00				
FIM	13:04:00				
DURAÇÃO DO JORNAL	01:16:30				
1º BLOCO	00:03:39				
2º BLOCO	00:33:20				
3º BLOCO	00:18:21				
4º BLOCO	00:04:28				
VT/PRAÇAS	00:22:28	Curitiba Maringá Guarapuava Curitiba	Atualização/Posto Morte/Calçada Trabalho/Escravo Cantagalo Sequestro/Moro	07:12:00 03:50:00 02:15:00 08:19:00	04
PREVISÃO/ TEMPO	03:00:00	Apresentação	Estúdio	00:03:00	02
TOTAL DE LINKS	00:26:00	Repórter 1	Vagas UEPG Incêndio Carambeí Libera 5G	02:05:00 05:24:00 02:28:00	03
		Repórter 2	Vence Iptu Racismo Uepg	04:57:00 04:36:00	09
			Imagens de		
		Repórter 3	telespectadores Imagens de	03:00:00 01:30:00	03
			Telespectadores		
		Repórter G1	Inscrições UTFPR	02:07:00	01

**FONTE:** A autora

### 3.2.2.2 Segundo dia da observação

No segundo dia de observação (28 de abril de 2023), o telejornal *Meio Dia Paraná* teve início às 11h46 e finalizou às 13h04, com uma duração de quase 01 hora e 19 minutos. A produção total do jornal pela emissora chegou a ser de 01 hora e 07 minutos, com uma participação dos repórteres também significativa de nove links ao vivo, que ocuparam quase 38 minutos do telejornal.

O Repórter Um falou durante 12 minutos sobre três assuntos diferentes. No primeiro

assunto, foram pouco mais de quatro minutos em uma praça da cidade. Na segunda entrada ao vivo, o repórter segurou o assunto por três minutos e meio, sobre um bazar de caridade. Na última participação, foram três minutos e 45 segundos sobre uma operação do Ibama.

Já o Repórter Dois permaneceu no ar por quase 17 minutos, com três participações ao vivo e duas reportagens gravadas sobre os assuntos pertinentes a sua participação. Na primeira entrada, foram quase quatro minutos e 40 segundos, em uma passarela onde falou sobre os perigos no trânsito. Já na segunda atuação no mesmo local da passarela o tempo foi de quase dois minutos. A terceira entrada e já em outro local ele falou por três minutos sobre racismo na UEPG. O Repórter Três ficou no ar por quase 10 minutos, com apoio de imagens e interação com telespectadores de um bairro da cidade. Conteúdos das regionais de Foz, Londrina, Curitiba, e Paranaíba tiveram uma significativa entrada no dia, com seis reportagens que ocuparam quase 24 minutos da produção total do telejornal. A previsão do tempo ocupou três minutos, ficando o restante do tempo de produção para apresentações e interações com telespectadores.

**Quadro 7** - Produção Meio Dia Paraná dia 28/03/2023

DIA	28/03	REPÓRTER	ASSUNTO	TEMPO	TOTAL
INÍCIO	11:46:00				
FIM	13:04:30				
DURAÇÃO DO JORNAL	01:18:30				
1º BLOCO	00:41:07				
2º BLOCO	00:19:43				
3º BLOCO	00:06:51				
VT/PRAÇAS	23:30:00	Foz Londrina Curitiba Curitiba Curitiba Paranavaí	Gasolina/Argentina Juri/Eduarda Golpe/Cartão Intenção/Consumo Operação/Câmara Aumento/ Vereadores	06:42:00 05:24:00 02:24:00 02:36:00 03:17:00 03:07:00	06
PREVISÃO/TEMPO	03:12:00	Apresentador	Apresentação	01:30:00 01:30:00	02
TOTAL DE LINKS	37:43	Repórter 1	Praça SimonBolivar Bazar Irmã Scheila Operação Caça Búfalos	04:08:00 03:30:00 03:45:00	04
		Repórter 2	Passarela Souza Naves Passarela Souza Naves (Link) UEPG/ Racismo Lembrancinhas	04:41:00 02:47:00 01:36:00 03:00:00 04:45:00	04
		Repórter 3	Interação/ Oficinas Interação /Oficinas Interação/Oficinas	03:36:00 04:25:00 01:30:00	03

**FONTE:** A autora.

### 3.2.2.3 Terceiro dia da observação

No terceiro dia de observação em, 29 de maio de 2023, o jornal teve 01:16:30 (uma hora, dezesseis minutos e trinta segundos) de duração. Iniciou às 11h48 e finalizou às 13:04:30

(treze horas, quatro minutos e trinta segundos), com maior tempo de inserção para conteúdos produzidos pelas demais praças. No total, foram sete reportagens de Curitiba, Londrina e Maringá, o que totalizou mais de 20 minutos. Já, os repórteres da emissora local fecharam um total de quase 19 minutos com entradas ao vivo. O Repórter Um teve duas participações ao vivo de quatro minutos e meio, com assunto sobre o preço do transporte; três minutos na segunda participação sobre vacinação contra gripe; e uma reportagem em pouco mais de quatro minutos. Nessa edição, o Repórter Dois teve apenas uma participação ao vivo, com dois minutos. O Repórter Três teve duas interações com o apresentador, de dois minutos cada uma, totalizando quatro minutos no ar. Essa edição contou também com a participação de repórter do portal da internet o G1, com pouco mais de um minuto e 15 segundos. Outros três minutos foram ocupados pela previsão do tempo.

O restante do tempo do telejornal foi preenchido com interações entre apresentador e repórteres.

**Quadro 8** - Produção Meio Dia Paraná dia 29/03/2023

<b>DIA</b>	<b>29/03</b>	<b>REPÓRTER</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>TEMPO</b>	<b>TOTAL</b>
INÍCIO	11:48:00				
FIM	13:04:30				
DURAÇÃO DO JORNAL	01:16:30				
1º BLOCO 2º BLOCO 3º BLOCO	00:35:18 00:14:55 00:10:29				
VT/PRAÇAS	20:26	Curitiba Curitiba Londrina Londrina Maringá Curitiba Maringá	Pedágio STUP Impacto/futuro Justiça adia Júri Som/Sustentabilidade e Paraná Pay Cruzamento Trem Criança no Buraco	05:54:00 02:00:00 02:24:00 03:00:00 02:00:00 02:25:00 02:43:00	07
PREVISÃO/TEMPO	03:00	Apresentador	Estúdio	01:30:00 01:30:00	
TOTAL DE LINKS	18:57	Repórter 1	Projeto/Preço Transporte Personagens Oficinas Vacinação/ Gripe	04:35:00 04:19:00 03:00:00	02
		Repórter 2	Vagas Agência Móvel	02:00:00	01
		Repórter 3	Interação Oficinas Interação Oficinas	02:00:00 02:00:00	02
		Repórter G1	Enquete/Nome Oficinas	01:15:00	01

FONTE: A autora

#### 3.2.2.4 Quarto dia da observação

No quarto dia, em 30 de maio de 2023, observou-se que o telejornal foi um pouco diferente. Com quadro comemorativo pelos 200 anos de Ponta Grossa a completar em 15 de setembro de 2023, a redação passou a transmitir o telejornal a partir de uma praça da cidade, na última quinta feira do mês. Nessa edição, foi a vez da Praça Simon Bolívar, no bairro de Oficinas, receber a programação. Do local, o apresentador ancorou o jornal e, do estúdio, o Repórter Um fez as chamadas das reportagens. Neste dia, houve apenas uma única entrada com conteúdo de outra cidade, material enviado por Guarapuava. O restante da produção foi local com várias participações e entradas ao vivo a partir da referida Praça .

Com quase 01 hora e 19 minutos, o jornal contou com a presença dos repórteres. Em especial nesta edição, o Repórter Três teve maior atuação, com onze minutos ao vivo, com abordagens de temas variados sobre o bairro.

O Repórter Dois ocupou 08 minutos, com abordagens sobre três assuntos diferentes, passando inclusive por dificuldades com a interrupção do sinal digital, com retorno em outro momento do telejornal. Nessa edição especial, também houve a entrada da Repórter do G1 ao vivo por dois minutos e meio, com apresentação de enquetes com o público. No total, a edição contou com quase 22 minutos de entradas ao vivo pelos repórteres.

**Quadro 9** - Produção Meio Dia Paraná dia 30/03/2023

<b>DIA</b>	<b>30/03</b>	<b>REPÓRTER</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>TEMPO</b>	<b>TOTAL</b>
INÍCIO	11:45:00				
FIM	13:04:30				
DURAÇÃO DO JORNAL	01:19:30				
1º BLOCO	00:05:60				
2º BLOCO	00:28:35				
3º BLOCO	00:11:11	Repórter 1	Apresentação da Praça Simon Bolívar		
4º BLOCO	00:02:54				
VT/PRAÇAS	00:00:38	Guarapuava	Temporal/Turvo		01
PREVISÃO/TEMPO	00:03:28	Repórter 1	Estúdio	02:30:00	
TOTAL DE LINKS	22:48	Repórter 1	História Oficinas	08:50:00	01
		Apresentador	Entrevista Técnico Operário Interação Estúdio Interação/repórter	03:35:00 01:00:00 01:00:00	03
		Repórter 2	Votação/Preço Transporte Chuvas/Ponta Grossa AAFA	03:00:00 03:00:00 02:00:00	03
		Repórter 3	Casa/Telespectadora Fotos de Telespectadores Esportes Feira /Bota Fora e Doação	03:00:00 02:18:00 03:00:00 03:00:00	04
		Repórter G1	Enquete/Nome Oficinas Resultado/Enquete	01:30:00 01:00:00	02

**FONTE:** A autora

### 3.2.2.5 Quinto dia da observação

Na edição de sexta-feira, dia 31 de maio de 2023, o telejornal transcorreu com apresentador no estúdio e repórteres na rua, com quase 01 hora e 20 minutos de duração, sendo das 11h45 às 13h04:30. Como nas edições anteriores, houve entrada de notícias de

demais praças: seis reportagens produzidas por Londrina e Curitiba, que ocuparam quase 15 minutos do telejornal. Nessa edição, o Repórter Dois teve maior tempo de entrada no telejornal, quase 14 minutos: três entradas ao vivo e uma reportagem gravada. A primeira e segunda entradas foram de aproximadamente cinco minutos cada; e a terceira, pouco mais de dois minutos. Por 13 minutos e dezessete segundos, o Repórter Um realizou três entradas ao vivo e uma reportagem sobre o mesmo assunto. A primeira entrada foi por três minutos e trinta e cinco segundos; a segunda, três minutos; e a última, dois minutos. O repórter Três teve inserções de quase 11 minutos: uma reportagem e três entradas ao vivo, com interação dos telespectadores.

**Quadro 10** - Produção Meio Dia Paraná dia 31/03/2023

<b>DIA</b>	<b>31/03</b>	<b>REPÓRTER</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>TEMPO</b>	<b>TOTAL</b>
INÍCIO	11:45:00				
FIM	13:04:30				
DURAÇÃO DO JORNAL	01:19:30				
1º BLOCO 2º BLOCO 3º BLOCO	00:42:03 00:10:31 00:08:29				
VT/PRAÇAS	00:15:09	Curitiba Londrina Curitiba Curitiba Curitiba	Cobrador/vestibular Operação/Carros de Luxo Aumento dos Medicamentos Atraso / BR 277 Reajuste Servidores Promotores Crimes	05:24:00 01:31:00 02:17:00 02:00:00 00:31:00 03:26:00	06
PREVISÃO/TEMPO		Apresentador		1:30:00	
TOTAL DE LINKS	00:38:00 00:13:17	Repórter 1	Viatura/Encalhada Atualiza/Racha Criança tem alta Feira do Peixe	03:35:00 03:00:00 04:42:00 02:00:00	04
	13:49	Repórter 2	Camarão/UEPG Último dia/IPTU Bairro/Oficinas Carros/1,5 milhão Multas	04:45:00 04:10:00 02:41:00 02:13:00	04
	10:56	Repórter 3	Lobo Guará Interatividade Interatividade Interatividade	01:56:00 03:00:00 04:00:00 02:00:00	04

**FONTE:** A autora.

A observação realizada entre os dias 27 a 31 de março de 2023 possibilitou constatar que, além da redução no número de jornalistas, outros pontos merecem ser destacados como: o aumento no número de links e repetição de repórteres em uma única edição do jornal; produção de imagens feitas a partir do uso de celulares; maior participação do telespectador com o envio de vídeos caseiros. Também houve quebra na rigidez e esmero técnico do padrão Globo de jornalismo com a permissão no uso de outras imagens, que não as feitas por cinegrafistas profissionais da emissora. Também passou a fazer parte do cotidiano do telejornalismo regional, as entrevistas feitas de forma remota por meio das plataformas de vídeo chamadas pela internet.

Foram constatadas ainda mudanças no perfil do profissional de jornalismo, que antes focado no texto e na imagem, precisou buscar outras habilidades que o ajudassem na produção de conteúdo e no domínio da tecnologia, além dos dispositivos móveis, como o uso do celular nas reportagens ao vivo.

No caso do repórter quando vai à campo sozinho precisa estar atento não só aos pormenores da produção jornalística como aos procedimentos de locomoção e preparo dos equipamentos. Durante a semana, visivelmente um dos repórteres atuou sem ajuda de cinegrafistas, com apresentação por meio da câmera de celular, onde executou sozinho a tarefa que antes era feita por pelo menos dois profissionais, um repórter e um cinegrafista. A observação constatou também que houve uma participação expressiva de entradas ao vivo e utilização de conteúdos (reportagens) produzidos pelas demais afiliadas do interior e da capital.

## **4 ENXUGANDO AS REDAÇÕES: TELEJORNALISMO EM PERSPECTIVA**

As considerações feitas a partir dos dados oficiais de demissões de jornalistas, nos últimos 20 anos, além de um breve retrato da pandemia e o quanto isso impactou no setor de jornalismo trazem reflexões, acerca das demissões no capítulo anterior. As entrevistas com profissionais jornalistas e a observação de um telejornal regional também serviram de base para constatar algumas arguições referentes às demissões.

Este último e quarto capítulo trata sobre o resultado das entrevistas com 15 jornalistas, e os questionamentos que buscam contribuir para a compreensão do fenômeno de enxugamento nas redações do telejornalismo no interior do Paraná, a partir das emissoras da Rede Paranaense de Comunicação. Além de entrevistas com profissionais jornalistas que embasaram todo estudo e as principais mudanças ocorridas ao longo dos últimos 20 anos, a observação do telejornal regional no período de uma semana, auxiliaram para melhor compreensão do que vem ocorrendo nas redações dos telejornalistas do interior com uma redação mais enxuta e tecnológica.

### **4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE OS DADOS**

Os jornalistas entrevistados – entre demitidos e não demitidos – foram no total de 15, uma vez que dos 20 que compunham a mostra inicial, cinco não se dispuseram a participar da pesquisa. Esse número equivale a pouco menos de 10% do total demitidos pela RPC nos últimos 20 anos, conforme apontamento feito pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná (Sindijor/PR) que trazem um número equivalente a 177.

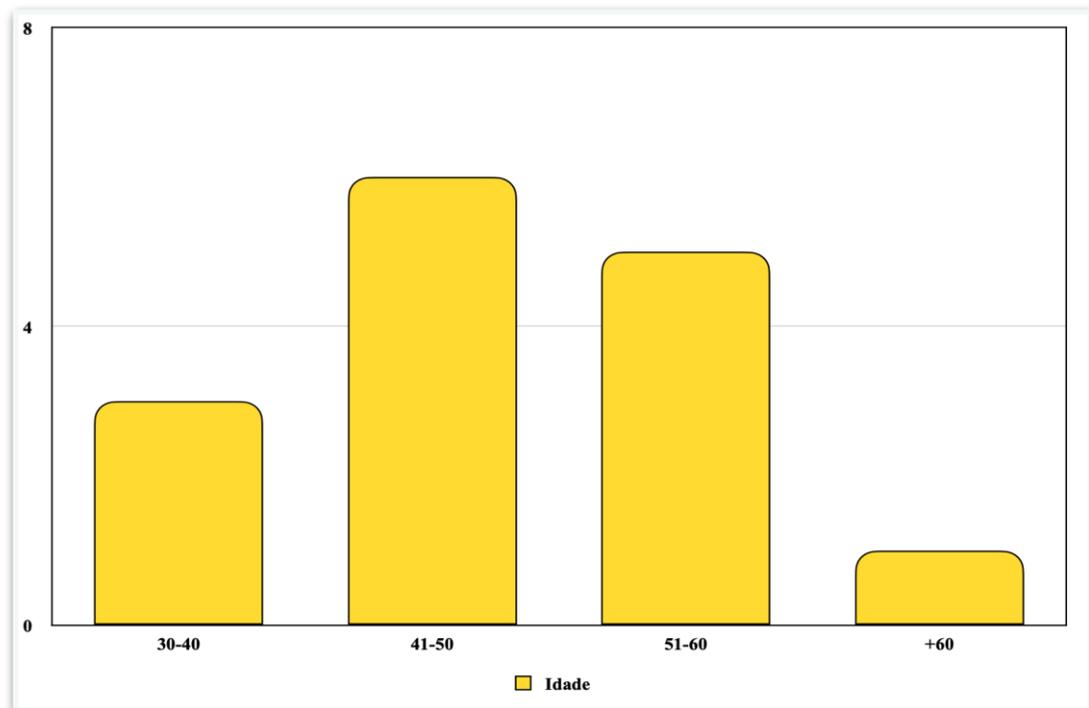
As entrevistas com os jornalistas seguiram um roteiro voltado para colher informações sobre as mudanças na rotina profissional no telejornalismo em meio à redução do quadro de profissionais, tendo como referência a Rede Paranaense de Comunicação (RPC), por se tratar do principal grupo de comunicação no Paraná. E foram realizadas no período de fevereiro a maio de 2023. Para tanto foram estabelecidos alguns critérios para a eleição dos sujeitos que responderam a um questionário com 20 perguntas, sendo as quatro primeiras informações pessoais, com nome, idade, sexo e escolaridade. As outras 16 perguntas foram de caráter aberto, referindo-se a questões sobre impactos no trabalho no contexto do enxugamento das redações e mudanças tecnológicas.

Para esta consulta foram seguidos os preceitos éticos, com aprovação do Comitê de Ética na Pesquisa, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), conforme já mencionado anteriormente neste estudo. Os jornalistas responderam ao questionário, e ficaram bastante à

vontade para deixar de responder qualquer uma das questões que não se sentissem confortável. A primeira pergunta foi com relação ao gênero, dos quais 9 entrevistados se identificaram como sendo do sexo feminino (60%) e 6 do sexo masculino (40%).

Em seguida eles responderam a questão sobre a idade. Na qual fica claro a maioria como sendo de meia idade. O gráfico a seguir demonstra essa divisão, onde os participantes apresentam a seguinte distribuição: três têm entre 30 e 40 anos (20%), seis de 41 e 50 anos (40%), cinco entre 51 a 60 anos (34%) e apenas um apresenta mais de 60 anos (6%). Esse dado demonstra que a maioria dos entrevistados possuem entre 40 anos ou mais, sendo que do total de demitidos esse número também é apontado como sendo maior e, portanto bastante relevante para o estudo se fossemos analisar pelo lado do etarismo, que é o preconceito baseado na idade e que vem afetando várias profissões, inclusive o jornalismo. Mas, não cabe neste estudo entrar nesse mérito, embora vários estudos já tenham comprovado essa prática no setor de comunicação, como aponta uma pesquisa realizada pela Federação Nacional dos Jornalistas, onde a idade média de demitidos em 2020 foi de 47 anos. Dados que também corroboram com os números divulgados no Paraná e descritos neste estudo.

**Gráfico 3** - Perfil dos entrevistados – Idade

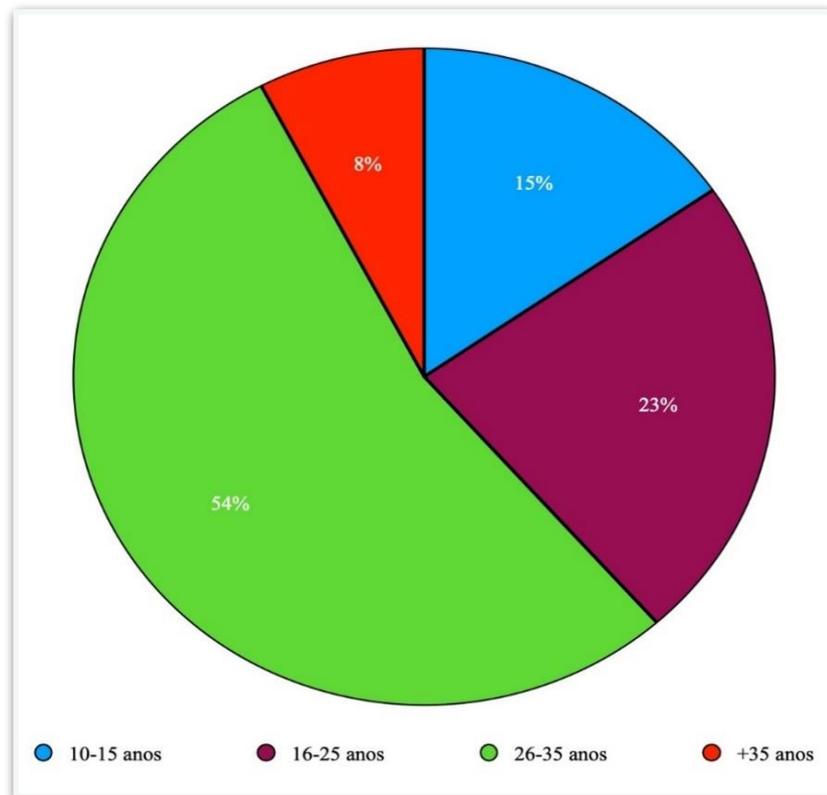


FONTE: A autora

Quanto ao tempo em que atuam na profissão de jornalistas, o Gráfico 4 demonstra que 54% dos participantes da pesquisa apresentam um tempo de serviço entre 26 a 35 anos, ou seja,

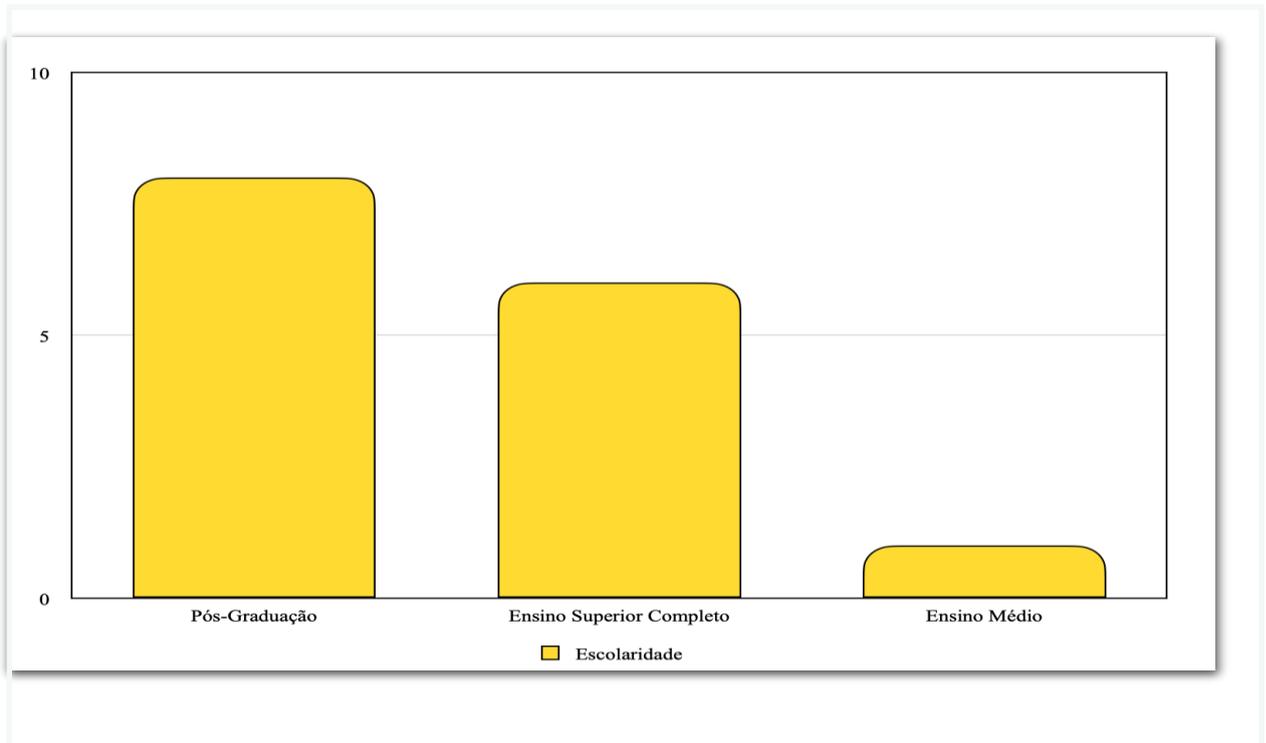
a maioria dos entrevistados possui considerável experiência na área; 23% deles têm um tempo de carreira de 16 a 25 anos. Nesta pesquisa outra situação que ficou em evidência é a de que os jornalistas mais velhos têm mais chances de serem demitidos que os mais jovens e com menos tempo de casa além de apresentarem maior dificuldade na hora de se recolocar no mercado de trabalho e encontrar um novo emprego devido a idade.

**Gráfico 4** – Perfil dos entrevistados – Tempo de Serviço



**FONTE:** A autora

Outro elemento do perfil do grupo de entrevistados diz respeito à escolaridade dos participantes, como mostra o gráfico 5. A maioria buscou aperfeiçoamento na carreira de jornalista e fez curso de pós-graduação procurando melhorar seu desempenho profissional e buscar compreender as novas tendências. Apenas 6% dos que estavam na redação contavam apenas com o ensino médio. A ilustração abaixo deixa claro esses números demonstrando a preocupação dos profissionais em não tornar-se obsoletos e conhecimentos defasados.

**Gráfico 5** - Perfil dos entrevistados – Escolaridade

**FONTE:** A autora.

Do total dos entrevistados, oito (54%) são pós-graduados, seis deles (40%) têm o ensino superior completo e apenas um (6%) possui ensino médio. A escolaridade aponta que a maioria dos profissionais entrevistados demonstraram interesse em buscar meios de especialização dentro da profissão. Por fim, é importante apontar os cargos que esses profissionais ocuparam enquanto atuaram na área. O quadro a seguir traz as informações referentes à ocupação que exerceram na empresa.

**Quadro 11** – Perfil dos entrevistados – Ocupação

Ocupação	Total
Repórteres	5
Repórteres cinematográficos	2
Produtor, editor e cargo de chefia	6
Apresentador e editor	2

**FONTE:** A autora

Com relação ao cargo que exerciam dentro da empresa, os entrevistados disseram ter exercido mais de uma função, durante o tempo em que trabalharam na empresa, por isso em alguns casos há repetição da função. A maioria deles ocupava cargo de produtor, editor e cargo

de chefia. Estes somam seis no total. Em segundo lugar, vem o grupo que se constitui de repórteres, sendo um total de cinco. Já os repórteres cinematográficos são dois, assim como o editor e apresentador. Como forma de preservar os profissionais, cada um dos entrevistados foi identificado pelo código E (entrevistado) ficando a critério dos mesmos a escolha no modo como seriam ouvidos. Devido a indisponibilidade de tempo por parte de alguns deles, dois preferiram responder à entrevista por e-mail, nove presencialmente e quatro optaram pelo aplicativo do Whatsapp. O quadro a seguir tem por objetivo trazer um panorama acerca de cada um dos entrevistados.

**Quadro 12** – Perfil dos entrevistados – Características Gerais

<b>Código</b>	<b>Características gerais do perfil</b>
E1	63 anos, curso médio e 45 anos de empresa
E2	54 anos, com 33 anos de empresa, graduado em jornalismo.
E3	58 anos, trabalhou na empresa por 24 anos tem pós-graduação e exerceu a profissão por 30 anos.
E4	41 anos, tem pós-graduação e 23 anos de carreira. Foram 9 anos na empresa.
E5	38 anos com pós graduação. Tem 20 anos de profissão 12 anos de empresa.
E6	47 anos tem pós-graduação com 22 anos de carreira e atuou por 17 anos na empresa.
E7	44 anos, 18 anos de carreira e 5 de empresa.
E8	47 anos tem 4 especializações, exerceu cargo de chefia. Tem 28 anos de carreira e trabalhou na empresa por 19 anos.
E9	52 anos, com pós-graduação na área, 31 anos de carreira e 23 anos de empresa.
E10	41 anos com pós-graduação na área e 10 anos de carreira, dos quais 8 foram na empresa.
E11	34 anos, com pós-graduação. Tem 13 anos de carreira 9 de empresa.
E12	32 anos, tem 12 anos de jornalismo sem pós-graduação e com 5 anos de empresa.
E13	53 anos, tem 32 anos de carreira e de empres, não tem pós-graduação.
E14	55 anos, pós-graduada com 26 anos de carreira dos quais 25 anos na empresa.
E15	48 anos de idade, pós-graduado com 28 anos de profissão dos quais 21 na empresa.

**FONTE:** A autora

Foi realizada ainda entrevista com o presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná, Célio Martins, já mencionado anteriormente com abordagem sobre as demissões no Estado.

## 4.2 ALTERAÇÕES ESTRUTURAIS DA REDAÇÃO

As mudanças seja no fazer jornalístico ou na questão da estrutura da redação se alterou ao longo dos anos e são constantemente observadas pelos sujeitos que responderam ao questionário. A maioria dos entrevistados possui mais de 20 anos de profissão e revela acompanhar com apreensão as mudanças nas redações do telejornalismo:

Quando entrei na redação, em 1989, a estrutura organizacional era de diretor de jornalismo, pauteiro e o repórter, além do setor de esportes, que tinha um departamento próprio, uma chefia independente também. Nessa época, a emissora era afiliada da Rede Bandeirantes. Todos trabalhavam na redação em horário comercial, não havia horários pré-definidos, plantão de fim de semana. A jornada de trabalho para os jornalistas, por exemplo, era o expediente das 8 da manhã às 6 horas da tarde. A cobertura factual praticamente não existia. (E3, em 09 Fev. 2023).

Durante a entrevista E3 recorda que em 1992, quando a emissora foi comprada pela TV Paranaense, a redação foi unificada com cobertura jornalística e produção esportiva. Fato que merece ser destacado:

Neste momento, alguns jornalistas foram demitidos da empresa e outros foram mantidos. Os telejornais locais também foram suspensos para a readequação da produção jornalística e da parte técnica da emissora. Por vários meses, os jornalistas ficaram na redação, sem trabalhar, à disposição para coberturas factuais, que iam ao ar, através da emissora da RPC, em Curitiba, dependendo da qualidade do material, já que a capacidade técnica era muito baixa, câmeras ruíam quase sempre, as imagens, textos e edição não passavam no crivo de qualidade da emissora central, na capital. (E3, em 09 Fev. 2023)

Logo após a compra da emissora pelo Grupo RPC, E3 conta que a redação ficou com a seguinte configuração: chefe de redação, produtor de reportagem, repórter e editor de texto. Todos esses cargos eram preenchidos somente por jornalistas formados, segundo relato.

Na mesma equipe de redação, tínhamos os cinegrafistas (que não eram chamados de repórteres cinematográficos, porque não eram formados em jornalismo) e os operadores de imagem (que eram os editores de imagens porque também não eram formados em jornalismo). Após alguns anos, a RPC promoveu uma reclassificação de cargos, dentro das redações de todas as emissoras do Grupo, segundo a determinação da Fenaj. (E3, em 09 Fev. 2023)

A redação com um grande número de profissionais foi presenciada também pelos entrevistados E6, E7, E8, E3 e E14. Conforme E8, no início de 2000 “a equipe era de 27 pessoas na redação. Tínhamos quatro repórteres, dois apresentadores, quatro cinegrafistas, quatro auxiliares, três produtores, cinco editores, além da área técnica, onde trabalhavam três editores e dois diretores de imagem”. Lembrança que E6 também confirma, só que no caso a redação contava com 17 profissionais. “Eram três editores, dois pauteiros, três equipes (com 3 integrantes cada uma) e ainda dois editores de vídeo e um chefe de redação. (E6 em 22 Dez.

2022).

Contratada em 1993, E14 recorda quando a TV Esplanada foi adquirida pela TV Paranaense, que reformulou o departamento de jornalismo:

Por algum tempo produzíamos matérias para serem veiculadas por Curitiba. Depois fomos ganhando espaço para os jornais locais. Como a empresa contratava apenas jornalistas formados, o número de equipes de reportagem foi aumentando, e a estrutura foi se modificando. Em novembro de 2014 quando deixei a emissora, a emissora tinha quatro equipes de reportagem, cada uma com três profissionais, dois produtores, três editores e o chefe de redação. Totalizando cerca de 18 jornalistas. (E14, em 21 Fev. 2023).

E7 e E10 também trabalharam com uma equipe de 17 jornalistas e, ao deixarem a empresa, o número de jornalistas já era de apenas 11 profissionais.

Da mesma forma, E5 diz ter trabalhado em uma redação bem maior com quatro equipes externas composta por três integrantes cada.

Agora são três equipes (uma delas composta por 3 profissionais, outra com dois e um jornalista sozinho). Na redação tem um apresentador, um produtor, um cinegrafista de estúdio, um operador de jornal, um auxiliar administrativo e cinco editores que também ajudam na produção. Todos, são liberados para múltiplas funções: o apresentador vai para rua no plantão de fim de semana. O editor também aparece no vídeo e o repórter se precisar apresenta e edita, além de apurar informações. (E5, em 13 Abr. 2023).

Uma redação bastante movimentada também foi mencionado por E13 que diz lembrar bem de como era trabalhar com uma equipe mais numerosa.

No começo era bem diferente, com pelo menos um apresentador em cada telejornal, equipes de reportagens completas com repórter, cinegrafista e auxiliar. Tínhamos pelo menos quatro equipes, todas as funções de redação tinham uma pessoa responsável. Éramos uma equipe grande, mas hoje a equipe está reduzida pela metade, jornalistas acumulando funções, repórter que faz de tudo – filma, edita, grava, e até apresenta o telejornal. Funções foram suprimidas e jornalistas estão com acúmulo de função. Temos apenas três repórter, dois cinegrafistas e um motorista. (E13, em 13 Abr. 2023).

Do mesmo modo, E11 também diz lembrar de redações mais movimentadas.

Quando entrei na emissora em 2014, a equipe de jornalismo era bem maior. Eram 12 profissionais só na reportagem (compreendendo quatro equipes de três pessoas cada: repórter, repórter cinematográfico e auxiliar técnico). Hoje são seis profissionais na reportagem, a redução pela metade (compreendendo três repórteres, dois repórteres cinematográficos e um auxiliar, com revezamento). Ou seja, às vezes um repórter trabalha sozinho por falta de cinegrafista e o auxiliar técnico é volante dependendo da pauta. (E11, em 27 Mai. 2023).

Conforme relata E12, que trabalhou em duas emissoras do Grupo no interior do Estado, o número de profissionais era maior do que atualmente.

Nos dois locais houve uma redução de cargos de 30% a 40%. Em um deles tivemos de oito a 10 funcionários do setor de jornalismo desligados, e no outro de cinco a sete.

Além dos desligamentos, cargos também foram extintos, como o de produtores, por exemplo. Hoje em uma das emissoras há apenas seis profissionais atuando no jornalismo. Quando estive por lá, o quadro era de 11 jornalistas. Já na outra onde estou hoje éramos em torno de 27 profissionais quando ingressei e hoje estamos em 15 profissionais. (E12, em 13 Abr.2023).

Por sua vez, E15 não soube precisar o número de jornalistas que trabalhavam na redação, mas confirma que, quando se desligou da empresa, a redação estava muito mais enxuta do que quando entrou.

#### 4.3 DO ANALÓGICO AO DIGITAL

A alteração do sinal analógico foi acompanhada por todos os entrevistados e, sem exceção, todos disseram que a digitalização trouxe mudanças significativas para os profissionais de televisão. E1 acompanhou todas as mudanças na emissora desde 1975 até sua demissão 45 anos depois.

Eu sai do preto e branco da Rede Tupi de televisão para o digital na RPC. Era uma época de slides, onde se usava filme de 16 milímetros. Entrava no ar às duas horas da tarde e saía do ar à meia noite. A imagem chegava via micro-ondas pela Telepar e a qualidade era péssima. A cor veio só em 7 de julho de 1977. Aí é que a emissora ganhou um telecine novo, um transmissor novo e uma antena. E também vieram duas câmeras Panasonic para estúdio e uma mesa de efeito. (E1, em 19 Mar. 2023) .

Muito antes disso, outros equipamentos já transformavam o trabalho dos jornalistas da emissora. Fato que pode ser observado nesta descrição de E1:

Primeiro trabalhávamos com as câmeras de minitape, que gravavam em fita para as câmeras Sony 800 e A.300. Depois vieram as BetaCam que também gravavam em fita. Mas, com o passar do tempo e uso, elas acabam em “drop out”, que é quando amassava ou engolia a fita. E lá você perdia tudo. Daí vieram as câmeras da Sonic que gravavam em disquete e que já era um digital. As imagens eram descarregadas no computador e caíam lá na ilha de baixa resolução. O pessoal editava e mandava para as ilhas de alta resolução só pra dar um efeito de produção ou dar uma equalizada no áudio. (E1, em 19 Mar. 2023) .

A troca de equipamentos, desde as câmeras de reportagem e de estúdio até os equipamentos de edição e transmissão de imagens, também foram lembradas por E3. “ Na década de 1980 e 1990, quando eram usadas as câmeras U-Matic, que gravavam sem a possibilidade de apagar o que havia sido captado, ou seja, sem a opção de rebobinar a fita. Isso era terrível para o repórter, que errava uma passagem ou a gravação de um “*off*””. As imagens também não tinham muita nitidez, brilho e cor, de acordo com E3. Depois conta que, veio a câmera BetaCam, com mais qualidade na captação de imagens e a opção de voltar a fita, o que possibilitava apagar falhas dos repórteres ou do próprio cinegrafista. Esses equipamentos eram pesados e precisavam de um auxiliar para a captação de imagem:

Com a compra da TV Esplanada pela RPC, houve um incremento na parte técnica e a captação de imagens passou a ser mais profissional. Os cinegrafistas tiveram treinamento para se adaptar aos novos equipamentos. O processo foi fácil para maioria, as novas câmeras eram mais leves e de fácil manuseio. Um ponto positivo nesse aperfeiçoamento foi o incentivo da empresa para que os cinegrafistas fizessem o curso de jornalismo. A maioria deles topou e conseguiu formar. Isso trouxe nova perspectiva para os profissionais, que conseguiram se registrar como repórteres cinematográficos junto ao Sindicato dos Jornalistas e passaram a receber o piso da categoria. (E3, em 09 Fev. 2023).

Ao longo dos anos, a emissora recebeu novos equipamentos de edição e pós-produção, ampliando o trabalho do editor, que podia usar mais a criatividade na hora de editar uma reportagem, conforme destacou E3 em seus comentários. O processo de digitalização, em 2010 mudou a rotina:

As reportagens não eram mais montadas nas ilhas de edição pelo operador, e o trabalho passou a ser feito no computador de cada um dos editores. Eles tinham de montar o áudio (off), selecionar os trechos das entrevistas e cobrir as imagens. O processo ocorreu de forma rápida, com pouco tempo de treinamento dos editores. Foi um momento bem difícil, teve muito estresse, principalmente por causa do tempo gasto para editar cada reportagem e, depois ainda, era preciso redigir as cabeças das matérias, deixar tudo alinhado para a exibição do jornal. Teve muito problema e erros no ar. (E3 09 Fev. 2023).

E3 lembra ainda que a RPC criou em 2010 o site em todas as emissoras e, ao fim de cada exibição dos jornais, as reportagens precisavam ser publicadas nessas páginas. “O que acumulou mais uma função, sem ganhar nenhum adicional no salário, ou seja, a empresa criou novos meios de comunicação com o público, utilizando a mesma mão de obra”, o que sinaliza a precarização do trabalho e a sobrecarga do jornalista.

Durante a entrevista, E6 destaca que “na virada para a TV digital, houve a troca de toda estrutura de equipamentos para câmeras e ilhas digitais. Editores de texto também passaram a editar vídeo nos computadores e os editores de vídeo passaram a ser priorizados para revisão e pós-produção”. (E6, em Dez. 2022).

As mudanças ocorridas com equipamentos e o uso de novas tecnologias com a troca das chamadas “U-Matic” – no formato de fita cassete – pelas “BetaCam”, que eram câmeras menores e com melhor resolução, é ressaltada por E14.

As câmeras, as ilhas de edição, todos os equipamentos foram importados. Foi uma grande mudança. Técnicos da Sony deram treinamento aos profissionais e todos tiveram que aprender tudo de novo. A qualidade da imagem mudou radicalmente, com imagens limpas e bem definidas. (E14 em 21 Fev. 2023).

E14 lembra que durante sua viagem de férias aos Estados Unidos, em maio de 2014, pouco tempo depois da implantação dos equipamentos na emissora de Ponta Grossa, teve a oportunidade de conhecer a redação da CNN, em Atlanta. “O programa de edição deles era

igual ao nosso. O mesmo tipo de equipamento. Estávamos tecnologicamente muito bem na Rede Paranaense de Comunicação”.

No começo era impossível uma entrada ao vivo. Depois um grande equipamento, com uma antena que era levada em cima de um carro e chamava a atenção por onde passava, foi criado por uma equipe de engenharia local. Eles montavam a estrutura e acertavam o sinal e somente depois de toda estrutura montada é que chegava a equipe de reportagem. Com a digitalização, as entradas ao vivo foram facilitadas e quando saí da TV ainda usavam um tripé para montar um equipamento de link. Mas, logo depois começaram a usar o sinal do telefone celular. (E14, 21 Fev. 2023).

E8 (em 13 Abr 2023) também participou do processo de mudança do sistema analógico para o digital no interior do Estado a partir de 2012. Ao lembrar que essa mudança se deu em três etapas nos conta que: primeiro, houve a troca de equipamentos para captação de imagens, da Sony Betacam pela Sony Digital; depois, a edição em computadores e não mais nas ilhas de edição; e, por último, a transmissão pelo sinal digital.

Ao recordar a série de conteúdos explicativos sobre a diferença do sinal digital e a qualidade de imagem, como campanha de marketing, para as pessoas migrarem para o novo sistema, E8, diz ter vivido “um período de transformação bem bacana que a gente viveu ali. Com as mudanças, a digitalização diminuiu a necessidade de editores de imagem, já que os jornalistas podiam fazer o trabalho com os novos equipamentos. Antes os computadores eram utilizados como máquina de edição e o trabalho era feito por técnicos”, destaca.

Nas entrevistas de E13 (em 13 Abr. 2023) e E4 (em 13 Abr 2023), o destaque foi para o fato de que o que teria dado início ao acúmulo de função, foi justamente essa mudança do sistema analógico para o digital. Ambos compartilham da ideia de que, com a mudança para o sistema digital, os profissionais passaram a assumir mais responsabilidades com menos estrutura. “Os editores foram pro vídeo e pra produção. E a produção deixou praticamente de existir”, comenta E4 (em 13 Abr. 2023) compartilhando da mesma opinião de E13.

E2 salienta sobre as inovações tecnológicas e que na sua opinião sempre fizeram parte da empresa. “As câmeras menores, trouxeram qualidade nas imagens. Elas nos permitem entrar ao vivo de qualquer ponto da cidade. O que era mais difícil e quase impossível nos anos 1990. Para se ter uma ideia, a produção de imagens aéreas nessa época dependia da contratação de um avião ou helicóptero. Hoje, os drones possibilitam ter essas imagens em qualquer produção”. (E2 em 14 Abr. 2023).

Da mesma forma E15 (em 21 Abr 2023) também relata que, quando as câmeras eram maiores, era preciso a presença de um repórter cinematográfico e um auxiliar para utilização e locomoção do equipamento. Hoje, os aparelhos celulares fazem todo o trabalho e em alguns

casos, nem o repórter cinematográfico acaba sendo necessário. “A digitalização trouxe mais qualidade no material levado ao ar, mas por outro lado fez diminuir a quantidade de profissionais na redação. Outra mudança foi a parte de edição que passou a ser mais rápida e com menos gente trabalhando”. (E2 em 14 Abr. 2023).

Sobre as facilidades da tecnologia no trabalho jornalístico, E5 (em 13 Abr. 2023) destaca que, antes, as câmeras e tripés pesados dificultavam a produção. Além de observar que hoje se tornou mais fácil e mais frequente as entradas ao vivo no telejornal regional. “Quase não existe reportagem gravada, as chamadas gavetas ou caixinhas. É um jornal mais quente, mais factual e tentamos equilibrar com um pouco de tudo para ter conteúdo, informação e leveza.” (E5, em 13 Abr. 2023) .

Atualmente, na produção se utiliza celulares, câmeras tipo “GoPro”, “Handycam” e a geração do conteúdo é de forma instantânea, sem precisar se deslocar até a emissora para inserir no sistema, conforme comenta E5.

Quando ingressou na emissora em 2005, E9 (em 13 Abr 2023) diz ter encontrado câmeras “jurássicas” e pesadas, operadas pelo repórter cinematográfico e por um auxiliar. Realidade que E4 (em 13 Abr 2023) diz também ter presenciado em 2014 quando teve sua contratação na empresa. Uma das mudanças mais recentes em equipamentos apontados pelos entrevistados foi o uso do celular, que se tornou bastante comum no telejornalismo.

A utilização do aparelho antes era esporádica e em último caso. Agora se tornou diária pela facilidade do manuseio, agilidade e rapidez na gravação. Ainda temos os meios convencionais de gravação, com câmera e demais aparatos, mas o celular já está incluso na nossa rotina diária. Outra ferramenta incluída nos jornais, principalmente na pandemia foram as entrevistas online pela plataforma Zoom e Google meet. Elas evitam deslocamentos e são ágeis. Porém, são de inferior qualidade se comparados com entrevistas tradicionais. (E12, em 13 Abr 2023).

E11 (em 27 Mai 2023) diz que, quando entrou na empresa, os critérios no uso de imagens eram outros, mais rígidos, basicamente aceitando somente câmeras profissionais operadas pelos repórteres cinematográficos.

Aos poucos vi a flexibilização no uso de equipamentos e o uso de câmeras menores e não profissionais como as “handycam”, além de reportagens gravadas e links ao vivo com uso de celular. Além disso, o uso de imagens enviadas por telespectadores também aumentou, inclusive ilustrando de forma protagonista em reportagens. Sobretudo em 2019 pra cá, com a pandemia, o uso de equipamentos alternativos e gravações de entrevistas por chamada de vídeo via internet também aumentaram e são rotina, algo que, em 2014, quando entrei, era casos raros.(E11, em 27 Mai 2023).

Ao defender que a digitalização não influenciou nas demissões, E11 destaca que as mudanças mais expressivas foram nas áreas técnicas e de engenharia da emissora.

#### 4.4 MUDANÇAS NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS

A produção de notícias foi outro aspecto que passou por mudanças consideráveis, conforme relatos dos entrevistados. Para E14, as lembranças são de quando as sugestões de pautas locais ainda chegavam por telefone, cartas ou até mesmo de forma presencial quando as pessoas iam até a emissora, para sugerir ou solicitar os temas das reportagens.

As notícias de fora chegavam via telex e as emissoras de rádio e os jornais impressos também eram meios de levar informação aos jornalistas da tv. Mais tarde os assuntos passaram a ser definidos em reuniões de pautas com todos os profissionais do departamento que participavam, de acordo com as disponibilidades de tempo de cada um. (E14, em 21 Fev 2023).

O fato de como as pautas chegavam até a redação também foi lembrado durante a entrevista por E6 (em 22 Dez 2022):

A busca ativa de assuntos era feita pelos pauteiros, com reuniões semanais integradas por boa parte da equipe para discutir temas, filtrar assuntos e desenvolver abordagens. Equipes de reportagem também eram estimuladas a trazer assuntos e sugerir fontes, o que foi aumentando com o passar dos anos. Os assuntos também chegavam por email, telefone e mensagens. (E6, em 22 Dez 2022).

Para E3 (em 09 Fev 2023), as memórias da década de 1990 são as mais marcantes, devido à dificuldade em conseguir as informações.

Na época da TV Esplanada, ainda afiliada da Rede Bandeirantes, a busca e seleção de notícias dependia basicamente de releases dos governos municipal, estadual e federal e de agências nacionais e internacionais de notícias. As informações chegavam à redação através do telefax (uma impressora e uma linha telefônica interligados em um só equipamento e, para receber esses releases, era preciso ter uma assinatura, como de uma revista ou jornal impresso, por exemplo), mas a maioria dos assuntos não era de interesse imediato da redação local e do público local e regional da emissora, mas acabava utilizado por falta de conteúdo. O Jornal tinha um tempo longo e era preciso “encher linguiça”, como agente dizia na época. Nada disso tinha cobertura por imagens, eram as chamadas “notas peladas”, lidas pelos apresentadores dos telejornais. Outras pautas chegavam à redação através de conhecidos, havia muito pedido (exigência) de cobertura de fatos da própria diretoria da emissora, em grande parte eventos sociais. Os telespectadores também ligavam na redação para fazer denúncias em geral e havia ainda o contato telefônico com as polícias militar, rodoviária, civil e corpo de bombeiros, a tal “ronda”, outro termo que os jornalistas usavam para cobrir o noticiário policial. Também muitas pautas surgiam do olhar dos próprios jornalistas para o “curioso”, para os problemas comunitários. Além disso, havia a cobertura turística da região e a gente chegava até a utilizar a lista telefônica para ir atrás de novos assuntos. Foi um período de muita energia na redação, dedescobertas e de criatividade, porque usávamos o olhar crítico para o mundo ao redor, embora não pudéssemos abordar todos os problemas da administração municipal, por exemplo, por que éramos logo podados. Havia uma censura, a emissora pertencia ao prefeito Pedro Wosgrau Filho, mesmo assim tinha uma redação vibrante, que mostrava o cotidiano da cidade. (E3, em 09 Fv 2023).

E3 lembra ainda e diz lamentar que, quando a TV Esplanada foi adquirida pela Rede

Paranaense de Comunicação em 1993, o jornalismo feito pela produção local ficou de lado, e foi dado prioridade apenas para a cobertura de assuntos que tivessem interesse estadual, mesmo que tenha sido por um período curto de tempo:

A maioria das pautas era rejeitada pela emissora em Curitiba, que recebia a reportagem editada ou material bruto (através da transmissão via satélite) e, após uma análise, definia se exibia ou não aquele determinado assunto. Um tempo depois, a RPC contratou novos profissionais, fez uma reformulação ampla na redação, e colocou no ar dois jornais locais, um ao meio-dia e outro à noite. A partir daí, a produção de pautas teve de ser ampliada, era necessário abastecer dois jornais diários e, com isso, a redação foi dividida em dois turnos, com produção e equipes de reportagens no período da manhã e outro a tarde. Todo tipo de assunto recebeu atenção, era preciso abastecer a edição dos jornais com temas relevantes e de interesse do telespectador. O furo jornalístico também virou uma obsessão. Mas, ocorria uma certa convivência entre a direção da emissora e do jornalismo com a administração municipal. Amigos e parentes trabalhavam na assessoria de imprensa da Prefeitura de Ponta Grossa e muitas notícias não iam ao ar após avaliação velada da chefia. (E3, em 09 Fev 2023).

E12 (em 13 Abr 2023) destaca que as mudanças tecnológicas não aboliram por completo as “velhas” práticas de produção no telejornalismo como por exemplo, o modo como captam as notícias que continua sendo “*in loco*” e com sugestões de toda a equipe . “Tivemos a inclusão de aplicativos de mensagens como fonte de pauta. Hoje é uma importante ferramenta para angariar notícias para o jornal”.

E11 (em 27 Mai 2023) aponta várias mudanças ao longo dos nove anos de empresa, sobretudo, seguindo a evolução do jornalismo e das necessidades da sociedade. Porém, acredita que não ocorreram mudanças na linha editorial e na seleção de notícias, que continua baseada nos interesses públicos, nas notícias factuais importantes e nas reportagens de serviço. Ao lembrar já ter presenciado o desligamento de pelo menos 12 jornalistas, E11 lamenta que poucos continuam no jornalismo diário.

#### 4.5 ENXUGANDO AS REDAÇÕES

A onda de demissão que atingia principalmente profissionais com mais tempo de empresa e, portanto, salários mais elevados pelo próprio tempo de serviço, marcou a vida dos profissionais. Os motivos das demissões foram, para a maioria dos entrevistados, uma escolha baseada em custos, conforme comentário de E6 (em 22 Dez. 2023) quando diz acreditar que tenha sido “a visão da nova gestão para enxugar o quadro de funcionários, mesmo sem avaliar as consequências posteriores como a queda da qualidade e audiência”.

O etarismo que foi comentado no perfil dos entrevistados, é apontado aqui por E6 quando diz que sua demissão se deve ainda pela idade, pois constata poucos profissionais com

mais tempo de casa na empresa e que atualmente ainda que estejam na apresentação de telejornal.

E14 (em 21 Fev 2023) aponta que seu desligamento da empresa que ocorreu após retorno de suas férias, também teve como alegação o corte de gastos. “Não tive informações sobre os critérios usados para escolher quem seria demitido. Foi uma surpresa porque o “*feedback*” que eu havia recebido sobre o meu trabalho, poucos meses antes, havia sido excelente”, relembra.

E3 (em 09 Fev 2023) presenciou o início do processo de demissão dos profissionais mais antigos da empresa, até porque foi uma das primeiras dispensas feitas em 2012. “Os jornalistas mais antigos se tornam caros, principalmente por causa dos salários mais altos e do anuênio, que é acrescentado ao salário ao longo do tempo. Além das custas com indenizações, em caso de demissão. Eu sinto que dei o “*start*” para esse processo na RPC, após 24 anos de empresa”.

Eu precisava de um empurrão para mudar o rumo da minha carreira profissional e foi essa a justificativa dada pelo meu chefe imediato. Chegamos juntos a conclusão de que eu não estava mais ali na redação, com garra, vontade e empenho, que fazia tudo de forma automática e dispersa”. Dalí em diante, mudei de emprego, de casa e de cidade. Foi um processo muito doloroso, quase recuei, tive que tomar algumas atitudes difíceis, mas eu consegui dar uma guinada e faria tudo novamente. (E3, em 09 Fev 2023).

Após a demissão, E3 (em 09 Fev 2023) conseguiu trabalho de forma imediata, mas os impactos das novas adaptações depois de 24 anos de atuação na empresa, foram muitos, comenta:

Aquele universo que se abria para mim no primeiro momento foi entusiasmante, mas, apesar do entusiasmo, a adaptação foi bastante difícil. Eu, até então, só sabiaredigir, editar notícias e colocar jornal no ar. Esse novo trabalho era totalmente diferente, precisava produzir programas, organizar gravações de comerciais, gerenciar equipes enormes dentro e fora da agência, produzir relatórios e até roteiros de gravação. Aprendi muito durante os seis meses que fiquei ali, depois busquei outros empregos, passei por diversas vagas temporárias, redações de TV em Curitiba, tive de me adaptar a novas chefias, jeitos de redigir e editar notícias. Cada emissora prioriza assuntos, notícias, tem boa ou má estrutura, foram tempos difíceis. Quando achei que tinha de viver de emprego em emprego, veio a informação de que já poderia me aposentar como jornalista, tinha mais de 30 anos de registro em carteira de trabalho. Só como jornalista já fazia mais de 25 anos e aí veio um momento de grande alívio, principalmente financeiro, não tinha mais que me preocupar com a renda mensal. Eu continuo trabalhando, mas agora podendo escolher, vejo isso como um privilégio. (E3, em 09 Fev 2023).

Com as demissões, a redação vivia sob tensão: “quem seria a próxima vítima”, diz E6 (em 22 Fev 2023). Sem uma justificativa apresentada pela empresa para sua demissão, percebeu que havia chegado sua hora. “ Já sabia que eu seria a bola da vez, porque com a demissão de

várias pessoas antes de mim o meu salário tinha se tornado o mais alto da redação. Foi uma escolha baseada em custos”.

E12 (em 13 Abr 2023) relata que presenciou pelo menos 10 demissões durante os cinco anos de trabalho na empresa. “Todos pareceram sair da emissora tristes pelo desligamento. Colegas contam que a recolocação no mercado de jornalismo da cidade é difícil pela escassez de vagas e, em muitos casos, não pagam o piso salarial, que é um direito do profissional”.

Já na sua demissão, E15 (em 21 Abr 2023), ouviu que não correspondia mais ao esperado. “Aceitei, mas não concordei com o meu superior imediato”. Sabia que a demissão se enquadrava na política de redução de custos da empresa. O mesmo ocorreu com E8, quando no dia da sua demissão, outros 16 jornalistas com cargos seniores (produtores, repórteres e chefes de redação) também foram desligados. A justificativa foi a crise e redução de custos. “Meu processo de recolocação no mercado foi doloroso e sem apoio, bastante desgastante” (E8 em 13 Abr 2023).

Entre os entrevistados, apenas E5 (13 Abr 2023) diz não ter presenciado nenhuma demissão. “Acompanhei mais substituições do que fechamento de vagas. Mudou o perfil do profissional contratado. Os salários estão cada vez mais iguais, respeitando funções e hierarquias”, e ressalta ainda os ganhos dos profissionais no ambiente das redações do telejornalismo atualmente:

A distribuição de tarefas está mais homogênea. Todos são responsáveis pelo conteúdo, todos se ajudam, todos aprenderam outras funções pra se virar em caso de necessidade. Quem sai hoje, vai embora com uma baita bagagem para trabalhar em várias frentes: redes sociais, assessoria, tv, rádio, internet. Ou se aventura em outra afiliada pelo Brasil. (E5, em 13 Abr 2023).

E9 (em 13 Abr 2023) diz que sua demissão foi motivada pelo corte de gastos, renovação e falta de gestão. “Sou jornalista e nunca quis cargo de gestão. No começo, me senti como um filho sendo mandado pra fora de casa, mas hoje dou risada. Já foi. Aliás hoje, só sinto falta do dinheiro que tinha antes”.

E2 (em 14 Abr 2023) disse ter assistido várias demissões por diferentes motivos, como corte de gastos, reestruturação organizacional e até mesmo falta de habilidade do profissional em exercer a função.

Com as demissões de profissionais com “mais tempo de casa”, um novo perfil de jornalista chegou às redações. Conforme observação de E13 “vejo poucos jornalistas que saíram da empresa voltarem para o mercado. Novas caras apareceram e o que dá para perceber é que os jovens e sem experiência tomaram conta das redações”, observa E13.

Com base nos relatos a indicação é de que o procedimento nas redações de telejornalismo atualmente apontam para a precarização da profissão de jornalista, considerando que, por vezes, um único profissional precisa realizar mais de uma função conforme os entrevistados, que confirmam inclusive a onda de demissões na empresa, nos últimos anos.

#### 4.6 O FUTURO DA PROFISSÃO DE JORNALISTA

As perspectivas para a profissão de jornalista são desafiadoras, conforme justificativas da maioria dos entrevistados. E6 (em 22 Dez 2023) diz ter encontrado um mercado em retração e com salários baixos. “Recebi algumas propostas de trabalho, mas ficavam chocados quando eu pedia o piso de jornalista. Cheguei a ouvir que o piso era irreal para a cidade”. Diante disso, E6 vê como demanda de mercado para profissionais de comunicação, as organizações não governamentais (ONGs) e assessorias de comunicação, para produção de conteúdo digital e relacionamento com a imprensa.

Seguindo a mesma linha de pensamento, E10 (em 17 Abr 2023), diz que “cada vez mais as empresas percebem que o jornalista é importante nas corporações para desenvolver assessoria de comunicação ou a comunicação interna”.

E6 (em 22 Dez 2023) relata que, quem permanece nas redações de TV, está muito apreensivo e descontente com o ambiente e pelo volume de trabalho com as equipes cada vez mais enxutas. “Muitos colegas meus se dizem com medo de perder o emprego e não conseguir outra posição. Sinto que estão paralisados por medo, e em empregos que não os fazem felizes”.

Em sua entrevista, E14 (em 21 Fev 2023) também não se mostra otimista com a profissão:

Infelizmente o mercado de trabalho no jornalismo, principalmente de televisão, está cada vez mais difícil. Todas as emissoras estão cortando gastos e contratando pessoal recém-formado. Além disso, cortam os treinamentos. Isso tudo está visivelmente prejudicando a qualidade do jornalismo em todo o País. No Paraná, as consequências são vergonhosas, com noticiários fracos e mal feitos. Está claro que a qualidade não é mais a principal preocupação dos empresários do setor. (E14, em 21 Fev 2023).

E3 (em 09 Fev 2023) ressalta que hoje qualquer um que tenha uma página ou canal em rede social se diz jornalista.” Isso é péssimo para nós, porque nos desmerece, desqualifica, nivela para baixo o piso do jornalista e acaba com o profissionalismo, sem falar no público, que recebe informação distorcida e muita *fake news*”. A exigência do profissional multifuncional traz prejuízos para a profissão de acordo com sua opinião:

Hoje o mercado exige o jornalista multifuncional, antenado 24 horas, que produza e edite conteúdo para a internet e ainda administre páginas em redes sociais, tudo ao mesmo tempo. Os salários para tanta tarefa são baixos, o mercado está inchado e as oportunidades escassas. (E3, em 09 Fev 2023).

Em virtude da precarização, E3 lamenta ainda que o profissional tenha que trabalhar em mais de uma função no mesmo veículo de comunicação:

Enquanto ele faz matéria para a TV, precisa disponibilizar, quase que ao mesmo tempo, a informação na internet, e com linguagem diferente, ou seja, o profissional produz notícias para diversos veículos de comunicação, com os mais diversos *deadlines*, por um salário único. E essa multifunção não é por falta de profissionais no mercado. Essa exigência vem sendo ampliada pelos empresários da comunicação, que querem baratear a mão de obra. Se o profissional não se sujeitar a isso, tem outro para ocupar o seu lugar. (E3, em 09 Fev 2023)

Já E4 defende que ser um profissional multifarefa atualmente no jornalismo é importante para sobreviver da profissão. “ Não existe mais um profissional para cada função dentro de um veículo de comunicação. Todos precisam participar e estar aptos às responsabilidades. Ser multitarefa é essencial”.

Discordando disso, E3 diz que a precarização do trabalho afeta a qualidade da informação, com conteúdos sem a devida apuração e com menos profundidade:

Quem tem perdido com essa promiscuidade do mercado jornalístico é o público, o leitor, o telespectador, que recebe a notícia de forma superficial, sem nenhum aprofundamento, o que compromete a compreensão de um todo. O jornalismo não é mais pensado como uma atividade de responsabilidade. As redações viraram uma extensão da internet, se busca notícia e pautas pela internet, tudo é fonte, principalmente o Google. Não é ruim o telespectador falar ali, ao vivo com o apresentador, com o repórter. O problema é a falta de comprometimento com o que se está repassando ao grande público, a banalização da notícia. O jornal de TV hoje, não precisa mais de câmeras exclusivas, podem ser utilizadas imagens de câmeras de segurança, de prefeituras, governos, de grandes corporações, de concessionárias de ruas e estradas, enfim, não se corre mais atrás da notícia, ela virou supérfluo dentro das grandes redes de televisão. Ninguém mais sai para a grande reportagem, para a busca de diversas versões do mesmo fato. As redes sociais se encarregam de canalizar e o público de consumir sem nenhuma noção crítica porque a formação do pensamento crítico, que era um dos grandes papéis do jornalismo, está deixando de existir. (E3, em 09 Fe 2023).

A falta de valorização da profissão também foi um dos pontos levantados pelos entrevistados, além das jornadas exaustivas e as pressões internas.

Desenvolvemos um papel extremamente importante à sociedade, informando, gerando conteúdo, aprendizado e formando opinião. Para informar com qualidade, o jornalista muitas vezes se coloca em risco pela notícia, enfrenta jornadas exaustivas e pressões internas e externas. (E12, em 13 Abr 2023).

As redações estão cada vez mais enxutas e os patrões querem diferenciar os salários para quem trabalha no interior. Quem está empregado faz de tudo para manter a carteira assinada, e a multifunção veio para ficar. (E2, em 14 Abr 2023)

Apenas uma busca de forças da extrema direita para destruir a profissão e dominar as narrativas. É um momento de guerra. E os jornalistas estão sem forças para lutar. (E15, em 21 Abr 2023).

Tínhamos um cuidado com padrão, o que podia e não podia mostrar e técnicas de enquadramento. Hoje qualquer imagem que chega é usada. O padrão perdeu a qualidade. Tudo foi mudando, os equipamentos foram melhorando e a qualidade diminuindo. Está mais fácil trabalhar com imagens, mas a consequência disso é a perda na qualidade e excesso de conteúdo visual, já que todo mundo virou cinegrafista. Vejo cada vez mais o jornalista desvalorizado, desunido e sendo trocado por tecnologia. O mercado está saturado e só há perdas para categoria. (E13, em 13 Abr 2023).

A grande maioria dos jornalistas entrevistados confirmam a precarização no trabalho pelas contratações terceirizadas individuais, nas forma de Pessoa Jurídica (PJ), em detrimento dos contratos com carteira assinada, com os benefícios e segurança ao profissional previstos pela Consolidação das Leis do Trabalhador (CLT). Em seu relato, E5 lamenta que "os empregadores façam a opção pelo profissional sem vínculo. Não deixa de ser uma oportunidade de trabalho, mas pode sucatear os benefícios da classe trabalhadora".

Entre as questões, o salário pago pela empresa foi a que menos apresentou divergência entre os entrevistados. Quase de forma unânime os jornalistas disseram que os valores recebidos sempre foram adequados a função e todos, sem exceção, se mostraram satisfeitos com o salário oferecido pela empresa, que é do piso salarial de jornalista, hora extra e o adicional de 30% em casos como de editor ou chefia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É desafiador refletir sobre o telejornalismo sem mencionar as constantes mudanças em curso nas redações, principalmente do interior do Paraná, quando dezenas de empregos foram extintos e profissionais demitidos, após anos de experiência e dedicação. Profissionais estes, que se viram obrigados a adaptar-se a mudanças muitas vezes impostas por um mercado competitivo que prioriza redações cada vez mais jovens e mais tecnológicas.

Ao compararmos os dados obtidos nas pesquisas feitas junto ao DIEESE e Sindicato dos Jornalistas do Paraná (Sindijor-Pr), é possível demonstrar uma aproximação da literatura que aponta crise nas empresas de telejornalismo com a real desventura enfrentada pelos jornalistas. Os dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos SocioEconômicos aponta para essa redução no número de empregos formais na área televisiva sustentado com base nos autores mobilizados para este estudo.

O processo de coleta para este estudo gerou uma quantidade significativa de dados, que buscamos analisar, como o número de demitidos e nos parece digno de nota, o fato de que foram perdidos centenas de empregos formais. Diante desse cenário, as análises pormenorizadas em relação a episódios de demissão, por exemplo, podem subsidiar pesquisas futuras.

Conforme se observa no relato do presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná, Célio Martins, o número de demissões pode ser ainda mais expressivo, já que a Reforma Trabalhista (Lei 13.467/2017), que revogou os parágrafos 1º e 3º do art. 477 da CLT, desobrigou as empresas de fazerem a homologação junto ao sindicato da categoria profissional, o que pode ter atrapalhado o levantamento de dados para o estudo em questão. O entrevistado que também integra a vice-presidência da Federação Nacional dos Jornalistas, confirma que se somarmos todas as empresas de comunicação do Estado, num período curto de apenas quatro anos totalizaram 487 demissões de jornalistas entre 2011 e 2015 no Paraná.

Só na Rede Paranaense de Comunicação, que foi o objeto de estudo desta dissertação, nos últimos 20 anos foram dispensados quase 180 profissionais jornalistas. Por isso, a opção da mostra para este estudo, foi a entrevista de cerca de 10% de jornalistas que trabalharam ou ainda trabalham na Rede Paranaense de Comunicação(RPC), afiliada da Rede Globo no Paraná. Com a intenção de buscar uma melhor compreensão do cenário atual, as entrevistas com os jornalistas ajudaram a balizar os números e trouxeram informações relevantes também sobre as mudanças na rotina profissional no telejornalismo, em meio à redução do quadro de profissionais. Realidade vista com preocupação pelos profissionais e representantes da

categoria.

De 1999 a 2021, período pesquisado para essa dissertação, a Rede Paranaense de Comunicação demitiu 177 profissionais. Só no ano de 2016 foram 29 jornalistas desligados da empresa, sendo a maioria das demissões registradas na Capital. Porém, a política de redução de custos chegou nas emissoras do interior já em 2017, quando 17 profissionais foram demitidos, dos quais 13 eram das emissoras regionais. Fato comprovado pelos entrevistados que presenciaram a mudança no modo de gerir a empresa e atestado durante as entrevistas, quando se falou em corte de gastos e custos. A justificativa para tanto, conforme o presidente do Sindicato foi a reestruturação financeira por parte da empresa, já que “ produzir jornalismo é caro, e para fazer um telejornal local com reportagens de rua, a empresa precisa investir uma quantidade razoável de recursos. Com a redução de receita vinda da publicidade, grande parte do bolo publicitário foi para a internet, e a saída então encontrada por muitas emissoras, foi reduzir a produção do seu jornalismo local”.

A troca de profissionais com maiores salários, por contratos de salário menores, como forma de reduzir custos, também ficou evidenciado neste estudo. Muitas empresas entendem a contratação como um gasto, e não como investimento. Em 2000 de acordo com alguns dos entrevistados, muitas equipes de reportagem ainda eram formadas por um repórter, um repórter cinematográfico, um motorista e um operador de VT, que também fazia o trabalho de iluminador. Porém hoje, o repórter sozinho representa toda uma equipe, quando dirige o carro, grava as imagens, faz entrevistas e ainda participa de entradas ao vivo.

Esses indícios apontam como os jornalistas foram afetados, não só pela crise financeira dos meios de comunicação, como também pela inserção de aparatos tecnológicos que impactaram sobremaneira o universo jornalístico. Dos entrevistados ouvidos para este estudo, a grande maioria diz ter presenciado uma redação com maior número de jornalistas e testemunhado demissões. O que resultou em um enxugamento e acúmulo de funções.

Embora já tenhamos falado anteriormente que a discriminação vista no mercado de trabalho com relação a idade – o etarismo, não tenha sido abordado neste estudo, não há como deixar de perceber a sua existência durante a pesquisa, uma vez que as mulheres perto ou acima dos 40 anos, foram as que mais sofreram demissões no período do estudo. Também chama a atenção o fato de terem sido dispensadas com mais de 20 anos de profissão mesmo tendo participado de todo o processo de evolução da empresa, desde a implantação das emissoras do interior, passando pela digitalização do sistema até a implementação de equipamentos móveis, o que acarretou na substituição dessas profissionais.

Questionados sobre a questão de demissão, durante o período em que trabalhavam na

empresa, apenas um dos entrevistados disse não ter presenciado nenhuma, todos os demais testemunharam a dispensa de colegas e confirmaram a existência de uma redação bem movimentada, a exemplo do que foi a TV Esplanada, objeto de observação, que já teve pelo menos 27 jornalistas na redação e hoje conta com 11. Dados como esses são muito expressivos e denotam a variação no quadro de funcionários e o quanto essa nova realidade ocupacional vem afetando os profissionais. Redação que, se transformou nos últimos anos com a flexibilização no uso de equipamentos, enxugamento no número de profissionais e acúmulo de funções, principalmente no que se refere à edição de imagens e reportagens.

A construção de um quadro descritivo do telejornal de Ponta Grossa permitiu identificar algumas especificidades do telejornal analisado, como a predominância de formatos que exigem menos edição, com a escassez no uso de reportagens gravadas e valorização das entradas ao vivo com interação entre apresentador e repórter. Apontamento que merece destaque e que sustenta o fato de que com a redução no número de jornalistas e aumento no tempo do jornal, - indo de 50 minutos para 80 minutos - , as equipes passaram a ter maior participação ao vivo nos telejornais da emissora, como forma também de preencher com conteúdo, o horário de produção. Com uma equipe mais enxuta, o volume de material gravado diminuiu e um único repórter faz várias participações durante a edição e aborda diferentes assuntos. Portanto, a escolha por um período de observação revelou-se acertada, pois permitiu visualizar os movimentos realizados pelo telejornal regional, bem como identificar as entradas ao vivo que mantiveram-se constantes durante a semana, o que nos suscita a reflexão sobre as mudanças no fazer jornalismo.

A entrevista como procedimento metodológico também confirmou o que vinha sendo alertado pelas pesquisas como a troca de profissionais com maiores salários, por contratos de salário menores, como forma de reduzir custos. Muitas empresas entendem a contratação como um gasto, e não como investimento. Em 2000 de acordo com alguns dos entrevistados, muitas equipes de reportagem ainda eram formadas por um repórter, um repórter cinematográfico, um motorista e um operador de VT, que também fazia o trabalho de iluminador. Porém hoje, o repórter sozinho representa toda uma equipe, quando dirige o carro, grava as imagens, faz entrevistas e ainda participa de entradas ao vivo.

A compreensão do cenário atual de demissões a partir do levantamento da pesquisa fornecida pelo Dieese e Sindicato dos Jornalistas, bem como a frequência com que ocorreram as demissões no período proposto e os possíveis fatores que levaram as demissões, que faziam parte dos objetivos específicos deixam claros que estes foram alcançados. Os reais problemas enfrentados na redação de um telejornal com a redução no número de jornalistas, e os resultados

apresentados até aqui, tornam ainda mais aguda as conclusões de que houve a precarização no telejornalismo e uma desqualificação do profissional, com a desvalorização salarial, pressões internas e jornadas exaustivas nas redações do telejornalismo. Também ficou evidente que as oportunidades de emprego no setor de televisão aberta estão diminuindo. O número de postos de trabalhos extintos, somadas às pressões nas redações jornalísticas no processo de adaptação às novas exigências no mercado de trabalho exarcebam sobretudo, essa inquietação sobre os rumos e o entendimento sobre o futuro da profissão. Por isso, retomamos aqui o pensamento marxista sobre o fato de que o capitalismo é um sistema que gera grandes desigualdades, exploração e alienação. Embora o autor tenha formulado, todo esse conceito sobre o capitalismo no século XIX, suas discussões seguem atuais, de que “a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classe”. (MARX 1998,p.40-41).

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Giovanni. **Trabalho e Subjetividade**: o espírito do toyotismo na era do Capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo, 2011.
- AMORIN, Henrique. **As teorias do trabalho imaterial**: uma reflexão crítica a partir de Marx1 – Caderno CRH da Universidade Federal da Bahia, v.27,n.70.p.31-45,Jan/Abr 2014.
- BARACHO, Maria Luiza Gonçalves. **Em preto e branco**: o início da televisão em Curitiba. Curitiba: Travessa dos Editores, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BAUMAN, Z. **Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- BOURDIEU, Pierre, **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Razões práticas sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 3a edição. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BRASIL. LEI Nº 13.467, de 13 de Julho de 2017. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/17728053/publicacao/34619164>. Acesso em: 24 Mar.2022.
- BRASIL. PORTARIA nº 378, DE 22 de janeiro de 2016. Estabelece o cronograma de transição de transmissão analógica dos serviços de radiodifusão, de sons e imagens e de retransmissão de televisão para o SBTVD-T Disponível em: <https://www.gov.br/mec>. Acesso em: 22 Jul.2022.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. São Paulo. Editora Contexto. 2008.
- DALPÍCOLO, Sandro. **Uma nova luz na sala**: a história da TV Paranaense. Curitiba: Arowak, 2010.
- OLIVEIRA, João Maria de. A infraestrutura tecnológica do setor de tecnologias da informação e comunicação no Brasil. **Sistemas Setoriais de Inovação e Infraestrutura de Pesquisa no Brasil**. p. 271-314, 2016.
- DUARTE, Elizabeth Bastos. Televisão: desafios teóricos-metodológicos. In: BRAGA, José Luiz; MARTINO, Luiz Claudio; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; (orgs). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE; BARROS **Métodos e Técnicas de Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE JORNALISTAS - FENAJ - <https://fenaj.org.br/mp936-afeta-mais-de-4-mil-jornalistas/>. Acessado em: 15 Mar.2022.

FIGARO, Roseli. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Atlas, 2014.

FOLQUENING, Victor. **O Jornalismo é um humanismo**: representações sociais de estudantes de comunicação. Pos-Escrito, 2002.

FUKUYAMA, Francis . **O Fim da História e o último homem** Rocco, Rio de Janeiro 1992.

GARSCHAGEN, Sergio. **Cemitério dos elefantes**: exclusão de jornalista veteranos das redações. Rio de Janeiro: Booklink, 2012.

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005. HARVEY, David. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil no século XX**. Editora da UFBA, Salvador, 2002.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MARTINS, Célio. **Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná**. 09/Jun/2023

MARX, Karl. **Para a Crítica da economia política**: salário, preço e lucro; o rendimento e suas fontes. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da Economia Política. 2ª edição. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 1996. Volume I, livro primeiro, Tomo 1 (capítulos I a XII).

MATTOS, Sérgio Augusto Soares. **História da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. Petrópolis: Vozes, 2010.

MICK, Jacques; CHRISTOFOLETTI, Rogério ; LIMA, Samuel Pantoja. **Perfil do Jornalista Brasileiro 2021** - Características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Projeto de Pesquisa POSJOR – UFSC. Disponível em

<https://posjor.paginas.ufsc.br/files/2012/01/2020-09-28-Perfil-dos-Jornalistas-Brasileiros-2021-SAMUEL-PANTOJALIMA.pdf>. Acesso em: 20 Jun.2022.

POUPART, Jean. **A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas**. Petrópolis: Vozes, 2010.

PITHAN, Liana Haygert. **Mudar ou partir: o impacto da era de demissões da imprensa sobre jornalistas**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/184529>. Acessado em 15 Fev. 2022.

PITHAN, Liana H.; VACLAVIK, Marcia C.; OLTRAMARI, Andrea P. Carreiras vulneráveis: uma análise das demissões da mídia como um ponto de inflexão para jornalistas. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 18, n.1, p.158-171, 2020.

PAVLÍK, J.; MOREIRA, S. V. O impacto das novas tecnologias da informação na prática do jornalismo. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 23, n.1, 2004. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/2009>. Acesso em: 15 Jul.2022.

REYNA, Víctor Hugo. **Las salas de redacción como no lugares**. Universidad De La Salle Bajío, León – Guanajuato – México 2021.

SALAVERRÍA, R. Mídia e jornalistas: um futuro em comum? **Revista Parágrafo**. v.1, n.3, jan./jun. 2015.

ROSA, Caroline Petian Pimenta Bono; AND TONIAZZO, Gladis Linhares. TV Digital: a atuação das emissoras nos Estados brasileiros. In: Gobbi, Maria Cristina; Kerbauy, Maria Teresa Miceli. **Televisão digital: informação e conhecimento**. São Paulo: UNESP (2010): 255-271.

SAAD FILHO, Alfredo. (2009) Teoria marxista do valor: uma introdução. **Análise Econômica**. ano 21, n. 40, 2003, p. 150-177.

SANTOS, Vinicius Correia. **Da era fordista ao desemprego estrutural da força de trabalho: mudanças na organização da produção e do trabalho e seus reflexos**. Artigo submetido ao VI Colóquio Internacional Marx e Engels nas RJLB, Ano 8 (2022), nº 6\_\_\_\_87\_ seções de comunicações do Grupo Temático 9 - Trabalho e produção no capitalismo contemporâneo, no ano de 2009. Disponível em <https://www2.unifap.br/glauberpereira/files/2015/12/Artigo-TGA-IV.pdf>. Acesso em 28 Jun.2022.

SILVA, Nair Moreira. A convergência das redações e as divergências nos jornalistas. **PRISMA.COM** n.º 20, 2013. Disponível em <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/1922/3196>. Acesso em 20 Jul 2021.

SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS DO PARANÁ – SINDIJOR-PR <https://perfildojornalista.ufsc.br/2021/11/24/mais-pessoas-negras-e-menos-mulheres-no-mesmo-trabalho-exaustivo-o-perfil-de-jornalistas-no-brasil-em-2021/>: Acessado em: 14 Mar.2022.

TRAVANCAS, Isabel. S. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summum Editorial, 1993.  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA: **Perfil do Jornalista Brasileiro 2021**: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. <https://perfildojornalista.ufsc.br/>. Acesso em 23 Jul 2022.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

## **APÊNDICE A – ENTREVISTA COM CÉLIO MARTINS PRESIDENTE DO SINDIJOR/PR CONCEDIDA EM 09 DE JUNHO DE 2023.**

**Carla Mazzochin-** Como está o quadro de jornalistas nas emissoras de TV no Paraná, principalmente no interior?

**Célio Martins** - No caso das emissoras de televisão, apesar da falta de dados fornecidos pelas empresas após a Reforma Trabalhista (lei 13.467/2017), há duas questões relevantes: a redução do número de jornalistas e a substituição de profissionais mais experientes, com salários maiores, por profissionais em início de carreira, com salários menores.

**Carla Mazzochin-** Que análise o senhor faz das demissões que ocorreram nas emissoras de TV, principalmente no interior nos últimos 20 anos?

**Célio Martins** - O balanço de demissões os últimos 20 anos tornou-se impossível após a Reforma Trabalhista (lei 13.467/2017), que revogou os parágrafos 1º e 3º do art. 477 da CLT, desobrigando as empresas de fazerem a homologação junto ao sindicato da categoria profissional. Com isso, as entidades sindicais ficaram impossibilitadas de registrar corretamente o número de demitidos. Mas, os números coletados antes da Reforma Trabalhista comprovam que houve redução do número de jornalistas nas empresas de rádio, televisão e jornais. Entre 2011 e 2013, dez empresas no Paraná demitiram 156 profissionais. Ao todo, foram 287 demissões no período em todas as empresas no estado, em rádio, TV e jornal. De 2014 até outubro de 2015, foram mais 123 demissões contabilizadas somente nas dez primeiras colocadas que despontam no ranking do Sindijor Paraná. Ao todo, somando todas as empresas, são quase 200 demissões no período. Na ponta do lápis, totalizaram 487 demissões de jornalistas entre 2011 e 2015 no Paraná.

**Carla Mazzochin** - As emissoras de TV no interior tinham quadros maiores, com equipes de produção, repórteres e de editores bem completas, mas hoje, estão bem reduzidas. A que o senhor atribui essa mudança tão drástica no número de jornalistas contratados?

**Célio Martins** - A redução do número de jornalistas se deu por vários fatores. Mas é possível destacar as medidas das empresas para reduzir gastos com a folha de pagamento, acúmulo de função e as mudanças tecnológicas. No primeiro caso, além da troca de profissionais com maiores salários por contratados com salário mais baixo, as empresas procuraram “enxugar” seus quadros para reduzir custos. Muitas empresas entendem a contratação como um gasto, e não como investimento, o que é um erro. No segundo caso, muitas funções que eram distintas passaram a ser exercidas por um único jornalista. Um exemplo é o caso das TVs que colocam os repórteres cinematográficos como motoristas da equipe. Essa prática vem se tornando

comum. No caso da tecnologia, várias funções acabaram. Até os anos 2000, muitas equipes de reportagem eram formadas por um repórter, um repórter cinematográfico, um motorista e um operador de VT, que também fazia o trabalho de iluminador. Hoje, há exemplo que o repórter sozinho representa toda a equipe: ele dirige o carro, grava as imagens, entra ao vivo, faz entrevistas.

**Carla Mazzochin** - Muitas mudanças também ocorreram na produção de programas jornalísticos, as emissoras estão quase sem jornal local. O que aconteceu na análise do Sindicato?

**Célio Martins** - Produzir jornalismo é caro. Para fazer um telejornal local, com reportagens de rua, uma empresa precisa investir quantidade razoável de recursos. Com a redução de receita oriunda de publicidade – grande parte do bolo publicitário foi para a internet –, a saída encontrada por muitas emissoras foi reduzir a produção de jornalismo local, preenchendo o espaço com produção nacional, seja de jornalismo ou de entretenimento. Isso é ruim para as comunidades locais, que, muitas vezes, são obrigadas a buscar informações na redes sociais e acabam consumindo fake news.

**Carla Mazzochin** - Na sua opinião como representante da categoria, a internet veio para piorar, mudar ou para auxiliar a produção jornalística local? Qual a visão do Sindicato sobre essa questão?

**Célio Martins** - A internet permitiu que todas as pessoas possam ser produtoras e divulgadoras de informações. Se, por um lado, facilitou o acesso a informações, por outro, permitiu a disseminação de informações falsas, a chamada desinformação. O jornalismo profissional, ético e de interesse público precisa estar presente na internet, precisa ocupar espaços na web. As ferramentas de divulgação da rede, a facilidade de fazer as informações chegarem em tempo real, em qualquer lugar, pode sim ser um aliado do jornalismo. Mas é preciso levar em consideração que, em muitas situações, o jornalismo profissional requer tempo de apuração, verificação de dados, o que garante confiabilidade. E esse é um diferencial determinante.

**Carla Mazzochin** - Na análise do Sindicato, o telespectador está sendo bem atendido pelas emissoras de tv, com cardápio de notícias que realmente interessam à população?

**Célio Martins** - Há emissoras que, em busca de audiência, tem investido nos chamados programa populares. São noticiários focados em casos policiais, tragédias pessoais e há até mistura de jornalismo com entretenimento. Essa fórmula sempre houve na televisão, mas com o foco na audiência a qualquer custo, o modelo vem se tornando preponderante. É preciso elevar o nível do jornalismo local, reservar mais tempo aos grandes temas de interesse público, os quais atingem toda a população.

**Carla Mazzochin** – O senhor acredita que existe uma competição entre internet e as emissoras de TV?

**Célio Martins** - As principais emissoras de televisão, assim como os jornais, possuem hoje portais de notícias e estão presentes nas redes sociais. A produção jornalística profissional, confiável, que circula da internet é, em grande parte, produzida por essas empresas tradicionais de jornalismo. E também há bom jornalismo na internet sendo produzidos por atores que surgiram no mundo digital. Não tem origem na tv, no rádio ou jornal tradicionais. São portais de notícias puramente digitais. E há ainda jornais tradicionais que abandonaram o impresso e se transformaram em veículo puramente digital, como é o caso da Gazeta do Povo, no Paraná.

**Carla Mazzochin** - A função social do Jornalismo está em cheque com as fake news?

**Célio Martins** - O jornalismo ético e de interesse público é um antídoto às fake news. Nos últimos anos, a desinformação ganhou espaço que antes era ocupado pelo jornalismo, mas, aos poucos, as pessoas começam a ter consciência dos danos causados pelas fake news. A população deve ter acesso a informações seguras, e o jornalismo comprometido com a apuração e verificação dos fatos é que pode oferecer essas informações. A desinformação é uma ameaça à democracia, considerando que leva as pessoas a erros e interfere em todos os setores da sociedade. Um exemplo é a interferência em eleições.

**Carla Mazzochin** - Como é para o senhor o futuro do jornalismo nas emissoras de tv, principalmente no interior? Tem espaço para novas contratações e elas vão acontecer?

**Célio Martins** - Previsão para o futuro foge um pouco do ofício do jornalista, que precisa se prender a fatos. Mas com base em fatos atuais, é possível fazer projeções, prever tendências, sempre com grande risco de erros. Na minha avaliação, tudo vai depender de como as TVs vão ocupar espaços nas novas plataformas de informação. Também depende muito de como essas emissoras tradicionais irão conseguir receitas financeiras nesse novo mundo da informação digital. Está em discussão no Congresso Nacional a remuneração por uso de conteúdo jornalístico pelas grandes plataformas digitais. O que seria essa remuneração: seria a obrigatoriedade das chamadas big techs pagarem às empresas de mídia tradicional pelo uso de conteúdo jornalístico que estas produzem. Hoje, quando você posta numa rede social uma notícias (em texto, vídeo ou áudio) que foi produzida por uma empresa jornalística, a plataforma em que você posto ganha muito dinheiro como esse conteúdo, mas quem produziu não recebe por isso. Em vários países já foram aprovadas leis que obrigam as big techs a pagarem pelo uso de conteúdo jornalístico. Essa pode ser uma forma de financiar o jornalismo de qualidade e os jornalistas profissionais.

**Carla Mazzochin** - Quanto a questão salarial? O salário do jornalista hoje, está no patamar justo?

**Célio Martins** - No Paraná, os salários dos jornalistas hoje estão com uma defasagem de 10,77% na comparação com os salários registrados antes da pandemia de Covid 19. Essas perdas foram acumuladas nos anos de 2020, 2021 e 2022. Agora em 2023, as empresas aceitaram repor 100% da inflação, com base no INPC, dos últimos 12 meses, mas se recusaram a repor as perdas dos anos anteriores. Para mensurar, o piso salarial dos jornalistas no estado hoje é de R\$ 4.233,60. Ser fosse corrigido com as perdas dos três anos anteriores, chegaria a cerca de R\$ 4.689,56. E essas perdas ocorreram em todos os estados, alguns com percentuais maiores. Outro dado é que o piso do Paraná é o maior do país, o que mostra a precarização da profissão. Há Estado em que o piso não chega a 2 mil reais.

**Carla Mazzochin** - A exigência do diploma para o exercício da profissão, vem sendo uma das grandes preocupações e aspirações da categoria. O senhor acredita que há chance de ser reconquistado? Essa desobrigação ao seu ver pode ter deixado a carreira jornalística mais vulnerável e exposta às fake News?

**Célio Martins** - A decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), que retirou a exigência do diploma para ser jornalista, causou graves danos não só ao jornalismo, mas à toda a população. O avanço da desinformação se deu, em grande parte, pela predominância dos disseminadores de fake news. A população perdeu a referência, não sabe mais se determinada informação é confiável. Isso se dá porque toda pessoa pode se identificar como jornalista. É preciso dar as condições para que as pessoas possam verificar se determinado conteúdo foi ou não produzido com os requisitos do jornalismo profissional, se quem produziu tem as qualificações técnicas para oferecer informação segura. E a PEC do Diploma vem ao encontro dessa necessidade. A PEC 206/2012, que é a PEC do Diploma foi aprovada por ampla maioria no Senado e passou por diversas comissões da Câmara dos Deputados sem objeções. Há um anseio da população hoje por informações confiáveis, o que favorece a finalização da aprovação da proposta no Congresso Nacional. Estamos fazendo um levantamento em todo o país para medir as possibilidades atuais de aprovação da PEC do Diploma e os primeiros resultados são animadores. Os primeiros parlamentares consultados deixaram evidente que entenderam o anseio da população e, especialmente, dos jornalistas profissionais, dos estudantes, dos professores e das instituições de ensino, além de diversas outras instituições da sociedade civil. Aqui no Paraná, por exemplo, dos 21 deputados federais que se manifestaram até agora, nenhum declarou ser contra a PEC do Diploma. Desses, 19 declaram voto imediato a favor da proposta.

Os outros dois manifestaram simpatia e deram apoio à medida, mas aguardam uma decisão coletiva do partido para declarar votos. Há estado, como Tocantins, que todos os deputados federais declararam voto favorável à PEC. Mas o trabalho ainda está no começo. Para a aprovação são necessários, no mínimo, 308 votos dos 513 parlamentares.